

Da mesma autora de *Melhor do que nos filmes*

LYNN PAINTER

intrínseca

SORTE NO AMOR



Quem se apaixonar primeiro ganha

LYNN PAINTER

SORTE NO AMOR

Tradução de
Sofia Soter



Todos os direitos desta edição reservados à

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P163s

Painter, Lynn

Sorte no amor [recurso eletrônico] / Lynn Painter ; tradução Sofia Soter. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2025.
recurso digital

Tradução de: The love wager

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-85-510-1052-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Soter, Sofia. II. Título.

25-97014.0 CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439





intrinseca.com.br



[@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

Folha de rosto

Mídias sociais

Dedicatória

Agradecimentos

Sobre a autora

Para Kevin,

~~*Eu amo que você sempre tem uma mochila preparada para
acampar.*~~

~~*Obrigada por nunca fazer bife bem passado.*~~

~~*Lembra aquela vez que levamos vodka no trem para Nova York?*~~

~~*Porque você consegue pegar coisas com os dedos dos pés.*~~

~~*Simplesmente: consertos de automóvel da Pam Anderson.*~~

~~*Suas mãos são grandes que nem as do Cara do Romance.*~~

~~*Porque sei que você saberia o que fazer em um apocalipse zumbi.*~~

~~*Porque você ainda prefere a mim em vez de um cachorro.*~~

~~*Você é o vento que me faz voar.*~~

~~*Saudade das boinas que você usava quando a gente morava em
Chicago.*~~

Você é meu lugar feliz. ♥

Capitula UM

Hallie

multo
black-tie

Bourbon?

Rye

bitter

Pense, pense, pense

de onde ela brotou?

garçonete

garçonete

boca

gente mais precisa?

Cadê a “Macarena” quando a

Há quanto tempo?

*hoje de manhã
comigo*

*aliança.
aceita ser uma bruxa ciumenta pelo resto da minha vida*

Agora

nem fodendo

demais

Van

problema

você
Mil

whiskey sours

Jura, universo?

Ugh

Schitt's Creek.

Ela me chamou mesmo de CDF? Nossa senhora.

serial killer

nosso

bob
Louca

Sexta-Feira Muito

Desastre ambulante. Desastre ambulante.
mesmo

Desastre ambulante

mim *ele*

Sério, cara?

Jack

sim

você

ela

muito

Capítulo

DOIS

Hallie

Meu Deus do céu.

Espera aí. Como é que é?

Ai, meu Deus.

Não, não, não, não.

AH.

Não.

Idiota, idiota, idiota.

*imagina Oi, se lembra de mim? Sou a bartender que
arrancou todos os botões da sua camisa social.*

*fluidos fisiológicos por todos os lados, sabe Deus o
que brilharia na luz negra, ecaaaaa*

Por favor, continue dormindo.

*Por quê, sua tonta?
Para que você está fazendo isso? Engatinhar não te deixa invisível, sua
otária.*

Foda-se

*Talvez eu
stalkeie ele e mande uma mensagem. “Valeu pela trepada maneira, queridão...”*

Putá merda, não sei nem o sobrenome dele!

Jack

segundos

que

sei

solitário

divertir

você

Hallie

Uma semana depois

Sexo regado a bebida no hotel.

isso

reality shows

amava

reality shows

delay

Jura?

Capítulo TRÊS

Hallie

— Ai, que bom que você chegou!

Ruthie, colega de apartamento de Hallie, estava parada na porta, como se a estivesse esperando. Ela usava um avental estampado com o tronco bombado de um homem usando uma sunguinha onde se lia *Quer linguiça?* em letra cursiva.

— Acabei de fazer um bolo de banana e quero sua opinião — continuou.
— Manteiga ou não?

Hallie deu a volta e entrou no apartamento.

— Quer minha opinião sobre a manteiga?

Ruthie caiu na gargalhada.

— Quero sua opinião sobre o bolo. Você quer com manteiga ou não?

Hallie estava cheia e sem vontade de comer bolo de banana, mas não queria magoar Ruthie. Principalmente porque estava prestes a magoá-la ao dizer que iria se mudar.

— Sem manteiga, por favor.

Ruthie foi literalmente correndo até a cozinha estreita e abriu a geladeira.

— Você sabe o que *eu* acho de manteiga — gritou —, então vou tacar uma caralhada de manteiga nesse bolo, menos nas suas fatias. Vou tacar uma quantidade tão grande que deveria ser ilegal.

Hallie largou a bolsa no chão e tirou os sapatos.

— Não tenho dúvidas.

Ruthie Kimball era uma pessoa absolutamente ridícula. Era irmã de uma colega de trabalho de Hallie na joalheria, motivo pelo qual acabaram morando juntas. Hallie nunca conhecera ninguém tão incrivelmente imprevisível. Ela nunca fazia a menor ideia do que Ruthie ia fazer, dizer ou pensar.

Ruthie sempre andava de moto, não importava o tempo. Se a temperatura estava abaixo de zero, ela se embrulhava em um casaco acolchoado, subia na “máquina” e dava voltas pela cidade como se fosse normal pingar gelo do nariz.

E, sim, ela chamava a moto de “máquina”.

O tempo todo.

Ruthie amava fazer doces, mas odiava cozinhar outras coisas. Tinha piercings pelo corpo todo, mas chorava que nem bebê quando precisava tomar injeção. Cuidava de Hallie como uma irmã mais velha, fazia doces para ela e passava as roupas que Hallie esquecia na secadora, mas frequentemente brigava aos berros pelo telefone com a irmã de sangue, gritando coisas do tipo “Eu bem queria te atropelar com minha máquina, mas seu cuzão de merda provavelmente ia foder com minha suspensão” antes de jogar o telefone pela janela.

De alguma forma, o telefone nunca quebrava. Hallie imaginava que devia cair na grama macia.

Ruthie era magra, de estatura média, e tinha a cabeça inteiramente raspada, porque achava cabelo “uma burrice do caramba”. Tinha olhos azuis imensos e rosto de fada — parecia a Ariel, de *A Pequena Sereia* — e participava de um clube da luta supersecreto que sempre a deixava toda roxa.

No ano anterior, por um momento, Hallie imaginou que alguém estivesse espancando Ruthie e que o clube fosse só uma desculpa, mas, quando finalmente teve coragem de perguntar, Ruthie caiu no choro, comovida pela preocupação.

Depois, mostrou a Hallie umas cem fotos de mulheres ensanguentadas e machucadas se enfrentando no que parecia ser um porão.

— Aqui está — disse Ruthie, voltando correndo da cozinha com um prato que entregou a Hallie. — Receita da minha avó, mas com uma pitada de magia da Ruthie.

— Você sabe que não posso comer doce de maconha — disse Hallie, olhando a fatia de bolo. — Pedem exames aleatórios no meu trabalho.

— Não tem drogas, prometo. A magia é só uma gotinha de vinagre.

Hallie cheirou o bolo antes de morder.

— Hummm — gemeu, com sinceridade. — Que delícia!

— Eba!

Ruthie deu uma estrela e derrubou a luminária de piso. Quando a endireitou, acrescentou:

— Escuta, vou tirar um cochilo. Conheci uma moça chamada Bawnda que faz nado sincronizado e disse que topa me ensinar, se eu não me incomodar de trabalhar de madrugada.

— Então... é um emprego?

— Não me escutou? — perguntou Ruthie, sorrindo, e balançou a cabeça como se a ridícula fosse Hallie. — Vou fazer *nado sincronizado* de madrugada, não trabalhar, então preciso dormir agora. Boa noite, Hallie baba.

— Boa noite — disse Hallie, e olhou para o relógio do micro-ondas, que indicava sete da noite.

A conversa sobre a mudança ia ter que esperar.

* * *

Chuck: Então, como andam as coisas por aí?

Hallie pegou a taça, tomou o último gole de Riesling e respondeu com *por enquanto, tudo bem*. Ela estava sentada na cama, com o celular, desde as oito, olhando os homens disponíveis. Já tinha ouvido piadas sobre os perfis de homens serem péssimos naqueles aplicativos, e não era mentira. Se o que vira até então fosse indicativo da espécie masculina de modo geral, significava que realmente acreditavam que tirar um retrato deles segurando um peixe era uma ótima ideia para foto de perfil.

Chuck: Jamie quer saber se você já virou a doida dos matches.

Hallie riu e respondeu: Ainda nem dei like em ninguém. Estou só olhando.

Ela estava surpresa com a quantidade de homens bonitos. Simplesmente não esperava que tantos espécimes relativamente atraentes estivessem ali. Porém, já encontrara alguns problemas.

Hallie: Um cara é bonito, mas está usando boné para trás e bebendo cerveja em todas as fotos. Outro tem um rosto bonito, mas o fato de achar que exibir a cabeça de um cervo que matou vai atrair alguém me diz que não somos almas gêmeas.

Hallie revirou os olhos ao ler a resposta de Chuck: Se joga logo, sua cagona!

Ela ia fazer isso no seu tempo, talvez passar uns dias sem dar like em ninguém. Não tinha pressa...

— Puta merda!

Hallie semicerrou os olhos e clicou no perfil. Parecia muito o cara do casamento...

Jack Marshall.

É.

Nossa senhora, era ele.

A foto era do casamento — ela nunca esqueceria aquele terno —, então fora tirada na noite em que acabara no rala e rola com ele. Jack estava sorrindo, erguendo uma taça de champanhe — provavelmente na hora do discurso —, e, cara, que ser humano estonteante.

Opa, ele era arquiteto paisagista. Parecia... interessante.

Por algum motivo, Hallie ficou surpresa de ver alguém como ele no aplicativo. Ele parecia confiante e charmoso demais para estar solteiro.

Até que ela lembrou.

Meu Deus do céu, o cara tinha comprado uma aliança para pedir a namorada em casamento fazia *uma semana*. Uma semana antes, Jack estava apaixonado a ponto de querer casar, e agora ele já estava procurando mulher em aplicativo de namoro?

Obviamente tinha alguma coisa muito errada ali.

Ela não sabia bem por quê, mas queria zoar com ele. Hallie clicou na caixa de mensagem e começou a digitar.

Hallie: Oi, Jack, aqui é a Hallie, a bartender do casamento da sua irmã! Por que você não me ligou? Achei que a gente tinha se dado bem, e que você ia me telefonar, mas... perdeu meu número?

Ela prendeu a respiração ao ver os pontinhos da mensagem. Cacete, ele estava respondendo! Provavelmente estava surtando porque uma ficante tinha corrido atrás dele, e a ideia a fez cair na gargalhada.

Depois de alguns minutos, chegou a mensagem:

Jack: Oi, Hallie. Eu me diverti muito com você depois do casamento, e você parece uma pessoa legal.

Ai, meu Deus, ele achou que Hallie estava falando sério. Ela digitou:

Hallie: Nossa, Jack, relaxa. Estou só de zoeira. EU NÃO QUERO NAMORAR COM VOCÊ.

Jack: Ah, uau, ok.

Hallie : Vi seu perfil enquanto procurava por uma alma gêmea e achei que seria divertido te matar do coração. Nunca te dei meu número e não estava esperando você me ligar.

Pontinhos surgiram e sumiram. Surgiram e sumiram. Até que finalmente ele mandou:

Jack: Então... você está mesmo atrás de amor?

Hallie: Patético, né? Mas não se preocupe, você não está na lista.

Jack: Primeiro, estou fazendo a mesma coisa, então não, não é nada patético. Segundo, não acredito que não estou na sua lista depois da noite incrível que passamos juntos.

Hallie resmungou e desviou o olhar; não acreditava que ele tinha mencionado aquilo. Porém, não conteve o sorriso ao digitar:

Hallie: A gente bebeu tanto... aquela noite virou um borrão na minha mente.

Jack: Mas...?

Ela guinchou e bateu os pés no colchão, sem acreditar que eles estavam tendo aquela conversa.

Hallie: Mas o quê? Foi uma noite legal, só isso.

A verdade era que a noite tinha sido ardente e deliciosa, mas Hallie estava caindo de bêbada, então não significou nada. Ela teria ido para cama até com Caco, o Sapo, depois de uma boa dose de uísque.

Jack: Legal?? Fala SÉRIO, Hal.

Por algum motivo, o apelido deu um frio na barriga dela, então Hallie respondeu: Não vou falar disso. Não me lembro de nada.

Era uma mentira deslavada. Ela se lembrava de cada mínimo detalhe daquela noite, do primeiro beijo na cozinha à mão dela no botão para parar o elevador e ao toque das palmas calejadas dele ao apertar o seu quadril na cama *king size* do hotel.

Jack: Você não quer saber do barulhinho gostoso que você faz quando...

Hallie: NÃO, PELO AMOR DE DEUS.

Jack: Eu ia dizer “espirra”. Mas estou com seu sutiã, se você quiser de volta.

Hallie: Onde é que ele estava??

Jack: Embaixo de mim. Eu continuei deitado enquanto você se arrastava pelo chão ao redor da cama.

Hallie chegou a gritar, mas baixo o suficiente para Ruthie não vir correndo com um florete de esgrima.

Hallie: Você estava fingindo dormir?!

Jack: Ficou óbvio que você queria sair de fininho, então não quis atrapalhar.

Ela riu e respondeu:

Hallie: Ah, hum, obrigada, acho...?

Jack: De nada...?

Hallie ajustou os travesseiros para ficar mais confortável, e mandou: Então me diga, Jack Marshall. O que está procurando neste aplicativo? DIGA APENAS A VERDADE.

Ela não estava esperando a verdade de fato, então a resposta a chocou profundamente.

Jack: Tá, apenas a verdade. A verdade é que eu tenho muitos amigos e um bom emprego, e até saio de vez em quando, mas quero uma relação mais significativa na minha vida. {aqui é a deixa para você rir do meu desespero}.

Hallie ficaria comovida se não fosse pelo fato de que na semana anterior ele *tinha* uma relação significativa. Que necessidade desesperada de casar! Ainda assim...

Hallie: Apenas a verdade: estou procurando mais ou menos a mesma coisa.

Como não queria que ele entendesse mal, ela acrescentou: Mas não com você, então não precisa ficar nervoso de novo.

Jack: Fica tranquila, sem nervosismo.

Hallie: Bom, boa sorte na busca pela mulher perfeita.

Jack: Boa sorte pra você também. Seu sutiã está pendurado no retrovisor do meu carro, caso você mude de ideia e queira ele de volta.

Hallie: Tarado.

Jack: Ou eu posso guardar de troféu.

Hallie: Sabe, você parece meio obcecado com aquela noite.

Jack: Estou meio obcecado com aquele elevador.

Hallie sentiu um frio na barriga e conseguiu digitar. Boa noite e boa sorte, Tarado antes de fechar o aplicativo e apagar a luz. Ela precisava dormir, e muito.

Jack

Jack olhou o celular, com um sorriso bobo.

Ele fechou o computador — já tinha trabalhado demais aquela noite — e foi até a cozinha. Ainda tinha caixas espalhadas por ali, mas a casa nova estava começando a parecer de fato uma casa. Jack abriu a geladeira e pegou o leite, então se serviu enquanto ainda pensava em Hallie.

Ela era gata, sim, e ele ainda não conseguia parar de pensar naquela noite. E, ainda por cima, Hallie parecia realmente *divertida*.

Fazia muito tempo que ele não se sentia daquele jeito.

Jack não tinha interesse em namorar alguém com quem havia ficado, e Hallie fizera questão de dizer que não tinha interesse *nele*, mas ele estava estranhamente feliz por ela ter decidido zoá-lo no aplicativo.

Hallie o lembrara que era possível se divertir.

Ele guardou o leite na geladeira e, ao fechá-la, viu o sr. Miaugi fitá-lo com aqueles olhos insuportavelmente fofos de gatinho. Fazia apenas três dias que Jack o adotara, e ainda estava decidindo se tinha cometido um grande equívoco.

— Isso aqui é meu, cara — disse ele, pegando o copo. — Não é seu.

A coisa — o *gato* — miou, e o barulhinho o fez parecer ainda menor e mais desamparado do que era. Jack revirou os olhos, balançou a cabeça e deixou o copo de leite no chão.

— Aqui, seu pidão — falou, se agachando para fazer carinho na bolinha de pelo irritante bebendo leite. — Mas foi a última vez.

Miaugi começou a ronronar, como se dissesse: *Até parece*.

Capitula
QUATRO

Hallie

Ainda.

ainda

AMANHÃ

FUI FLISP EM GD. VOLTO

flisp

GD

Jack: Oi, Bartenderzinha. Como vai a caça?

Hallie: Você sabe mesmo capturar o romantismo da coisa.

Jack: Perdão. Vou tentar de novo. Já encontrou um homem por meio do catálogo de compras de almas gêmeas?

Hallie: É exatamente isso, né?

Jack: Só que, em vez de lindas joias por apenas 14,99, você fica ponderando sobre levar o Cara Que Pegou Um Peixe ou não.

Hallie: Eu até queria ficar aqui zoando nossa vida amorosa, mas tenho um encontro hoje.

Jack: Como é que é?

Hallie: Cliquei no primeiro cara que encontrei sem uma criatura morta na foto de perfil (e que não parecia um ogro), e ele até que é simpático.

Jack: Uau. Ele até que é simpático? É esse o critério: simpático?

Hallie: Qual é o problema de ser simpático?

Jack: Nenhum. Quer dizer, você certamente não pode morrer sem uma pentada violenta do cara “simpático”.

Hallie: Eca, pode me explicar o que exatamente seria uma “pentada violenta”? Parece... complicado. Dolorido. Acho que talvez você esteja fazendo tudo errado.

Jack: HAL.

Hallie: Estou zoando a terminologia E SÓ.

Jack: Tenho que concordar que pentada é uma expressão horrível. Posso sugerir outras opções para você aprovar? Também tenho um encontro hoje e não quero dizer nada ofensivo.

Hallie: ESPERA AÍ. VOCÊ TEM UM ENCONTRO? Foi pelo aplicativo? Me conta tudo.

Jack: Relaxa aí. Foi pelo aplicativo, sim. De acordo com o perfil, ela é loira, trabalha com marketing, gosta de correr e de pentadas violentas.

Hallie: Haha. Você está animado?

Jack: Na real? Nem um pouco. Ela pareceu legal enquanto conversávamos, mas encontrar alguém pela primeira vez já com a expectativa de amor/namoro me deixa muito nervoso. Química é a coisa mais importante em um primeiro encontro, e é muito difícil que surja naturalmente quando tudo parece seguir uma fórmula.

Hallie: Entendo TOTAL. Tomara que nós dois tenhamos noites maravilhosas.

Jack: E que tal “tregar”?

Hallie: Não, não rola.

Jack: Que tal “rala e rola”?

Hallie: Parece um acidente.

Jack: Brincar de médico?

Hallie: Vai transar ou fazer um exame?

Jack: Já sei. “Pimba na bacurinha”?

Hallie: Você não vai tregar, ralar e rolar, brincar nem pentar se falar qualquer uma dessas coisas.

Jack: E “fazer amor”?

Hallie: Cheguei a vomitar um pouquinho aqui.

Jack: TÁ BOM. Só vou levar ela para jantar e bater papo. Você estragou tudo.

Hallie: Bem, boa sorte, Jack.

Jack: Boa sorte, Bartenderzinha.

Hallie: Não sou mais bartender, por sinal.

Jack: Você vai ser para sempre MINHA bartenderzinha. Mas o que rolou? Foi demitida pela pentada violenta com o padrinho do casamento?

Hallie: Vou ignorar sua babaquice. Eu pedi demissão dos meus dois empregos de meio período para ser uma adulta em período integral.

Jack: Então, se eu quiser devolver aquela aliança...

Hallie: Vai ter que perturbar outra pessoa.

Jack: Que pena. Você rapidamente está se tornando minha pessoa preferida para perturbar.

Hallie: Até mais, Jack.

Jack: Até, BT.

Hallie: Isso é sigla para quê? Botulismo tetânico?

Jack: Era para bartender. Peço perdão por apelidá-la com o nome de uma doença.

Hallie: Espero que você nunca mais me chame assim.

Jack: Até parece.

Jack

mesmo

alguma

jantar

ecaaaa

Que tipo de monstro diria “ecaaaa” para Maury, o pug?

por que

só pode

Capitula
CINCO

Hallie

Claro, porque a dieta da batata frita está super na moda, Kyle.

Eu sou o cara do imposto de renda agora?

Por favor, que não seja o Kyle

Jack: E aí? Encontrou o amor?

Hallie: Nada. Encontrei um cara que ficou chateado quando eu falei que não ia fazer o imposto de renda dele.

Jack: Eita. Que droga, BT.

Hallie: Eu não pedi pra você não me chamar assim?

Jack: Pedi, mas não consegui me segurar.

Hallie: E você? Como foi seu encontro?

Jack: Não foi um encontro, foi uma entrevista.

Hallie: Ela perguntou coisa demais?

Jack: NÃO. Eu perguntei um monte de coisas para ela — e aí, o que você faz, você cresceu aqui etc., etc. — e ela respondeu tudo. Aí... não disse mais nada, e ficou só olhando para mim ou para a comida.

Hallie: Então você fez a sua entrevista, e ela...?

Jack: Não tinha o menor interesse em me conhecer.

Hallie: Você não falou nada sobre rasga e rola, né?

Jack: É rala e rola, e não. Talvez devesse ter falado.

Hallie: Ela pareceria sua alma gêmea se TIVESSE topado um rala e rola?

Jack: De jeito nenhum.

Hallie: Acho que estou supondo demais. Talvez você não esteja procurando uma alma gêmea.

Jack: Não, estou, sim.

Cam?

Stran?

Vanessa.

ela.

tão

Hallie: Tá, não fica puto, porque não estou julgando, mas, tipo, você ACABOU de terminar um relacionamento muito sério. Como você já está atrás de uma alma

gêmea?

Jack: A pergunta é justa, então eu permito.

Hallie: Valeu, hein.

Jack: Sei que parece esquisito, mas acho que eu e Vanessa estávamos só seguindo a maré. Tipo, por fora parecia sério, mas, no que é mais importante, não era assim. Faz algum sentido?

Jack: A gente deu todos os passos — morar juntos, quase noivar —, mas, no dia a dia, não éramos tão próximos assim.

deles Vocês eram tipo colegas de
apartamento que transavam?

era

Jack: É, chega a ser deprimente.

Jack: Mas, apesar do erro com a Vanessa, eu realmente quero encontrar alguém.

Hallie: Para algo além de rala e rola?

Jack: Para ralar & rolar o resto da vida. Quero encontrar a pessoa que me completa.

Hallie: Ninguém mais usa esse & direito.

Jack: A gente deveria fazê-lo virar tendência de novo.

Hallie: Deveria mesmo. Hallie & Jack deveriam.

Jack: E você, o que você procura na sua alma gêmea? Se um gênio do Par Ideal aparecesse e te concedesse um desejo amoroso, o que exatamente você pediria para encontrar?

Hallie: Alguém que goste mais de mim do que qualquer outra pessoa no mundo.

Jack: Gosta? Não é pedir pouco?

Hallie: Estou falando de amor, claro, mas é que quero passar o resto da minha vida com a minha pessoa preferida. A pessoa que me faz rir, que me entende, que gosta de como eu penso. Romance é legal, mas eu quero ficar com a pessoa

para quem eu posso contar tudo que acontece comigo — de engraçado, de horrível, de maravilhoso.

Jack: Então você quer se casar com seu melhor amigo?

Hallie: É literalmente isso.

Jack: Boa sorte. É um pedido difícil.

Hallie: Não é mais difícil do que arranjar sua mulher dos sonhos que te completa.

Jack: Acho que o meu é mais possível.

Hallie: Discordo.

Jack: Quer apostar?

Hallie: Apostar o quê?

Jack: Quem vai encontrar primeiro.

Hallie: Não parece meio infantil apostar algo que nós dois concordamos que é importante?

Jack: Acho que não, porque a aposta não vai me fazer mudar de comportamento só para ganhar. Ainda quero a mesma coisa. Só ganho um prêmio se encontrar primeiro.

Hallie: Aah... Eu GOSTO de prêmios.

Jack: Né? Eu já odeio esse aplicativo e os encontros, e não estou a fim de continuar. Mas, se tiver um incentivo divertido, e estiver nessa com outra pessoa, talvez não pareça uma tarefa interminável e deprimente.

Hallie: Então tem que ser um prêmio bem bom.

Jack: Claro.

Hallie: Bom, que serviços você oferece?

Jack: (Hum... elevador) O que exatamente você quer dizer?

Hallie: Por exemplo, eu sou contadora. Posso declarar seu imposto de renda se perder. E o noivo da minha irmã é dono de uma concessionária da Toyota, então, se você estiver interessado em um Corolla zero, arranjo um bom desconto. O que você pode fazer por mim?

Jack: Por favor, dê um tiro na minha cara se eu me interessar por um Corolla, e imposto é coisa de otário. Quanto ao que tenho a oferecer, sou arquiteto paisagista, então posso projetar um oásis no seu quintal que fará você nunca mais querer sair de casa.

Hallie: Parece uma maravilha, mas eu moro em apartamento.

Jack: Eu tenho uma lua de mel em Paris já paga.

Hallie: Pronto. É isso. Se eu ganhar, levo Paris.

Jack: Ok, hum, eu não tinha acabado (você não viu os pontinhos, Piper?). Eu ia dizer que já paguei a lua de mel que comprei para Vanessa, mas que, já que não vou mais, posso te dar minhas milhas.

Hallie: Depois de achar que ia ganhar uma viagem para Paris, as milhas parecem um mero cupom. Pode continuar pensando.

Jack: Eu tenho MUITAS milhas. Mais do que o suficiente para você viajar de graça para onde quiser.

Hallie: Ainda é uma decepção, mas aceito.

Jack: E você, o que pode me dar? Só topo quando você me oferecer alguma coisa boa.

Hallie: Você gosta de beisebol?

Jack: Gosto.

Hallie: Quando terminei com meu ex (ele era horrível, então não me julgue), eu roubei uma bola de beisebol autografada dele só pra deixar ele triste.

Jack: Safada. Eu não sou muito de colecionar autógrafo, mas quem assinou?

Hallie: Os Cubs.

Jack: De Chicago? E quais jogadores?

Hallie: Todos do time que ganhou a World Series.

Jack: Peraí, me dá um minuto.

Hallie: O que você tá fazendo aí?

Jack: Tentando recuperar o fôlego. Quer dizer que você tem uma bola de beisebol assinada por todo o time vencedor da World Series de 2016?

Hallie: Isso.

Jack: Eu fui ao sétimo jogo com meu irmão, meu pai e meu tio Mack. Foi incrível.

Hallie: Então a bola serve para incentivar sua procura pelo amor?

Jack: Sem dúvida. Puta merda, meu pai vai chorar que nem uma criança e me coroar como o filho preferido se eu der essa bola de Natal para ele.

Hallie: Então você tem questões com seu pai. Saquei.

Jack: Engraçadinha. Essa aposta é genial. Eu literalmente não vou desistir nunca e vou dar tudo de mim para arrumar uma namorada só porque preciso dessa bola antes do Natal.

Hallie: Já estamos em setembro, otário. Acha mesmo que vai encontrar o amor nesse meio-tempo?

Jack: Vou me matar tentando. O voo grátis não te dá o mesmo ânimo?

Hallie: Assim, mais ou menos. Estou LOUCA por férias, mas, visto que ainda vou ter que arcar com a hospedagem e com os outros gastos, acho que vou acabar adiando para sempre.

Jack: Só tem graça se você se dedicar, Hal.

Hallie: Vou tentar, prometo.

Jack: E se eu acrescentar cinco noites no hotel da sua escolha?

Hallie: Aah, acho que agora temos um acordo.

Jack: Só pra constar, aceitei porque sei que não vou perder.

Hallie: Até parece.

Jack: Ei, aqui meu número, para a gente trocar mensagem sem precisar desse aplicativo.

Hallie: Você é obcecado por mim, que nojo. Toma meu número.

Jack: Mandou o número bem rápido, Piper.

Hallie: Mandou uma resposta bem boba, Marshall.

speed dating

speed dating

nunca

Capítulo

SEIS

Hallie

Hallie empurrou a porta e saiu do Starbucks, feliz por ter decidido chegar um pouco mais cedo. Ela estava ridiculamente nervosa por falar com tanta gente em sequência e precisava de uma dose caprichada de cafeína para relaxar.

Não tinha como dar errado, né?

Ela ia encontrar Jack em frente ao café às 19h40, e dali eles iam andar as duas quadras até o bar onde seria o evento de *speed dating*. Antes que ela pudesse parar para pensar sobre isso, lá estava ele.

Jack veio a passos largos pela calçada, e, ao vê-lo se aproximar, Hallie percebeu que ele era ainda mais gato do que ela lembrava.

Ele era alto e bonito e tinha cabelo castanho; disso, ela lembrava. Porém, algo em seu rosto gritava malícia. O olhar de Jack brilhava enquanto ele procurava por algo, provavelmente ela, ali na entrada. Quando ele a viu, abriu um sorriso e seus olhos se enrugaram nos cantos.

Cacete — ele era tão gato que chegava a ser ridículo.

Chegava a ser um erro, na verdade. Completa injustiça com o restante da humanidade.

Graças a Deus, ele era apenas sua dupla dinâmica, porque parecia ser o tipo de cara que deixava corações partidos e um ou outro sutiã para trás.

— Uau. Você está um espetáculo, Bartenderzinha.

Ele olhou para o suéter preto felpudo e para a calça jeans dela, e Hallie não sentiu que ele estava dando em cima dela — Jack só realmente achou que ela estava bonita naquela noite.

Hallie revirou os olhos.

— Você só me acha gata porque a gente trepou.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Existe isso?

Ela deu de ombros e se perguntou que tipo de treino deixava um peito largo daquele jeito. Muitos caras tinham peitoral forte, mas ele parecia um atleta profissional com aquele suéter preto de gola V por cima da camisa social. Como se tivesse acabado de sair do chuveiro, pronto para a coletiva de imprensa depois do jogo.

Por um brevíssimo segundo, ela se distraiu olhando para o pomo de adão proeminente dele, o que trouxe uma lembrança de ter lambido aquele pescoço no hotel.

— Acho que é um negócio biológico de homem das cavernas — disse Hallie, enquanto tomava um gole de café para tentar colocar a cabeça no lugar. — O cérebro sabe que você copulou com uma fêmea específica, então agora seu ego garante que você perceba tal fêmea como atraente.

Isso fez ele sorrir até aparecerem as covinhas.

— É isso que você diz a si mesma para se sentir melhor por me achar tão insuportavelmente bonito? Que você só me acha gato porque a gente trepou?

— Primeiro, eu te acho insuportavelmente *repulsivo*. Olhar pra você chega a doer, pra ser sincera.

— Ai — disse ele, botando as mãos nos bolsos da calça.

— É, *suuuuuper* nojento.

— Eu ouço muito isso.

— Não me surpreende. Segundo, é muito desagradável ouvir um homem dizer “trepas”. Muita falta de cavalheirismo. Deixe as moças usarem esse tipo de palavra, e se dedique a manter o charme.

— Vou melhorar. Vamos indo?

Hallie fez que sim, e eles começaram a caminhar. Ela sentiu um leve perfume de água-de-colônia — ou de sabonete mesmo, ou alguma coisa de homem —, e estava tentando identificar o cheiro quando ele interrompeu seus pensamentos.

— E aí. Você treinou o roteiro?

— Que roteiro?

— O que você vai falar no evento — disse ele, dando uma cotovelada no braço dela. — Vão fazer muitas perguntas rápidas para você, então é bom estar preparada.

— Droga, eu não preparei nada. Vamos treinar.

Ele pigarreou e, com outra voz, falou:

— E aí, Hallie. O que você faz para se divertir?

Hallie olhou para o rosto dele, e deu um branco.

— Eu, bem, leio muito...?

Ele torceu o nariz.

— Diz a mulher mais chata da história. Tenta de novo.

— Vejo televisão — tentou de novo, percebendo que era mesmo a mulher mais chata da história. — Gosto de correr e nada me deixa mais empolgada do que uma maratona de *New Girl*.

— Fala sério, BT, tenta ser interessante. Pelo menos inventa um sotaque, isso deixa tudo mais atraente.

— Tá bom — disse Hallie, se esforçando para pensar antes de imitar um sotaque sulista inteiramente deplorável. — Eu costuro roupinhas minúsculas para filhotes de esquilos, *tchê*.

— Você faz isso mesmo?

— Claro que não, *tchê*.

— As pessoas do sul não dizem “tchê” em todas as frases.

— Tem certeza, *tchê*?

— Você tem que parar com isso.

— Tá bom — disse ela, e pigarreou. — *Tchê* — acrescentou, em um sussurro.

— Mesmo que você costurasse roupinhas para esquilos, só seria interessante se envolvesse shortinhos.

— Em mim ou nos esquilos?

Ele revirou os olhos.

— Nos esquilos, óbvio.

— Óbvio.

— Bom, vamos torcer para não perguntarem isso. Que tal... com o que você trabalha?

Eles chegaram na esquina e pararam, esperando o sinal.

— Sou contadora — respondeu ela. — E você?

— Taxidermista amador.

Hallie se virou e ergueu o rosto para olhá-lo. Algo no brilho brincalhão no olhar dele lembrava o Chris Evans; os dois tinham cara de quem aprontava muito. Ela tentou fazer um sotaque britânico e respondeu:

— *Bah*, que fascinante. Há quanto tempo você faz isso?

— Desde que me disseram que ser agente funerário amador era ilegal.

— *Bah*, isso é bem preocupante, mas...

— Não — disse Jack, cobrindo a boca de Hallie com sua mão grande antes de se aproximar um pouco mais. — Parou com os sotaques.

Hallie pestanejou.

— Combinado? — perguntou ele, sem afastar a mão, e abriu um sorriso cruel, como um vilão de cabelo escuro e olhos azuis.

Ela concordou com a cabeça, então ele soltou o rosto dela e falou:

— Achei que fosse impossível alguém ser ruim assim de sotaque. Agora que ouvi essas vozes, vejo o mundo de outro modo.

— Meu sotaque irlandês é um sucesso, então você é quem vai sair perdendo por me interromper.

— Posso viver com essa perda.

Quando finalmente chegaram ao bar, Hallie voltou a se sentir nervosa. Ela ajeitou o cabelo, e ele puxou a porta. Jack a olhou com um sorriso relaxado e confiante e segurou a porta aberta.

— Está pronta para encontros ridiculamente rápidos, Piper?

— Acho que sim — respondeu ela, sentindo um embrulho no estômago quando o ruído do bar a envolveu de repente. — Mas não me abandone se rolar uma conexão com alguém, tá?

Ele semicerrou os olhos, e seu sorriso se suavizou de um modo que ela não sabia exatamente interpretar.

— Tá bom.

Assim que eles entraram no bar, uma mulher com um microfone começou a falar do evento. Ela explicou que era um *speed dating* “típico”, ou seja, cada conversa teria cinco minutos e um sino avisaria aos participantes que era hora de passar para a pessoa seguinte. Todos receberam um bloquinho (com as palavras *Amor Acontece* na capa — que nojo) e um lápis para anotar o nome dos participantes com quem sentissem uma conexão, para facilitar o contato depois do evento.

— As damas ficarão sentadas ali — disse a mulher, apontando o lado do salão onde as mesas estavam enfileiradas — e os cavalheiros vão passar de mesa em mesa.

— Por quê? — perguntou Hallie, sem a real intenção de interromper. — Segundo um artigo que li ontem, pesquisadores descobriram que, independentemente do gênero, as pessoas que ficam sentadas nesses eventos são mais exigentes com a seleção, enquanto as pessoas que se aproximam são mais acolhedoras.

A mulher não parou de sorrir, mas seu olhar perdeu o ânimo.

— Bem, você vai ficar sentada, isso não beneficia você?

Hallie revirou os olhos.

— Com todo o respeito, me parece incrivelmente machista enfileirar mulheres para receber seus pretendentes, não acha? A gente já não evoluiu?

Ela ouviu Jack rir, e foi aí que percebeu que deveria ter ficado de boca fechada.

Jack

Jack não conseguia conter o riso, porque todos os participantes olhavam para Hallie como se ela tivesse sugerido que todos ficassem pelados. Provavelmente estavam achando que ela era uma feminista militante, mas ele até ficou curioso para saber mais sobre aquela pesquisa.

Além do mais, ela não estava errada.

— Entendo o seu ponto — disse a mulher —, mas é assim que o *speed dating* funciona normalmente. Posso levar suas ideias para...

Jack levantou a mão e interrompeu

— Essa mulher desconhecida tem um bom argumento. Eu gostaria de me sentar. Talvez a gente deva sortear aleatoriamente quem senta e quem fica de pé, para ser mais “moderno”.

Ele não dava a mínima para quem sentava e quem ficava de pé, mas não queria que Hallie fosse excluída por ser uma mulher inteligente e independente.

— Hum — disse a organizadora, nervosa, olhando ao redor —, acho que podemos experimentar uma coisa nova.

— É muito progressista da sua parte — comentou Jack, e a organizadora sorriu para ele como se ele tivesse acabado de presenteá-la com um buquê de rosas.

— É, obrigada — acrescentou Hallie, o que fez o sorriso da organizadora murchar.

A mulher a olhou como se desejasse que caísse uma bigorna do céu para esmagá-la.

— Mas como vamos formar pares de homens e mulheres quando tocar o sino? — perguntou a mulher, começando a surtar lentamente, ainda olhando ao redor do salão. — Não vai funcionar.

— Podemos atribuir um número para cada participante, aí quando tocar o sino é só passar para o número seguinte — sugeriu uma loira.

— Não, é muito confuso, e temos que começar daqui a dois minutos — disse a organizadora, levando o microfone à boca e quase gritando. — Vamos nos ater ao plano original. Desculpa.

Hallie olhou para Jack, e ele não conseguiu segurar o sorriso.

— Valeu a tentativa — murmurou ela.

— Foda-se — sussurrou ele. — Agora vou ter que ficar de pé o tempo todo.

Isso fez ela começar a rir. A organizadora a olhou com ainda mais raiva e declarou:

— Talvez a gente se vire com isso dos números. Cinco minutos, pessoal.

Hallie sorriu para a moça à sua esquerda, que revirou os olhos como se Hallie fosse uma idiota.

— Oi — disse para a moça à sua direita.

— Olá — respondeu a mulher, muito rígida.

— Isso está indo muito bem — Jack ouviu Hallie murmurar baixinho.

Jack se perguntou se era estranho ele estar se divertindo tanto só vendo Hallie ser Hallie.

— Sua encenqueira — comentou.

— Eu deveria ter ficado quieta.

— Não, essa parada é muito engraçada — replicou ele. — E faz sentido o que você falou. Por que as mulheres podem ficar sentadas, só escolhendo? Eu quero ficar sentado, esperando que venham até mim e respeitando o rei que eu sou.

— Não foi *isso* que eu pedi — disse ela, rindo e revirando os olhos.

Nossa, a risada dela é mesmo ótima.

— Tudo bem, pessoal — gritou a organizadora pelo microfone, a voz tensa.

— Estamos atrasados, mas acho que conseguimos resolver.

Ela explicou rapidamente o funcionamento do sistema numérico e gritou os números que determinavam quem ficaria sentado e quem ficaria de pé.

No fim, Hallie ficou sentada. E Jack também, na mesa ao lado dela. Ele a viu guardar a bolsa embaixo da mesinha, ajeitar o cabelo e endireitar a postura. Hallie parecia nervosa ao respirar fundo, e ele não fazia ideia de por que sentiu vontade de apertar a mão dela para tranquilizá-la.

Hallie

— Desafio você a usar um sotaque — disse Jack, pelo canto da boca.

— Você não vai ganhar a bola de beisebol, pode esquecer.

— Veremos.

O sinal tocou antes de ela estar pronta. Hallie respirou fundo e um cara se sentou na cadeira à sua frente. Ele tinha um rosto bonito e cabelo loiro cacheado, e, enquanto ela sorria e tentava pensar no que dizer, o cara disse:

— Oi, eu sou o Blayne.

— Hallie, prazer.

— Ai, meu Deus, que nem uma das gêmeas de *Operação Cupido*. Eu amava esse filme.

Ela se forçou para não revirar os olhos.

— Eu também.

— E aí, Hal, o que me conta? — perguntou ele, sorrindo, e apoiou o queixo na mão. — Quero saber tudinho sobre a Hallister McHallie.

— Não — disse ela, fingindo rir, e tentou pensar em uma resposta. — Eu sou contadora, mas você primeiro. Me fala sobre o Blayne.

— Eu sou planejador financeiro e moro em Westfield. Gosto de acampar e de fazer trilhas, qualquer coisa na natureza, e tenho adorado praticar ioga. Você curte ioga?

Ela inclinou a cabeça e tentou imaginar Blayne praticando ioga. Dava para visualizar.

— Só tentei uma vez ou outra.

Isso aparentemente foi o suficiente para ele passar a conversa inteira contando todos os detalhes da aula de ioga que ele organizava em um centro comercial. Ele deu para Hallie o código promocional de desconto, e ela percebeu, enquanto ele discorria sobre as vantagens da ioga, que aquele negócio de *speed dating* era uma ótima oportunidade para se promover.

Hallie olhou de relance para a direita e, nossa, Jack estava conversando com uma mulher estonteante. Ela estava sorrindo e falando, e ele parecia completamente fascinado. Hallie se perguntou — levemente preocupada — se Jack já tinha encontrado o amor da sua vida.

Tocou o sinal e Hallie suspirou. Ela não sabia se estava aliviada com o fim do primeiro encontro ou apavorada com o começo do segundo.

— Seu par parecia incrível — disse Jack, baixinho, e, quando ela olhou, viu que ele sorria discretamente. — Aposto que ele usa coque no fim de semana.

— O Blayne foi simpático — sussurrou ela.

— Blayne? — retrucou Jack, revirando os olhos. — Achei que o Duckie já tivesse provado que esse nome é ridículo.

— Bela referência a *A Garota de Rosa-Shocking*.

Hallie se endireitou ao ver um homem se aproximar da mesa. Pelo canto da boca, murmurou:

— Parece que você estava se divertindo, por sinal.

— É, não. Aquela mulher me falou que decidiu vir aqui porque está determinada a se casar ano que vem.

— Parece perfeita, então — murmurou ela, antes de sorrir para o próximo par e se apresentar. — Oi, eu me chamo Hallie.

— Não — ouviu Jack murmurar antes de começar a conversar com a candidata seguinte.

— Thomas, prazer — disse o novo cara. — Como foi seu primeiro encontro?

Isso a fez sorrir e relaxar um pouco.

— Foi tranquilo, e o seu?

Thomas tinha cabelo e dentes bonitos e estava usando uma camisa da Dolce & Gabbana — ela só não tinha certeza se a roupa de marca era algo bom ou

ruim. Hallie não sabia o que esperar, até que ele se aproximou um pouco mais, abaixou a voz e começou a detonar a pobre coitada.

Aparentemente, a primeira candidata dele tinha dentes tortos, frizz no cabelo, perfume forte, e a audácia de falar dos programas de televisão que via.

— Se não tiver nada melhor para falar além da sua obsessão com aquela série *Você*, da Netflix, talvez deva ficar em casa, né? — concluiu ele.

Hallie semicerrou os olhos e esperou ele dizer que era brincadeira. Porque ninguém poderia ser tão escroto assim, né?

Como ele não acrescentou mais nada, ela respondeu:

— Na verdade, eu também sou obcecada pelo Joe Goldberg. Não acredito que você não seja, Thomas.

Ele riu e inclinou a cabeça.

— Está zoando, né?

— Nem um pouco. Queria ter *mais* tempo para ver televisão. E mais tempo ainda para falar disso.

Ele pestanejou rápido, coçou a cabeça e falou:

— Quer saber? Vou pegar uma bebida antes do sinal tocar.

— Tchau, Thomas.

Eeeee... já tinha perdido um. Hallie o viu se levantar e caminhar em direção ao bar, e se perguntou se agora fazia parte da coleção de histórias de encontros ruins dele. Ela cruzou os braços, olhou para a direita e se surpreendeu ao ver que Jack estava olhando para *ela*. O par dele estava mexendo no celular, apoiada nos cotovelos, como se estivesse entediada. Hallie levantou as sobrancelhas e murmurou:

— *O que você fez?*

Ele se esticou para a esquerda, se aproximou dela e respondeu em voz baixa:

— A gente fez um acordo. Ela não queria vir, mas está tentando agradar uma amiga casada, então eu falei que a gente nem precisava conversar, se ela não quisesse.

Isso fez Hallie soltar uma gargalhada.

— Sério?

— E *você*, o que fez para o seu cara fugir tão rápido?

— Por que você acha que fui eu quem fez alguma coisa?

— Pode me contar, Hal — murmurou ele, com uma voz tranquilizadora.

— O que você disse?

Ela revirou os olhos.

— Ele só não gostou de mim.

— Impossível — disse ele, com um sorriso sarcástico.

Ela mostrou o dedo do meio.

E aí o sinal tocou.

Ela viu o par de Jack agradecer e eles trocaram um sorriso de compreensão.

— Não quero mais fazer isso — comentou Hallie, baixinho.

— Nem eu — concordou ele. — Vamos vazar? Tem um Taco Hut na esquina, e eu preciso de um burrito.

Ele parecia estar falando totalmente sério.

— Podemos? Não vai atrapalhar a numeração?

— Não — disse ele, olhando para a mulher que se sentava à sua frente, mas ainda falando com Hallie em voz baixa. — Somos dois, então vai ficar equilibrado. Se esses não forem bons pares, vamos embora quando tocar o sinal.

Hallie recebeu o candidato seguinte com um sorriso enorme, pronta para acabar com a conversa de forma rápida e sem dificuldade.

— Oi, eu sou a Hallie.

— Nick, prazer — apresentou-se o cara, com um sorriso bem simpático.

Nick era bonito — parecia alguém por quem ela se sentiria atraída. Ele estava usando casaco de moletom dos Yankees e calça jeans, tinha cabelo escuro e olhos claros e sorria com tranquilidade, como se fizesse isso o tempo todo.

— Prazer, Nick — disse ela. — Como vai sua noite?

Ele a olhou com a expressão de quem dizia *fala sério*, e os dois riram.

— Tá, entendo — admitiu ela. — Então, hum, o que você faz da vida, Nick? Acho que é isso que devo perguntar.

— Essa é *mesmo* a regra, né? — perguntou ele, e se recostou um pouco na cadeira. — Bom, na real, eu não faço isso de trabalho.

Hallie riu, mas ele não mudou de expressão, então ela perguntou:

— Você está, hum, tipo, entre empregos?

Ele balançou a cabeça.

— Não estou entre emprego *nenhum*. Cresci com grana e investi bem. Tenho o suficiente para viver, então por que trabalhar?

— Uau — disse ela, chocada e impressionada por sua honestidade... e por sua riqueza. — Você está literalmente vivendo o sonho.

— Né? — concordou ele, cruzando os braços. — Agora só preciso de uma esposa e de uns filhos.

Hallie fez que sim com a cabeça, mas não sabia muito bem o que dizer. Ela apertou a boca e perguntou:

— Então o que você faz durante o dia, já que não precisa trabalhar?

Ela não sabia o que esperar, mas com certeza não era:

— *Jogo muito Call of Duty e Madden NFL*.

Ela riu, mas ele franziu as sobrancelhas, como se não visse a graça. Como se estivesse falando sério.

— Quando não está, tipo, viajando pelo mundo, né? — perguntou ela.

Ele deu de ombros.

— Não sou muito de viajar. Curto ficar em casa.

Ela concordou com a cabeça, apesar de não se identificar nem um pouco com aquilo. Tinha noção de que deveria mudar de assunto, mas precisava saber mais.

— Então, me conta o que você faz em um dia comum. Tipo... acorda às nove, e...?

Nick contou que nunca acordava antes do meio-dia; fazia mal para o ciático. Depois de levantar, ele basicamente jogava videogame até a hora de jantar. Normalmente ia comer em um restaurante e depois seguia para uns bares se estivessem “bombando”.

— Você não fica meio entediado? — perguntou Hallie, revirando os olhos.

— Quer dizer, não deve ficar, mas parece...

— Tenho muito dinheiro, Hallie — disse ele. — Se eu ficar de saco cheio da minha vida incrível, e não vou ficar, é só comprar outra.

— Outra vida?

— Isso — respondeu ele, dando de ombros como se não ligasse para nada.

Ela o achou incrivelmente fascinante.

— O que você normalmente come no café da manhã?

Ele a olhou com estranheza.

— Cereal Apple Jacks.

— Você que se serve ou é a empregada?

— A cozinheira — respondeu ele.

— Em um cálice de cristal ou em uma tigela normal?

— Tigela normal.

O sinal tocou e o cara se levantou devagar, como se não tivesse pressa nenhuma. Porque, afinal, não tinha mesmo — ele tinha todo o tempo do mundo. *Fascinante*.

— Foi um prazer te conhecer, Nick.

Ele a cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Você também, Hallie.

— Pronta? — chamou Jack, com as sobrancelhas levantadas. — A gente tem que ir agora, antes...

Hallie se virou pegou o braço dele e o levou até a porta.

— Vamos embora daqui.

Capitula
SETE

Hallie

speed dating

acontecimento

conhece

speed dating

foi

Eu

Jack

sua

Cacete.

tentar

De novo.

Hallie

Acho que eu estava apaixonado pela ideia de quem você é, Hallie, em vez de por quem você é de verdade.

Capítulo

OITO

Hallie

Jack: Bom dia, minha contadorinha.

Hallie grunhiu ao ler a mensagem. A mensagem que a acordara, porque ela havia se esquecido de desativar as notificações.

Hallie: São 5h30 de domingo. Vai comer vidro.

Jack: Só queria ser o primeiro a te desejar um bom dia.

Hallie: Valeu, cuzão.

Jack: Calma aí. E não esquece de visitar o aplicativo hoje e procurar seu próximo encontro.

Hallie lembrou-se dos pares do *speed dating* e balançou a cabeça. Ela acendeu a luz da cabeceira para responder.

Hallie: Parece uma ideia horrível.

Jack: Você tenta, eu tento. Vamos juntos, Piper. O sr. Perfeito, o cara que gosta mais de você do que qualquer outra pessoa, está por aí, só esperando seu dedinho deslizar no perfil nele.

Hallie: Que nojo. Só aceito outro encontro se eu puder comer no Taco Hut depois.

Jack: Na verdade, é uma ótima ideia. Vamos marcar os encontros no bar do speed dating, porque aí, se der errado, a gente pode comer taco depois. Com queijo por baixo, é claro.

Hallie: É claro. ;) Tá... por que parece uma boa ideia? Com certeza tem alguma coisa errada, eu só não sei o que é ainda.

Jack: Não, é genial. Converse com alguém hoje e, se rolar um encontro, me mande mensagem para a gente planejar.

Hallie: Ok.

Jack: Isso aí.

Hallie: Por que você acordou tão cedo, afinal?

Jack: Eu gosto de sair para correr antes de trabalhar.

Hallie: Eu também. Mas é DOMINGO. Por que está trabalhando no domingo?

Jack: Porque tenho trabalho pra fazer.

Hallie : E, por favor, me diga que você não usa aqueles shortinhos minúsculos de corrida.

Jack: Pare de tentar imaginar minhas coxas deliciosas, sua tarada.

Hallie: Isso é o que eu NÃO tô fazendo.

Jack: Espera, você queria uma foto? Era isso?

Hallie: Por favor, não me obrigue a te bloquear.

Jack: Tenha um ótimo dia, BT.

Hallie aproveitou que tinha acordado para se levantar e sair para correr. Durante a corrida, ensaiou mentalmente o que diria para Ruthie ao voltar para casa. *Amo morar com você, mas acho que é hora de eu ter minha própria casa, como uma adulta. Mas a gente ainda vai poder se ver o tempo todo.*

Só que Ruthie não apareceu em casa. Ela mandou uma mensagem por volta das dez da manhã, dizendo *Estou me divertindo demais para voltar aos EUA — volto semana que vem*, e Hallie nem se surpreendeu ao descobrir que a amiga estava fora do país.

Depois de tomar um banho e dar um pulinho no Starbucks, ela se acomodou no sofá e entrou no aplicativo. Levou um tempo, mas encontrou um cara cujo perfil parecia bom o suficiente para dar like e começar a trocar mensagens.

Ele parecia engraçado e simpático, então, quando perguntou se ela queria jantar e tomar alguma coisa na quarta, depois do trabalho, ela ligou para Jack.

Ele atendeu imediatamente, e Hallie se perguntou se Jack estava trabalhando, pois ele falou:

— Aqui é o Jack.

— Oi, é a Hallie. Tudo bem?

Ela ouviu o sorriso na voz dele ao responder:

— Não acredito que você me ligou em vez de mandar mensagem, sua velha.

— Tem um segundinho?

— Claro — respondeu ele, e ela se perguntou se Jack estava em casa ou no escritório.

— Você ainda está no trabalho?

— Estou, mas vou parar daqui a pouco.

— Tá, então, um cara do aplicativo acabou de me chamar para sair. Você tem algum encontro em potencial que possa marcar na quarta, por volta das seis e meia?

— Quem é o cara?

— Ele se chama Stephen, não caça nem pesca, e é dentista. Gosta de correr, de maratonar séries da Netflix, e de um rala e rola.

— Uau, dentista? Merece até pontos extras.

— Né? Mas provavelmente vou passar o tempo todo com medo de ele estar conferindo se estou com placa.

— “Placas e tetas”, aposto que é o lema do Stephen.

— Seu nojento.

— Relaxa. O lema é do Stephen, não meu.

— E aí, consegue marcar um encontro na quarta? — perguntou Hallie, rindo.

— Consigo dois, na verdade.

— Ah, tá de brincadeira! — gritou Hallie ao telefone. — Desde ontem à noite você já conversou com duas mulheres?

— Para sua informação — retrucou ele —, comecei a falar com uma delas ontem mais cedo, antes do *speed dating*.

Isso fez Hallie hesitar. Ela não tinha motivo para esperar que ele contasse tudo a ela, mas ainda assim se sentiu meio... esquisita... por ele nem ter mencionado.

— Então, quarta...?

— Pode ser.

Ela voltou ao aplicativo depois de desligar e marcou o encontro com o dentista. Quando eles se despediram porque ele precisava treinar o time de futebol mirim da sobrinha, Hallie — com os ovários explodindo — estava surpreendentemente animada para o encontro.

Stephen parecia promissor. E, se tudo desse errado, ela comeria tacos.

Jack

Jack olhou o nome na tela antes de atender o celular.

— O que houve?

— Nada — disse Olivia, confusa. — Por quê?

— Porque a gente nunca conversa por telefone. Que esquisito.

— É, mas eu estou morrendo de tédio. Dedos do pé quebrados, lembra?

— Ah, é, verdade — respondeu ele, arrependido de ter atendido o celular.

Ele estava tentando terminar de trabalhar e voltar para casa, e sabia que o tédio de Olivia ia atrasá-lo. Ainda assim, perguntou:

— Como vai seu pezinho, por sinal?

— Menos inchado — disse ela. — E um pouco menos roxo.

— Que nojo.

— Né?

— Escuta, Liv, eu tenho que terminar aqui umas coisas no trabalho. Você *precisa* de alguma coisa?

— Que grosseria — replicou ela, baixinho. — Só queria dizer que eu gostei muito da Hallie. É isso.

— Tá...? Eu também. E daí?

— Nada. Só estou muito feliz por ela estar aí te incentivando a encontrar o amor.

— Puta merda, Liv, por que você está tão obcecada pela minha vida amorosa?

— Porque eu me preocupo, não quero ver você triste de novo — disse ela.

— Não posso me importar?

— Eu estava trêbado naquela noite no Billy. Você pode, por favor, pelo amor de Deus, esquecer o que eu disse?

— Você pareceu tão triste e solitário, Jack.

— Eu estava mamado, não solitário.

Ele se sentia patético pra caralho sempre que ela tocava naquele assunto, porque *estava* mesmo passando por uma fase meio emo nos últimos anos. Tinha amigos, colegas, família, vivia rodeado de pessoas queridas, mas frequentemente se sentia sozinho.

Mesmo quando estava com eles.

Merda... solidão é literalmente isso, não é?

— Tá, você não está solitário — disse ela, sem soar nada convencida. — Só prometa que vai levar o aplicativo a sério e continuar tentando, mesmo quando estiver um saco.

— Prometo se você prometer largar do meu pé.

— Combinado.

Hallie

Antes de Hallie conseguir se levantar do sofá, o celular dela tocou.

— Alô?

— Oi, hum, é a Hallie?

— Sou eu...

— Ah, que bom. Oi, aqui é a Lydia, da imobiliária do Commons. Houve uma falha de comunicação no nosso escritório e o apartamento que você alugou já está limpo e pronto, caso você queira se mudar mais cedo.

— Ah.

Hallie *não* estava esperando aquilo.

— Bem, quanto mais custaria? — perguntou.

— Bom — disse a corretora, e abaixou a voz. — Para ser sincera, eu fiz besteira nos documentos, então, basicamente, se você quiser se mudar agora, o preço não vai mudar. O aluguel deve ser pago no dia 1º, no valor detalhado no seu contrato.

— Então eu posso me mudar agora sem pagar nada a mais?

Ela não acreditava. Hallie não era especialmente azarada, mas também nunca fora especialmente *sortuda*.

— Se vier durante *o meu* turno.

De repente, Hallie estava animada a ponto de gritar.

— Até que horas você trabalha hoje?

— Até as quatro.

— Ai, meu Deus, já estou indo.

Hallie correu até o carro, ligou o rádio no máximo e voou para o centro, transbordando de animação por conta daquela reviravolta. Ela nunca tinha morado sozinha, muito menos em um apartamento descolado (apesar de minúsculo), e estava empolgada para se mudar logo.

Talvez, pensou, enquanto pegava a saída da estrada, pudesse fazer a mudança toda antes de Ruthie voltar (os móveis da sala eram todos de Ruthie, então não seria algo escroto da parte de Hallie). Assim não teria que passar pelo constrangimento de tentar empacotar as coisas em silêncio no quarto, e, se Ruthie reagisse mal à notícia, era só Hallie ir embora e não voltar mais.

Quando ela chegou ao escritório, o celular vibrou.

Jack: Já perdi uma das duas mulheres.

Isso fez Hallie rir.

Hallie: O que você fez?

Jack: Falei que não gosto de orangotangos.

Hallie: Primeiro: é verdade? Segundo: isso magoou ela?

Jack: Sei que é uma falha de caráter, mas morro de medo de criaturas símias, sempre morri. Vi uma mulher na Oprah que foi atacada por um macaco e nunca superei. Então, quando ela começou a me falar de uma reserva de orangotangos que queria visitar, eu talvez tenha dito alguma coisa do tipo “Prefiro morrer a ir nesse lugar”.

Hallie: Você é um monstro. Eu tenho uma amiga que literalmente chora quando vê um orangotango fofo, de tanto que os ama. MAS. Ela se sentiu tão ofendida assim?

Jack: Demais. Ela mandou todo um textão sobre orangotangos, que eu mereci, e depois outro sobre homens impossíveis de namorar, o que eu achei golpe baixo.

Hallie: Por que estou rindo tanto dessa história?

Jack: Porque você é uma escrota. O que está fazendo agora?

Hallie: Acabei de chegar no prédio novo. Vão me deixar me mudar mais cedo!!!

Jack: E a Ruthie?

Hallie riu e olhou para fora do carro. Era engraçado ele lembrar o nome de Ruthie.

Hallie: Ela me mandou msg dizendo que só volta semana que vem.

Jack: Então você vai simplesmente sumir?

Hallie: Não, mas já posso levar minhas coisas. Tudo na sala é dela, então ela nem vai notar, porque eu sempre deixo o quarto fechado.

Jack: Me avisa se precisar de ajuda na mudança.

Hallie: Sério?

Jack: Eu sou legal.

Hallie: Mesmo?

Jack: Às vezes. E moro perto.

Hallie: Então tá. Quero ajuda. Por favor, por favor me ajude.

Jack: Quando?

Hallie: Vou pegar a chave agora, e aí acho que podemos nos encontrar hoje mesmo, quando você estiver livre. Você por acaso não tem uma caminhonete, né?

Jack: Na verdade, eu tenho, sim.

Hallie: Fala sério.

Jack: Estou falando.

Hallie: Você não tem cara de quem dirige uma caminhonete.

Jack: Está me chamando de fracote?

Hallie: Não. Acho que a maioria dos caras que dirigem caminhonete querem provar que são machos. Você tem cara de quem tem confiança suficiente em sua masculinidade para dirigir um Prius.

Jack: Então está SIM me chamando de fracote.

Hallie: Você é um idiota.

Jack: Melhor assim, valeu. Me ligue quando acabar, que a gente combina.

No fim, eles combinaram apenas um “vamos nessa”. Depois de pegar a chave, subir correndo até o apartamento novo, ligar para Jack e dançar que nem uma doida, Hallie voltou para casa e arrumou as coisas com pressa.

Jack chegou uma hora depois e pegou no batente. Carregou a cama, a cômoda, a mesa de cabeceira e a escrivaninha que nem o The Rock. Ela ajudou, mas os dois sabiam que Hallie não ia carregar muita coisa.

Por sinal, ele ficava muito bonito de roupa casual. Ela só o tinha visto de terno, nu e arrumado para um encontro, mas, naquele dia, estava de calça jeans velha e desbotada e camiseta dos Cubs, tão gasta que parecia muito macia. Jack poderia estar em alguma propaganda de cerveja tomando uma com os parceiros ou comprando tábuas numa loja de construção.

Quando a caminhonete estava cheia e o quarto vazio, Hallie pegou o próprio carro e o seguiu em direção ao centro. Ela ficou um pouco chocada. Horas antes não tinha planos para o dia e, de repente, estava se mudando para o apartamento novo, mas isso era bom.

Hallie estava *mesmo* vivendo sua primavera.

Capítulo
NOVE

Hallie

Orgulho e Preconceito

mesmo

Mãe: Já foi fazer os últimos ajustes na costureira?

Hallie: Já.

Mãe: O que achou do vestido?

Hallie: Não lembro. Acho que tudo bem?

Mãe: Engraçadinha. Você vem essa semana?

Hallie: Quarta estou ocupada, mas dou um pulo aí na quinta para ver *Dança dos Modelos* com você.

Mãe: Tomara que eliminem a Darla. O chá-chá-chá dela foi uma porcaria.

Hallie: O samba do Delvin foi pior ainda.

Mãe: Mas a bundinha dele compensa.

Jack: Oi, BT. Estamos de boa?

Hallie: Eu estou. De boaça.

Jack: Mandando a real: você não surtou com aquele momento esquisito na sua sala?

Hallie: Pois é, o QUE rolou?

Jack: Acho que foi um milissegundo de química natural entre duas pessoas jovens e saudáveis. Deve ter rolado só porque a gente já trepou, então nossos corpos já se conhecem.

Hallie: Eca, não fala desse jeito.

Jack: É totalmente natural a emoção da trepada surgir assim. O importante é que nos lembramos na hora que a gente não se gosta desse jeito, né?

Hallie: Não tem uma música que é assim? “Como é grande a emoção de trepar com você”?

Hallie: Bom, estou tranquila com o que rolou, desde que você também esteja.

Jack: Estou. Não aconteceu nada.

Hallie: Que bom.

Jack: Ótimo. E aí, falou com o dentista hoje?

Hallie: Só de manhã, quando ele me disse que é técnico do time de futebol da sobrinha.

Jack: Uau, ele mandou uma bomba de hormônio logo de cara, né?

Hallie: Pois é.

Jack: Funcionou?

Hallie: Mal não fez.

Me conta da sua garota.

Jack: Ela se chama Carlie, dá aula de matemática para o oitavo ano e é ruiva. Gosta de vôlei de praia e de rala e rola.

Hallie: Ela é boa de papo?

Jack: Ainda não tenho certeza.

Hallie: Quarta tá aí pra isso, né?

Jack: Acho que sim. Então a gente se vê quarta.

Hallie: Até lá.

Capítulo DEZ

Hallie

— Oi, hum, eu vim encontrar uma pessoa...

— Hallie?

Stephen apareceu ao lado da hostess, sorriu e tocou o braço da mulher, indicando que era ele quem Hallie estava procurando.

— Oi, Stephen.

Uau. Ele estava bonito; tipo, muito bonito mesmo. Usava calça cáqui e suéter preto de caxemira. O cabelo castanho e grosso estava penteado naquele equilíbrio perfeito entre arrumado e bagunçado, e seus óculos davam a impressão de que ele precisava de um livro nas mãos.

— Que prazer conhecê-la finalmente — disse ele, com o sorriso mais gentil do mundo.

— Você também — respondeu ela, sem conseguir conter o sorriso encantado.

Stephen indicou a mesa e Hallie o acompanhou. Ela quase tropeçou ao ver Jack, sentado à mesa bem ao lado. Ele a viu e arregalou os olhos, mostrando que estava igualmente surpreso por estarem em mesas tão próximas.

Ela se recuperou e se sentou, lembrando-se de se concentrar em Stephen.

— Eu comia muito aqui na época da faculdade — comentou, pegando o cardápio. — Fiquei muito feliz com sua sugestão.

— Eu também — disse ela, e pegou o cardápio também. — Quer dizer, a parte de ficar feliz, não da faculdade de odonto — acrescentou, rapidamente. — É minha primeira vez aqui.

Ele riu um pouquinho.

— Entendi.

— Então, qual é o melhor prato aqui? — perguntou ela, de olho nas entradas. — Qual era o seu preferido?

— O cordeiro com risoto de cogumelo — respondeu Stephen, e Hallie percebeu que a experiência universitária dele envolvia muito menos miojo do que a dela. — Você tem que experimentar.

Merda. Hallie era muito seletiva com comida. A maioria das crianças tinha um paladar mais amplo do que o dela. Ela gostava de hambúrguer, de frango empanado e às vezes de espaguete, mas cordeiro? Com risoto de *cogumelo*? Não, obrigada. Mas, já que tinha pedido a opinião dele, ela precisava aceitar a sugestão, né?

— Eu estava mais no clima de hambúrguer, mas quem sabe...

Ela deixou a frase no ar, na esperança de que ele dissesse “Escolhe o que preferir”.

— Pede o cordeiro — reforçou ele, sorrindo, e pegou o cardápio da mão dela. — Não vai se arrepender. Por sinal, eu pedi esse Chardonnay pra gente.

— Ok — respondeu Hallie, aceitando a taça. — Obrigada. E vou confiar na sua sugestão.

— Boa menina — disse ele, e pigarreou ao pegar a taça. — E aí, como foi o trabalho hoje? Sobreviveu à maratona de reuniões?

Ela havia contado das reuniões trimestrais que estavam rolando desde segunda, e ficou impressionada por ele se lembrar.

— Sobrevivi. É desafiador ter que fingir estar interessada em informações muito chatas.

— Acredito.

Ela comentou:

— Aposto que você tem que escutar muita asneira dos pacientes.

— É, mas eu posso enfiar as mãos na boca deles até eles pararem — brincou Stephen, e ela riu.

Hallie olhou de relance para a mesa de Jack, onde ele parecia estar no meio de uma conversa intensa com a moça. Ela era muito bonita e estava usando um vestido vermelho lindo, então, a não ser que a conversa fosse um tédio sem fim, era um par promissor para Jack.

Ela voltou a olhar para Stephen, o dentista, e sentiu que também era muito promissor.

Eles continuaram a conversar sobre trabalho, e ele se mostrou muito interessante e engraçado ao contar histórias de terror do consultório. Ela também contou suas próprias histórias e se sentiu surpreendentemente relaxada e confortável.

Estava mesmo se divertindo no encontro.

Chegou a comida, e ela não queria comer cordeiro *nem* risoto. Começou com a carne, que era tolerável se ela não imaginasse carneirinhos fofos, e mexeu no risoto para fingir que estava comendo.

Enquanto isso, dizia muito “Hummm, que delícia”.

— Então, talvez devêssemos conversar sobre relacionamentos anteriores, né? Não é coisa de primeiro encontro?

Isso fez Hallie largar o garfo e tomar um grande gole de Chardonnay antes de responder.

— Hum, pode ser?

— Só quero deixar claro logo que eu sou divorciado.

— Ah.

Hallie não sabia bem o que dizer. Ela não tinha nenhum problema com ele ser divorciado, mas também não queria dizer nenhuma besteira do tipo *Eu amo divórcio*. Na opinião dela, divórcio não era diferente do término com Ben, exceto que ele tinha dado uma festa formal, e ela, não.

— Acho que a gente se casou muito jovem e percebeu tarde demais que não tinha tanto assim em comum.

Hallie fez que sim com a cabeça.

— Acontece.

— O pior foi contar para os gêmeos.

— Ai, meu Deus — disse Hallie, abaixando a taça, e pigarreou. — Não sabia que você tinha gêmeos. Que idade eles têm?

— Quatro anos — respondeu ele, e o sorriso voltou ao falar dos filhos, que nitidamente adorava. — Eles são incríveis.

— Essa é uma idade boa — comentou ela, um pouco chocada por ele não ter incluído essa informação no perfil.

Ela nunca considerara a possibilidade de encontrar alguém que tivesse filhos naquele aplicativo. Ela poderia virar madrastra? Nossa, nem queria pensar naquilo.

— Pois é. Eles finalmente pararam de botar tudo na boca e de pegar no sono em cima de mim.

Hallie se derreteu toda ao imaginar aquele homem lindo com criancinhas dormindo no colo. Ele lançava umas baita bombas de hormônio mesmo, né?

— Uau, e como foi conversar sobre divórcio com eles, tão pequenos assim? — perguntou.

Os pais dela simplesmente seguiam a linha “até que a morte nos separe”, por mais que eles se irritassem.

— Eu e minha ex estávamos muito emocionados quando conversamos com eles — contou Stephen, segurando o choro —, mas fomos honestos. Dissemos: “Escutem, quando compramos vocês dois e trouxemos para casa, tínhamos total intenção de ficarmos juntos para sempre.”

Hallie semicerrou os olhos. Ele tinha dito “compramos”?

— “Mas às vezes para sempre não é possível, e tudo bem. Amamos vocês, mas vamos precisar nos separar.”

Enquanto ele falava, Hallie só conseguia ouvir a palavra *compramos*. Stephen estava segurando as lágrimas, nitidamente muito emocionado, mas ela se encontrava com dificuldade de sentir compaixão, porque não conseguia entender o que ele tinha dito. *Compramos?!*

— Nunca é ideal dividir os filhos, cada um ficar com um e se separar assim, mas parece melhor do que uma vida de interações forçadas que certamente acabariam em briga, né?

Hallie torceu a boca antes de perguntar:

— Então os gêmeos foram adotados?

Ele sorriu, um pouco culpado, e falou:

— Não diria exatamente que foram adotados, porque queríamos ter certeza de conseguir exatamente o tipo que a gente preferia.

Hallie o encarou, e o derretimento foi todo embora. Secou. Evaporou.

— É, eu sei, resgate é o melhor — disse ele, com um suspiro, e cruzou as mãos embaixo do queixo. — Mas a gente queria muito que fossem labradoodles da mesma mãe.

Cachorros? Ele estava falando dos *cachorros*? Não dava para ele achar que tinha sido óbvio, né? Hallie não conseguiu deixar de franzir a testa.

— Então não são gêmeos de verdade — replicou.

Ele franziu as sobrancelhas.

— São, sim.

— Na verdade, é muito raro ter cães gêmeos — comentou Hallie, que de repente estava extremamente irritada com o dentista. — Uma gestação com só dois filhotes na ninhada.

— Ah — disse ele e pigarreou, parecendo confuso com a resposta dela. — Bom, eles são labradoodles idênticos da mesma ninhada, então.

Hallie apertou a boca e tentou pensar que isso não era um problema. E daí que o cara falava dos cachorros como se fossem filhos... isso não era um problema, era? Pelo menos Stephen não era um escroto que odiava bichos. Ela inspirou fundo pelo nariz — *calma, Hal* — antes de responder.

— Então, quando vocês se separaram, cada um levou um dos cachorros?

Ele confirmou com a cabeça, e os olhos voltaram a marejar.

— Um dos motivos para a gente escolher labradoodles foi que eles são animais muito emotivos, mas por isso foi tão difícil explicar para eles, sabe?

Hallie assentiu, mas estava com dificuldade para enfiar aquilo na cabeça.

— Nem imagino.

Ela tentava encontrar compaixão, porque era uma pessoa muito compreensiva, mas o dr. Stephen estava literalmente chorando no jantar de tanta preocupação com o trauma emocional que ele e a ex-esposa podiam ter causado nos cães.

Cães que, cinco minutos antes, ela achou que fossem crianças.

Quando ele secou os olhos e mudou de assunto — o cinema novo da zona oeste da cidade —, Hallie se levantou para ir ao banheiro. Enquanto atravessava o restaurante a caminho do corredor que levava ao toalete, sentiu-se decepcionada.

Afinal, a conversa sobre os cachorros, ou talvez o mal-entendido sobre as crianças, a fizera perder toda a atração que sentia pelo dentista, e sabia que isso não ia mudar.

— Como anda com o doutor, BT?

Ela se virou e lá estava Jack, também entrando no corredor do banheiro. Ele sorriu para ela e Hallie sentiu um sorriso enorme abrir no próprio rosto, reconfortada pela presença de sua dupla dinâmica.

— Ai, meu Deus, Jack, você não imagina.

Hallie pegou a manga da camisa dele e o puxou para mais perto do banheiro feminino, para se esconderem das mesas. Ela encarou aqueles olhos azuis provocantes e rapidamente contou a história absurda.

— Assim, estou sendo babaca? Será que ele é um fofo que ama animais e eu que sou uma chata?

Jack semicerrou os olhos e, ao fitá-la, ela se impressionou novamente com a altura dele.

— Ele literalmente chamou os cachorros de filhos, ou foi interpretação sua?

Ela semicerrou os olhos, se lembrando da conversa.

— Primeiro chamou só de gêmeos, mas depois, sim, chamou os cachorros de filhos mesmo.

— Você não está errada; é uma loucura.

— *Obrigada* — disse Hallie, um pouco aliviada. — E a Carlie, como é?

— Ótima, só que me falou que quer ser “tratada como uma rainha”.

— E daí?

Jack parecia alguém que trataria bem sua parceira.

— É tão difícil assim tratar bem uma mulher? — insistiu ela.

— Não, uma rainha pra valer — disse ele, olhando rápido para trás como se temesse ser pego no flagra. — Ela quer que um homem a idolatre, a encha de presentes, ceda sempre aos desejos dela e nunca mais olhe para outra mulher. Palavras dela, não minhas.

— Mentira — replicou Hallie, se encostando na parede. — Ninguém diria isso em um primeiro encontro.

— Foi culpa minha — disse ele, botando as mãos no bolso. — Eu cometi o erro de dizer que “respeitaria totalmente uma mulher que dissesse de cara o que está procurando”.

— Bom — respondeu Hallie, e revirou os olhos. — Foi você quem pediu.

— Né?

— Stephen logo vai vir me procurar, ou achar que estou com diarreia... Tenho que voltar.

— Quer vazar? — perguntou Jack, preocupado, e ela não sabia bem por que a expressão doce em seu rosto fez o estômago dela dar um pulo.

— Como assim?

— Quer vazar logo do encontro ou ainda está sentindo um clima?

Isso a fez rir.

— Ele chama os cachorros de “os gêmeos”, então quero vazar, sim. Mas não quero ser grossa, o Stephen é um cara legal.

Jack avançou na direção do banheiro masculino e falou:

— Eu te ajudo. Só piscar três vezes quando quiser largar tudo e ir comer taco.

Hallie riu e piscou três vezes com uma força insuportavelmente óbvia.

Ele acenou com a cabeça antes de os dois irem a seus respectivos banheiros. Quando Hallie voltou à mesa, Stephen estava mexendo no celular.

— Desculpa a demora — disse ela, culpada —, é que minha mãe mandou mensagem, e foi todo um drama.

— Ah, está tudo bem?

Stephen parecia sinceramente preocupado, e Hallie ficou meio triste por ter perdido a atração. Porque ele era atraente, bem-sucedido e simpático — um partidão para muita gente. Deveria ser o homem perfeito para *ela*, mas, não, ele gostava um pouco demais dos cachorros.

Um problema que ela nem sabia que existia.

Ela era um monstro?

— Ah, está tudo bem, é que minha mãe...

A hostess apareceu à mesa e falou:

— Com licença, a senhora é a Hallie Piper?

— Pois não...?

Hallie olhou para Stephen e de volta para a hostess.

— Sua mãe telefonou e disse para passar o recado de que sua “tia Helen aprontou de novo e você precisa encontrá-las daqui a dez minutos para tentar impedi-la de cometer o maior equívoco da vida dela”.

Hallie engoliu em seco.

— Como é que é?

— Foi por isso que sua mãe mandou mensagem? — perguntou Stephen.

— Oi?

Hallie olhou para Stephen.

— No banheiro — respondeu ele, como se esperasse ela entender. — Você disse que foi um drama...

— Ah.

Ela pestanejou, tentando entender o que estava acontecendo. Tinha mentido sobre as mensagens da mãe, e o plano de Jack... envolvia a mãe? Hallie confirmou com a cabeça e falou:

— É, foi isso. Esse drama todo. Bem, achei que tivesse resolvido, mas nitidamente ela ainda acha que minha tia precisa de ajuda.

Hallie revirou os olhos e balançou a cabeça, como se achasse aquela história exaustiva.

— Precisa ir encontrar elas? — perguntou ele.

— É melhor — disse Hallie. — A gente já acabou de jantar, então não íamos demorar muito né?

Stephen parecia estar tentando descobrir se ela estava fugindo do encontro ou se realmente tinha uma tia doida e uma mãe invasiva. Ele fez que sim com a cabeça.

— É. É, melhor você ir.

Ela pegou a bolsa antes de eles se despedirem com o clássico *Eu te ligo* que quase nunca acontecia.

— Muito obrigada pelo jantar de hoje, Stephen.

— De nada — disse ele, e finalmente ela acenou e saiu do restaurante quase correndo.

Ela pediu uma margarita no bar do Taco Hut e seguiu imediatamente para o pátio dos fundos. Sabia que Jack estaria ali — e estava certa. Ele se encontrava recostado em uma cadeira com um copo de tequila, sorrindo ao vê-la chegar.

O olhar dele para ela poderia parecer *alguma coisa* em outro momento, mas ela estava convencida de que Jack estava certo: era apenas a química normal que existia entre duas pessoas que já tinham transado.

— Bom, essa foi a fuga mais esquisita da história dos encontros — comentou Hallie.

— Por isso é genial — explicou Jack, e empurrou com o pé a cadeira do outro lado da mesa, para ela se sentar. — A desculpa é tão confusa e doida que a outra pessoa não tem opção e diz apenas “Pode ir”.

— Não sei se eu chamaria de genial, mas certamente foi engraçado — disse Hallie, se jogando na cadeira e tomando um gole da bebida. — Sei que acabamos de jantar, mas até que eu comeria um taco.

— Já pedi para você.

— Pediu?

— Frango com queijo por baixo.

Ela quase engasgou ao rir e engolir ao mesmo tempo.

— Você lembrou!

— Afinal, do que adianta comer queijo frio e duro?

Era quase impossível não sorrir para Jack, tão atencioso, convencido e incrivelmente adorável.

— Você nunca foi tão inteligente, Marshall.

Ele ergueu o copo em um brinde.

— Ora, Piper, obrigado.

Eles ficaram um minuto ali, sorrindo da situação ridícula.

— Então, quer ouvir uma coisa estranha? — perguntou Hallie, mexendo a bebida com o canudo.

— Sempre.

— Quando eu estava vindo para cá, percebi que meu encontro de hoje, mesmo que tenha dado errado, me deu esperança de encontrar minha alma gêmea.

Ele inclinou um pouco a cabeça.

— Como assim?

— É porque Stephen é um cara legal. Não é minha praia, mas é um bom partido: bem-sucedido, legal, atraente. Então, apesar de não ter dado certo, tenho esperança nas possibilidades. O próximo Stephen *pode* ser o certo.

Jack concordou com a cabeça.

— Bom, acho que é assim que procurar um namorado funciona. Você sai com várias pessoas até encontrar a ideal.

— Não é? — respondeu ela, cruzando os braços. — Eu sinto que pode rolar logo.

Eles acabaram ficando no Taco Hut até fechar, porque inventaram de fazer uma competição de conhecimentos gerais. Hallie era ótima em cultura pop e Jack sabia muito de história, então era impossível ir embora.

Quando o restaurante fechou, eles seguiram para casa a pé, e, meio bêbada, Hallie concluiu que era a maior vantagem de morar no centro.

— Sério, eu deveria vender meu carro — disse ela, amando o clima da cidade à noite. As luzes coloridas, o ruído dos carros, os cheiros de lixo e de comida deliciosa... era inebriante. — Eu amo isso aqui.

— Cuidado com a lama — avisou Jack, apontando a sujeira na calçada. — Senão vai estragar suas botas.

Hallie sorriu e esbarrou no braço no dele.

— Eu *sabia* que você ia notar minhas botinhas lindas de camurça.

— Só notei porque você começou a cambalear depois da cerveja — disse ele, e pegou o braço dela para interromper o movimento. — Olha.

Eles tinham chegado a um lugar que aparentemente ficava no ponto mais baixo da ladeira, porque a calçada inteira estava coberta de lama grossa.

— Ai... vou estragar as botas — choramingou ela.

Jack balançou a cabeça, suspirou e falou:

— Sobe aqui.

— Como é que é?

Ele se curvou um pouco e apontou as costas.

— Eu te carrego.

De queixo caído, ela não conseguiu segurar o riso.

— Está falando sério, Jack?

— Sobe e cala a boca, Hal.

Ela pulou nas costas dele, e Jack se endireitou e a carregou até o prédio como se Hallie não pesasse nada. Ela afundou o nariz frio no pescoço quente dele, curtindo o cheiro de sabonete de Jack, mas ele não reclamou *tanto* assim.

— Seu nariz está gelado — comentou.

— Mas seu pescoço está quentinho, não resisto — respondeu ela, afundando ainda mais o nariz no colarinho da camisa dele.

— Tá bom.

Quando finalmente chegaram ao prédio dela, Hallie desceu das costas dele e tirou uma nota de um dólar da bolsa.

— Para o senhor — brincou ela, estendendo a nota. — Obrigada por me acompanhar até em casa.

— Um dólar? — retrucou ele, com uma careta, e pegou o dinheiro da mão dela. — Eu valho mais que isso, só para você saber, mas aceito.

— Esquece. E toma cuidado no resto do caminho, tá?

Ele levantou as sobrancelhas.

— Está preocupada comigo?

— Até parece — respondeu Hallie, levantando a tag da chave para empurrar a porta depois do apito. — Estou é com medo de você morrer antes de eu ganhar aquelas férias grátis.

Capítulo ONZE

Hallie

Hallie fechou a planilha e olhou as horas: quatro e meia.

Tinha ido trabalhar com roupas de sair, porque, assim que acabasse o expediente, ia encontrar Alex para um drinque com petiscos. Hallie e Jack foram em mais dois encontros sem graça que acabaram no Taco Hut, mas, depois do último, ela havia começado a conversar com um cara chamado Alex, que parecia surpreendentemente promissor.

Ele era um corretor de imóveis loiro e fofo, que tinha bom papo por mensagem e era esperto e engraçado, que nem o Jack.

E, quando ele telefonara, rolou uma paquera e ela sentiu a química.

— Hallie — chamou Claire, a nova recepcionista, aparecendo na porta da sala dela. — Tem uma tal de Ruthie aqui querendo te ver.

— Ah, merda.

A recepcionista pareceu preocupada.

— Desculpa, era para eu...

— Não, não, é confusão minha, Claire. Pode por favor pedir para ela entrar?

— Pode deixar.

Hallie respirou fundo pelo nariz, e, antes mesmo de pensar, Ruthie entrou correndo na sala, fechou a porta e se jogou na cadeira.

— Que porra foi essa, Hallie?

Ruthie não parecia irritada, nem triste. Estava... confusa, talvez? Usava um vestido preto e comprido, um chapéu de capitão e óculos vermelhos.

Hallie tentou pensar no que dizer.

— Ruthie, eu queria conversar com você antes de você ver...

— Que todas as suas coisas sumiram? Já era, meu chapa. Não acredito que você se mudou.

— Tá, foi o seguinte... — começou Hallie.

— É por causa da minha alergia, né?

— Quê?

— Sei que você quer um gato, Hallie — disse Ruthie.

Hallie fechou a boca de repente. Havia pensado em adotar um gato em algum momento depois do término com Ben, mas nunca mais tinha pensado sobre aquilo — literalmente.

— Ah, Ruthie, não...

— Eu entendo, mas posso pelo menos ir com você para adotar?

Hallie nem sabia o que dizer além de:

— Como é que é?

— Porque eu também sempre quis um gato. Se eu fosse você, sem dúvida me mudaria também. Mas, já que não posso, deixa eu pelo menos tomar uma caralhada de antialérgico e te acompanhar?

— Hum...

— Ai, meu Deus — disse Ruthie, e arregalou os olhos. — Foi outra coisa? Tem algum outro motivo para você se mudar?

— Não, não, foi só, hum, o gato.

* * *

— Então você vai mesmo amanhã com ela no abrigo?

Hallie sorriu e levantou a bebida.

— Um brinde à covardia.

Alex também ergueu o copo e respondeu:

— À covardia. E aos gatos.

Hallie riu; ela estava se divertindo muito. Ela e Alex tinham dividido um prato de nachos e estavam comendo muçarela empanada. Os dois pareciam estar curtindo. Ela nem acreditava, mas sentia que havia algo promissor ali.

— Preciso pesquisar bons nomes de gato — disse Hallie.

— Que tal Bigode? — perguntou Alex.

— Clichê.

— Garfield? — sugeriu ele.

— Sem graça.

— Ann-Margret?

Hallie levantou as sobrancelhas e inclinou a cabeça.

— Agora sim.

Eles passaram mais dez minutos rindo enquanto Alex procurava no Google nomes horríveis para gato. Ela pediu licença para ir ao banheiro e, assim que entrou no corredor, se virou e esperou Jack.

Ele não decepcionou.

Chegou logo, com o sorriso sarcástico de sempre. Estava *muito* bonito, de colete de tricô preto, camisa social branca e calça preta.

Ele se vestia muito bem para os encontros.

— E aí...? — perguntou ele, e o cheiro da água-de-colônia cara, mas sutil, chegou ao nariz dela.

— E aí que estou me divertindo à beça.

— Fala sério — disse ele, franzindo as sobrancelhas bruscamente e fitando o rosto dela, como se procurasse a resposta. — Jura?

— Também nem acredito. O Alex é gato, engraçado e muito, muito divertido. Você gostaria dele.

Ele revirou os olhos.

— Duvido.

— E você? Como vai com a Kayla?

O par dele era uma doutoranda estonteante que parecia até a irmã mais velha da Zendaya. Hallie quis vomitar ao vê-los juntos — pareciam um casal de celebridades —, então imaginava que Jack também estivesse se divertindo.

— Ainda não senti vontade de correr? — perguntou ela.

Ele engoliu em seco e respondeu simplesmente:

— Ainda não.

Hallie aproximou ainda mais o rosto e o viu fungar. Ela se perguntou se seu perfume estava forte demais.

— Nem acredito que vou dizer isso, Jack, mas não quero fugir hoje.

— Bom — disse ele, com a expressão indecifrável, e deu de ombros —, ainda está cedo. Tem tempo...

— Não, estou falando sério. Dá para notar. Não preciso de tacos.

Hallie sabia que estava sorrindo que nem uma boba, mas não conseguia se conter. Estava finalmente em um encontro bom e queria pular de alegria.

— Tipo, eu nem quero que acabe o jantar... — continuou. — Está bom mesmo.

Jack deu uma piscadela para ela.

— Alguém está chegando mais perto daquelas férias.

— Tomara — disse ela, com uma piscadela, e entrou no banheiro.

Jack

— Aí tive que passar o fim de semana toda trancada no laboratório.

Ele sorriu e pegou o copo d'água.

— Não era bem seu plano, né?

— De jeito nenhum.

Kayla sorriu e voltou a contar a história, mas Jack estava distraído olhando para a mesa atrás dela.

Hallie ria e sorria para o seu parceiro como se quisesse devorá-lo. *É impossível esse cara ser engraçado assim. Impossível.* Porém, sempre que ela ria, era como se o som chegasse aos ouvidos dele; ele não tinha como *deixar* de escutar. E o sorriso de cantinho de boca com aqueles lábios vermelhos... ela não se dava conta da mensagem que estava passando? O cara ia achar que ela estava no papo, cacete, só por aquele sorrisinho de paquera.

Jack genuinamente queria que Hal encontrasse alguém, mas não seria aquele cara. O cabelo dele estava tão cheio de gel que ele provavelmente pegaria fogo se passasse perto de uma chama, e tinha uma coisa meio bizarra no olhar dele para Hallie.

Ver aquele sorrisão metido dele deixava Jack irritado pra cacete.

E o cara estava usando All Star com terno; ele achava que era um apresentador de *talk show*, por acaso?

— Então, resumindo, fecharam tudo na faculdade e prenderam o cara — prosseguiu Kayla, ajeitando o cabelo atrás da orelha. — Dá pra acreditar?

— Não dá — disse ele, sentindo-se uma merda por se distrair.

Ele não era escroto, e Kayla merecia toda a sua atenção no jantar, mesmo que não rolasse uma conexão.

— Foi uma loucura daque... — continuou ela, mas parou quando o celular tocou e ela olhou a tela. — Preciso atender, é minha colega de apartamento. Me dá licença um segundo?

— Claro — disse Jack, se perguntando se ela estava inventando uma desculpa para fugir.

Ele achava que todo mundo tinha um esquema desses para primeiros encontros, então não se irritaria se fosse o caso.

Assim que ela saiu da mesa, ele pegou o celular.

Digitou: *Certeza que não quer taco, BT?*

Mandou.

E... *esperou*. Ele viu Hallie olhar de relance o celular, ler a mensagem e guardar o aparelho no bolso sem responder.

Ela ignorou a mensagem dele.

Sério?

Por motivos inexplicáveis, aquilo o irritou. Muito. Ela não era sua dupla dinâmica? A parceria deles tinha acabado, agora que ela havia encontrado um cara que achava razoável? Ele se sentiu meio rejeitado enquanto ela continuava o jantar como se mal o conhecesse.

Kayla voltou à mesa e Jack conseguiu aproveitar o jantar agradável com ela. Ela era doce, inteligente e engraçada, não havia nada de errado com ela.

Então por que estava com tanta pressa para acabar com aquele encontro?

Ele notou que ela queria beijá-lo quando a acompanhou até o carro, mas ele não estava no clima e não queria fingir. Disse que ia ligar para ela e voltou para casa.

Irritado pra caralho e completamente perturbado por aquele loiro escroto.

Ele esperou algumas horas e, à meia-noite, finalmente cedeu à vontade.

Jack: Chegou bem em casa?

Hallie: Ai mddc, Jack, eu queria te mandar mensagem, mas estava com medo de você estar trepando com a doutoranda ou já dormindo em casa!

Jack: Estou fazendo essas duas coisas mesmo. E aí?

Hallie: O jantar foi ótimo, e ele me acompanhou a pé até em casa. A gente conversou muito, não tinha nenhum clima esquisito, e aí ele ME BEIJOU.

Jack: E...?

Hallie: INCRÍVEL!!! Ele fez aquele negócio de segurar o rosto e eu me derreti toda. Um pouquinho de língua, mas sem exagero. Foi um beijo perfeito.

Jack: Parece meio precipitado, né?

Hallie: O quê? Um beijo no primeiro encontro? Virou puritano, é?

Jack: É só que você nem conhece esse cara.

Hallie: Conheço, sim. Ele é corretor de imóveis, joga softball, a cor preferida dele é salmão e ele gosta de trepar.

A cor preferida dele era salmão? Puta merda.

Jack: Parece um idiota.

Hallie: EU SEI O QUE VOCÊ TÁ FAZENDO.

Jack não sabia por quê, mas as palavras dela fizeram ele se sentir culpado por alguma coisa.

Jack: Como assim?

Hallie: Você quer ganhar a aposta, então está tentando sabotar meu primeiro match bom.

Jack : Como ele se chama mesmo?

Hallie: Alex Anderson.

Jack: Vou stalkear ele.

Hallie: É o quê? Não. Não faz nenhuma besteira.

Jack: Não vou fazer besteira. Só vou catar o sr. AA no Google.

Hallie: Você deu uma stalkeada na dra. Lindona?

Jack: Eu a acompanhei até o carro e voltei para casa a pé e sozinho porque você me largou.

Hallie: A gente estava precisando de um descanso do Taco Hut mesmo. Já engordei um quilo desde que começamos esse esquema.

Jack: Você está linda... não desista.

Hallie: Ei. Quer ir comigo e com a Ruthie adotar um gato amanhã?

Jack: Primeiro, como assim, um gato? Segundo, você ainda não contou para ela?

Hallie: Vou te ligar.

O celular tocou e ele o levou ao ouvido enquanto se recostava na cama, vendo um canal de esportes.

— Oi, Piper.

— Então, a Ruthie apareceu hoje no meu escritório, perguntando onde tinham ido parar minhas coisas.

— Opa!

— Né?

Jack a escutou contar uma história maluca sobre a colega de apartamento esquisita e a adoção de bichos. O modo como Hallie contava a história lembrava-o do jeito dela na cozinha do hotel na noite do casamento.

Mandona, autodepreciativa, engraçada e charmosa pra cacete.

— Então a gente vai adotar um gato às oito da manhã, logo antes do trabalho. A Ruthie é uma *figura* e adoraria que você topasse ir com a gente. Para servir de pessoa sã no nosso trio gateiro.

— Talvez você deva chamar o Alex — replicou ele, e se arrependeu imediatamente.

— Não quero associar meu gatinho a um possível namorado — disse Hallie, e Jack achou que ela soava sonolenta, com a voz um pouquinho mais grave, um tiquinho mais baixa, do que de costume. — Pode complicar muito as coisas. Prefiro escolher o gato com amigos, para não ter nenhum rancor felino se eu magoá-lo, ou vice-versa.

— Não acredito que você vai adotar um gato só para não chatear a Ruthie.

— É um preço até baixo.

Isso fez ele rir, de tão ridículo.

— Um bicho que você tem que alimentar e cuidar, até que a morte os separe, custa pouco?

— Eu sempre quis ter gato — respondeu Hallie, e Jack quase a ouviu dar de ombros. — E se *you* consegue cuidar de um gato, *eu* sem dúvidas também consigo.

Jack olhou para Miaugi, dormindo no seu colo.

— Tá bom — concordou, porque não odiava a ideia de encontrar Hallie antes do trabalho e, como sempre se levantava às cinco e meia para correr, já estaria acordado de qualquer maneira. — Eu te busco às sete. Preciso de café antes disso aí.

— Que querido — disse Hallie, e Jack imaginou que ela estava sorrindo. — Vou pedir para Ruthie nos encontrar no abrigo, porque você não vai querer dar carona para ela, é impossível tirar o cheiro dela do carro.

— Ai, meu Deus — soltou ele, morrendo de curiosidade para conhecer a amiga dela. — Que cheiro?

— É uma mistura de patchuli, cebola e baunilha.

— Me explica isso?

— Não dá — disse ela, que parecia estar em movimento. — Ela tem esse cheiro desde que eu a conheço. Eu sei que ela toma banho pelo menos três vezes ao dia, então não é nenhum tipo de odor corporal.

— Estou apavorado e encantado para finalmente conhecer a Ruthie.

- Também estou apavorada e encantada. Durma bem, Jack.
- Durma bem, BT.

Capitula
DOZE

Jack

depois

e

paisageiro

quer

mim

cara

Alex

bartender

Cacete.

me salvar Nem ouse, quero ficar a sós com ele.

Por favor, vem

Capítulo TREZE

Hallie

Hallie fechou a porta da casa e a trancou. Ao tirar os sapatos e largar a jaqueta no chão, percebeu que ainda estava sorrindo. Alex a tinha deixado na porta cinco minutos antes, mas o sorriso em seu rosto ainda não se fora.

Ela não viu Tigrão — fazia uma semana que ele estava ali e, sempre que chegava em casa, ela o encontrava dormindo no travesseiro dela —, mas era fácil chamá-lo. Foi à cozinha, abriu a gaveta de talheres e pegou o abridor de latas. Do quarto, ouviu o *miaaaau* familiar antes das patas pesadas virem correndo pelo chão de taco em sua direção.

O superpoder de Tigrão era ser capaz de ouvir o abridor de latas literalmente de qualquer canto do planeta.

— Oi, Tigrinho — disse Hallie, se agachando para acariciar a cabeça laranja e peluda.

Ela ainda nem acreditava que tinha um gato, mas estava agradecida a Ruthie por toda a confusão da mudança, pois estava perdidamente apaixonada por Tigrão.

— Vamos pegar um atum pra você — continuou.

Ela abriu a lata e serviu em um pires. O celular vibrou no bolso quando ela estava se virando para jogar a lata no lixo. Esperava que fosse Alex, mas era Jack, que andava estranhamente quieto nos últimos dias. Talvez ele estivesse tão caidinho pela doutoranda quanto ela estava por Alex e, assim, estivesse ocupado demais para mandar mensagem.

Jack: Como foi o jantar?

Ela foi para o quarto com o celular e se jogou na cama.

Hallie: Então, saca só: eu falei que o Alex fez reserva no Aquarium, né?

Jack: Falou, chiquérrimo.

Hallie: Tá, a gente chegou lá e não tinha reserva, nem tinha mesa. Alex ficou todo vermelho e parecia puto da vida.

Jack: O dr. Jekyll virou sr. Hyde por causa de peixe caro?

Hallie: Não, o dr. Jekyll virou o próprio Romeu.

Jack: Ele te envenenou?

Hallie: Ele saiu do restaurante, fez um telefonema e perguntou se eu topava caminhar um pouco.

Jack: Então ele ligou para a mãe para ela acalmá-lo.

Hallie: Cala a boca e deixa eu contar. A gente foi andando e, depois de meia hora, ele me levou a um iglu no parque. Entramos e lá tinha aquecimento, luzinhas pisca-pisca e um piquenique montado no chão, com hambúrguer e batata frita.

Jack: Não é possível.

Hallie riu, ainda incrédula.

Hallie: Chocante, né?!

O celular começou a tocar enquanto ela olhava a tela e, assim que levou ao ouvido, escutou Jack:

— Quer dizer que, quando a reserva deu errado, o palhaço loiro arranjou um piquenique com hambúrguer no parque?

— É exatamente o que eu quero dizer! — disse Hallie, se largando de costas na cama de olhos fechados. — Dá pra acreditar no quanto isso é charmoso?

Ele fez um ruído que parecia ser de desdém.

— Eu estou achando é que o cara sabia que não tinha mesa nenhuma, então inventou a história da reserva só para pagar de charmoso.

Hallie abriu os olhos, fitando o teto.

— Que ridículo.

— E você voltou para casa antes das dez, BT, então obviamente está faltando química sexual aí.

— Sei que você quer aquela bola besta, mas larga de ser estraga-prazeres.

A relação com Alex estava incrível e perfeita, por enquanto, exatamente como ela queria. Porém, Jack tinha alguma razão. Em teoria, Alex era perfeito, mas ela ainda não sentira nenhum desejo forte por ele.

Ela gostava dos beijos dele — ele não metia a língua na garganta nem lambia a cara toda —, mas definitivamente não rolava aquela vontade

desesperada de tirar a roupa que tinha sentido com Jack naquela noite bêbada no elevador.

Mas uma hora rolaria.

E provavelmente não era o mais importante para o relacionamento.

— Desculpa, foi mal — disse ele, e pigarreou. — E o Tig, vai como?

Hallie se virou de lado e sorriu.

— Ele é tudo que eu poderia desejar em um melhor amigo.

Ele riu, grave e rouco, como se estivesse cansado.

— Eu deveria passar aí e levar erva de gato. Não posso mais dar pro Miaugi porque ele fica agitado demais.

Ela amava o tom ao mesmo tempo irritado e apaixonado que ele usava ao falar do gatinho.

— Deveria mesmo. Ele está com saudade — disse Hallie, e sentiu que *ela* também estava, porque fazia um tempo que não se viam. — Ele quer mostrar a casa nova.

Quando ela voltara ao abrigo com Alex para oficialmente adotar Tigrão naquele dia, se espantara ao ver Jack, mesmo tendo dito que ele não precisava ir. Ele dissera que estava voltando para casa e queria ajudar se ela precisasse, e fora surpreendentemente amigável com Alex enquanto os três colocavam o bichinho peludo na caixa.

Ela não esperava tamanha fofura e honestamente não sabia como interpretar aquele gesto.

— Vou passar duas semanas agora em Minneapolis a trabalho, mas tenho um jantar marcado com a Kayla na sexta quando voltar. Posso passar aí depois disso.

— Boa ideia — disse ela, olhando pela janela a cidade escura. — Como andam as coisas com a senhorita doutoranda, por sinal?

— Bem — respondeu ele, e pigarreou. — Nós dois estamos muito ocupados com trabalho agora, então não temos conversado tanto, mas andam bem.

— Mas o jantar é promissor, né? — perguntou ela, querendo que ele falasse um pouco mais de Kayla.

Ele dizia que *Ela é ótima*, mas nunca entrava em detalhes.

— É, vai ser ótimo. Acho que devo passar na sua casa umas dez, depois do jantar, pode ser?

Vai ser ótimo. O que ele queria dizer com isso?

— Podemos pedir sorvete e ver um filme — respondeu ela.

— Encontro marcado.

Hallie se virou para o teto. *Encontro marcado.* Ela se perguntou, não pela primeira vez, para ser sincera, como seria namorar com Jack. Não que ela quisesse — amava ser amiga dele —, mas estaria mentindo se dissesse que não pensava na noite de sexo no hotel e no momento que tinha rolado enquanto viam *Orgulho e Preconceito*.

Eles desligaram pouco depois, e Alex logo telefonou.

Ela gostava de falar com ele, mas não conseguia deixar de notar que conversar com ele não era tão *divertido* quanto conversar com Jack. Provavelmente era uma comparação injusta, porque conversar com Jack era fácil. Eles eram amigos, portanto era tudo confortável e natural, enquanto ela e Alex ainda estavam *se tornando* alguma coisa.

Não tinha nada a ver com Jack e tudo a ver com a novidade.

Simples.

Jack

Jack estava esperando o elevador do hotel quando o celular vibrou. Era Hallie.

Hallie: Socorro! Vou jantar e não sei o que escolher.

A foto que vinha a seguir era de dois pares de calçados: botas pretas de salto alto e um par de sapatos de salto, também pretos.

A porta do elevador abriu e Jack entrou antes de responder.

Jack: Depende da roupa.

Hallie: Tá, um segundo.

Enquanto descia de elevador, ele se esforçou para não sorrir ao imaginar Hallie pulando em um pé só, tentando se calçar com pressa.

Hallie: Opção 1

Era uma foto da roupa inteira, e finalmente ele sorriu. Hallie estava linda, de vestido preto, botas de cano alto e batom vermelho, mas tinha feito uma careta, de língua para fora e olhos vesgos.

O elevador abriu e Jack começou a caminhar para o saguão.

Jack: A bota é sexy, a cara não é.

Hallie: E agora, tô sexy?

Ela mandou uma foto em close da careta ridícula.

Jack: Delícia. Manda a 2, por favor.

Jack saiu para a noite fria de outono, a caminho do seu bar predileto. Ele sempre adorara o centro de Minneapolis e, estranhamente, gostava ainda mais do clima e do cheiro enquanto conversava com Hallie.

Ele não sabia como, mas ela havia dominado a mente dele completamente.

Todo dia, quando ele saía para correr, era *nela* que pensava.

Jack passava tempo demais, dia após dia, tentando decidir o que fazer com aquilo. Porque, no fim, mesmo que ele sentisse algo além de amizade por ela, poderia não valer a pena tomar uma atitude, se tudo que eles já tinham estivesse em risco.

Isso explicava por que Jack a ajudava a se vestir para um encontro, em vez de convidá-la para um.

Ele estava no meio do caminho do pub quando ela respondeu:

Hallie: Aqui a Opção 2.

Era uma foto de Hallie de sapatos de salto, e a roupa era ao mesmo tempo elegante e sexy pra cacete. Ela estava de olhos entreabertos, fazendo uma expressão sedutora exagerada, com biquinho e tudo.

Jack: A 1 é minha preferida, mas a 2 é chique, se for sua preferência. E não faz essa cara.

Hallie: Vou de 1 porque é só um jantar. E eu achei que estava sexy pra caralho.

Jack rangeu os dentes ao lembrar por que ela estava fazendo aquilo tudo.
Duh.

Jack: Vai sair com o Alex?

Hallie: Acho mesmo que você ia gostar dele, se desse uma chance.

Ele ligou para ela, que já estava rindo ao atender.

— Ia mesmo, Jack.

Nossa, que patético: a voz dela o atravessava, vibrando.

— Duvido. Aonde vocês vão?

Ela disse o nome de um restaurante que Jack não conhecia e ele respondeu:

— Por melhor que seja a comida, ainda não é hora de dar pra ele. Essa regra de sexo depois do terceiro encontro é besteira e você não deveria ceder à pressão.

Putá merda, o que foi isso? Ele sentiu vontade de dar um soco na própria cara pelo que falou.

— Você tem quinze anos, é? — disse ela, ao mesmo tempo rindo e ultrajada. — Eu vou *dar*, o que, por sinal, é uma expressão nojenta, se estiver a fim, muito obrigada.

Jack sabia que era imaturo, mas pensar nela beijando Alex dava dor de barriga nele. Na real, pensar em Hallie beijando *qualquer* homem lhe dava dor de barriga. Ele não sabia como tinha ido de zero a totalmente apaixonado por ela, mas se sentia um desastre completo.

— Só quis dizer que ele me parece meio safado e quero que você tome cuidado.

— Aaah — disse ela, com a voz baixa e sarcástica. — É tão fofo quando você me dá vontade de te abraçar e socar sua cara ao mesmo tempo!

— É o meu jeitinho — disse ele, tentando se forçar a parar de pensar nela com Alex.

— O que você vai fazer hoje? — perguntou ela.

— Estou a caminho de um bar para comer sozinho.

— Talvez você conheça alguém — disse ela, soando ridiculamente alegre.

— Não.

— Por que não? Não gosta das mulheres de Minnesota?

— Não gosto de conhecer gente no bar.

— Peraí... como é que é?

— É sério.

— Os juízes precisam de esclarecimentos. Jack Marshall, conhecido por se agarrar em elevadores de hotel com bartenders gostosonas que não conhece, não gosta de pegar mulher em bar?

— Sempre achei meio bizarro.

Com a voz bem-humorada, ela disse:

— Explique.

— Só me parece meio idiota ver alguém e decidir que acha ela bonita o suficiente para puxar conversa. Parece tão...

— Superficial?

— Bingo.

— Tenho que me maquiar, mas estou intrigada com esse seu lado. Quer dizer que você acha um erro selecionar uma possível namorada por aparência, sem considerar a personalidade?

— Você é muito eloquente, e, sim, é isso.

— Nossa, fiquei até meio excitada com essa perspectiva feminista da paquera no bar — brincou ela. — Me manda mensagem se ficar de saco cheio, tá?

— Tá — disse ele, e pigarreou. — Divirta-se.

— Mas não demais, né? Não posso *dar*?

— Você é muito cuzona — disse ele, rindo.

Ele desligou e entrou no McKenna. Seguiu para o bar, onde sempre se instalava com o tio Mack, e pediu um hambúrguer e uma cerveja.

Olhou ao redor — estava enchendo para o *happy hour* — e pensou no quanto era estranho estar ali sem ele.

Antigamente, Jack amava ir trabalhar naquela área, porque era uma desculpa para ficar na casa do tio preferido e passar um tempo com ele. Mack morava no mesmo edifício do bar, então o McKenna era quase sua cozinha particular. Sempre que Jack ficava lá, eles comiam ali.

Todo mundo que entrava no bar parecia conhecer Mack, e todo mundo que trabalhava ali o tratava como família. Ele era um ícone querido, a pessoa que trazia vida ao entrar em um ambiente.

E sempre que Jack o visitava, Mack tinha uma namorada diferente.

Todas elas tinham uma coisa em comum: eram divertidas.

Toda mulher que Mack apresentava a ele era linda, engraçada e topava uma curtição. Jack crescera vendo esse exemplo e queria ser igualzinho. Ao longo dos anos, ele se perguntara inúmeras vezes por que alguém teria pressa para se casar, se pudesse ser assim.

Mack não era arroz de festa — ele era a *própria* festa, aonde quer que fosse.

— Aqui — disse o bartender, servindo a comida de Jack. — Ketchup?

Jack olhou o homem e não o reconheceu.

— Não, valeu.

Enquanto desenrolava o guardanapo que embrulhava os talheres, vendo a televisão atrás do bar, achou surreal que não houvesse nenhum registro do tempo que seu tio passara lá, nenhum tributo ao homem que era mais mascote do que cliente.

Uma placa, uma foto, um banco especial — nada.

Nenhum rastro de que o tio Mack estivera ali.

Parecia até que ele nunca existira.

Jack tomou um gole longo da cerveja e pensou no velório. A família inteira fora ao enterro e à cerimônia e contara histórias, mas não tinha aparecido mais ninguém. Ele demorara para notar, porque a família era grande, mas nenhum amigo de Mack, ninguém do bar, nenhuma namorada... ninguém da vida cotidiana de Mack tinha aparecido para homenageá-lo.

Ele ainda ficava puto com isso e, enquanto jantava e o lugar vibrava de energia noturna, ia ficando cada vez mais irritado por Mack. Era realmente deprimente que o tio achasse que era próximo dos amigos e do bar. Era erro dele? Todos tinham se divertido com ele, mas sem dar a menor bola? As mulheres que corriam atrás dele... quais eram as histórias delas? Onde tinham ido parar?

Por mais que a mãe gostasse de se referir ao irmão como “solteirão inveterado”, Mack tinha sido mais do que isso. Ele era a pessoa mais gentil, mais engraçada e mais generosa que Jack havia conhecido, mas, como tinha escolhido *não* se casar, sua vida era considerada de menor valor.

Cacete, pensou Jack. Ele estava introspectivo demais ali sozinho e precisava de mais cerveja.

Ele acabou o jantar e virou mais algumas enquanto olhava feio para todo mundo que ousava curtir um jogo de futebol americano no bar. De repente, o lugar que um dia considerara um de seus restaurantes preferidos virou uma merda. Ele não queria continuar naquele bar escroto, então, assim que acabou o jogo, pagou a conta e voltou ao hotel.

Estava entrando no quarto quando recebeu uma mensagem de Hallie.

Hallie: Tá fazendo o quê?

Ele largou a chave, tirou os sapatos e se jogou na cama.

Jack: Acabei de voltar.

Hallie: Jantar demorado. Conheceu alguém?

Jack: Conheci só o barman que pegou meu pedido.

Hallie: Parece meio solitário.

A mensagem fez ele se sentir *mesmo* solitário. Ele escreveu: A noite foi toda esquisita. Não quero falar muito, mas é que eu amava o lugar porque meu tio vivia lá, mas, agora que ele não está mais aqui, foi uma merda.

O celular começou a tocar, e ele sentiu alguma coisa no peito ao ver o nome na tela. Ele atendeu com:

— Piper, eu disse que não queria falar disso.

— Eu sei — replicou ela, e ele achou que tinha ouvido o sorriso em sua voz.

— Por isso liguei: pensei em contar da *minha* noite.

— Vai nessa — consentiu ele, se levantando e andando até a mala. — Conta tudo.

— Tá. Então — disse ela, pigarreando, e ele ouviu um miado no fundo. — Alex me buscou e me levou ao restaurante. Era bonito, o vinho era bom e aí ele pediu uma bolinha de queijo vegano de entrada e quis que eu provasse.

— Ele é vegano?

— Não, só já tinha provado a comida e gostado muito.

— Você não provou, né?

Era impossível que Hallie, fresca com comida como era, tivesse provado uma bolinha de queijo vegano.

— Ele queria muito que eu provasse, então provei. Peguei o menor pedacinho de todos.

— E aí? — perguntou ele, tirando a camisa e desabotoando a calça. — Como foi?

— Não sei, porque, uns trinta segundos depois, minha garganta começou a coçar. Aí meu rosto ficou vermelho e brotaram umas manchas no meu pescoço.

— Você é alérgica? — indagou Jack, parando de se vestir. — Você está bem?

— *Agora* estou — disse ela, soando exausta —, mas hoje descobri que tenho uma alergia violenta a castanha, que aparentemente é o ingrediente principal do queijo vegano.

— Puta merda — soltou ele, tirando o jeans, que largou na mala antes de voltar para a cama. — O que aconteceu? Está tudo bem mesmo?

— Alex precisou me levar para o pronto-socorro, e acho que ele me ouviu botar tudo para fora no cone do vômito na sala de espera.

— Puta merda — repetiu ele, desejando estar lá para ajudá-la. — E o que é um cone do vômito?

— O enfermeiro me deu um negócio que era tipo um círculo de papelão com um reservatório comprido de látex... cone do vômito. Camisinha da golfada.

Ele começou a rir, apesar do péssimo humor e de ela ter passado por um susto daqueles.

— Que pena você ter que usar o receptáculo da regurgitação.

— Tudo bem... botei tudo pra fora.

— Eu teria segurado seu cabelo — comentou ele, ainda rindo —, se estivesse aí.

— Bom, eu teria jantado com você para não se sentir tão solitário, se estivesse *aí* — disse Hallie, e as palavras dela o afetaram.

Porra, *ela* o afetava.

Ele pigarreou e perguntou:

— E o gato, como vai?

— Jack, ele é maravilhoso. Como eu vivi a vida inteira sem ele e agora, de repente, nem me lembro mais de como era antes? É uma loucura me apegar tão rápido assim?

— Não — disse ele, sentado na cama. — Não é loucura nenhuma.

Capítulo
QUATORZE

Hallie

Desastre ambulante

merda

ela

Hallie: Adivinha só? Alex topou ir comigo ao casamento da Lillie.

Jack: Você vai levar ele para Vail? Quer mesmo apresentar ele à família já?

Hallie: Talvez...?

Jack: Ele não é o cara certo, sabe. Você não vai ganhar as férias com esse cara.

Hallie: Já parou pra pensar que talvez você esteja errado? E se ele FOR o cara certo?

Acho que o tempo dirá.

Capitula
QUINZE

Jack

Ele

Hal

quanta coisa ele tinha ali?

speed dating

conheço

Cacete.

Hallie

Você

O tio Mack.

Posso ligar? É importante.

Claro

mesmo

*Eu não sabia que você gostava tanto dele a ponto de ficar
magoada assim. tanta
tanta*

Claro que entende.

e

Nossa, ele é bom mesmo

Capítulo DEZESSEIS

Hallie

Jack: Bom dia, meu amor. Quer que eu busque um donut no caminho da sua casa?

Hallie: Cuidado, que vou me apaixonar DE VERDADE se você disser essas coisas.

Jack: Vou mimar você com donuts de chocolate pelo resto da vida, meu bem.

Hallie: Acho que gozei um pouquinho.

Jack: Estou indo.

gostoso

Preconceito

Orgulho e

você

vista

Comparar os pontos de

Aaaah. Ele entrou no personagem.

Capitula
DEZESSETE

Jack

upgrade

literalmente

Hallie

Jack é muito bom nisso.

horível

tinham

Não dormi, Jack

Estou só esperando.

Capítulo DEZOITO

Hallie

— Aqui a chave do seu quarto, querida.

Hallie aceitou a chave da mãe e saiu da van. O grupo inteiro tinha sido recebido no aeroporto de Denver por uma frota de vans que os levaram ao resort em Vail. Ela planejava zoar com Jack durante o trajeto, mas, como o filho de alguém precisava de lugar, ele pegou a van com Jamie e Chuck, e ela, a que transportava os pais e avós.

Depois de vinte minutos de perguntas constantes sobre Jack, Hallie precisou fingir que estava dormindo de novo.

— Obrigada — disse ela, sorrindo ao descer da van e se espreguiçar.

O ar da serra era maravilhoso, e ela se sentia cercada pelas folhas amarelas dos álamos e pela sensação de que o outono chegava naquele exato segundo.

Hallie olhou para a entrada do hotel... e viu Ben.

Meu Deus.

O ex parecia estar ainda mais bonito, e ela sentiu um frio na barriga ao rever aquele rosto, o rosto que conhecia tanto quanto o seu. O cabelo castanho estava um pouco mais comprido do que antes, a barba curta combinava muito bem e ele parecia estar usando o cachecol vermelho xadrez que ela sempre adorou.

O coração de Hallie acelerou, até ela vê-lo rir e perceber que estava rindo com a irmã dela. Quando olhou para o lado dele, viu que Ben, Lillie e Chuck estavam gargalhando de algum comentário de Jack.

Hallie engoliu em seco. *Melhor começar logo.* Ela notou Jack a observando no caminho e, *caramba*, como ele era um bom namorado de mentira.

Porque, apesar de continuar a conversa, o olhar dele a encontrou com um foco tão intenso que até Lillie e Ben se viraram para ver o que ele estava

olhando.

— Oi — disse ela, abraçando o braço direito dele e se levantando na ponta dos pés para um beijo rápido.

Jack semicerrou os olhos, hesitante, antes de curvar a boca em um sorriso e substituir a dúvida pelo brilho sagaz e provocador. Ele a beijou, um selinho fofo e normal de casal, mas, em vez de soltá-la, sorriu e falou:

— Seus óculos estão sujos... dá aqui.

Ele fez um gesto, pedindo os óculos, e Hallie engoliu o riso quando Jack os pegou da mão dela e fez aquele negócio de embaçar a lente com o bafo e limpar com a barra da camisa. *Que cavalheiro*. Em vez de simplesmente devolver os óculos, ele os colocou no rosto dela e abriu um sorriso íntimo que Hallie sentiu até na ponta dos pés.

— Melhorou? — perguntou Jack, baixinho.

— Muito — suspirou ela, meio excitada, meio tentando segurar o riso.

De repente, Hallie ficou feliz de ter viajado de óculos, em vez de lente de contato.

— Oi, Hal — disse Ben. — Quanto tempo.

Ela sentiu a voz de Ben como um soco e virou o olhar para ele. Ele estava lindo, igual ao garoto que ela amara profundamente, e foi com um aperto na garganta que ela curvou a boca no que esperava ser um sorriso casual.

— Né? Como estão as coisas?

— Fantásticas — disse ele, sem o menor sinal de constrangimento, como se fosse fácil encará-la.

— Ótimo — respondeu ela, de repente perdida nas palavras.

Hallie não o amava mais, mas o rosto dele era como uma música: era só olhar para sentir cada pedacinho de tristeza pelo término.

— Que bom — acrescentou.

Ele sorriu e assentiu.

— Está com a nossa chave, amor? — perguntou Jack, puxando-a de volta para o presente.

— Quê?

Hallie colocou o cabelo atrás das orelhas e Jack a encarou com um olhar compreensivo, como se tivesse certeza absoluta do que ela estava pensando. Hallie concordou com a cabeça e respondeu:

— Tô. Chave. Tá aqui.

— Qual é o quarto de vocês? — perguntou Jamie. — A gente está no 326.

— Todo mundo está no terceiro andar — disse Lillie. — A gente reservou todos os quartos.

— Qual é o de vocês? — Chuck perguntou a Hallie.

— Hum — disse ela, e mordeu o lábio. — Eu te mando por mensagem — murmurou.

— Como assim? — perguntou a irmã, com as mãos na cintura. — Que segredinho é esse? Qual é o seu quarto?

Hallie olhou de relance para Jack, que deu para ela um sorrisinho sexy.

— Mudar para um andar mais quieto com meu namorado virou crime agora, é?

— Você nunca veio para esse hotel. Por que acha que o terceiro é barulhento? — perguntou Lillie, e Hallie notou que, por algum motivo, aquilo irritava a irmã. — Você mudou a reserva?

— Eu mudei — disse Jack, pegando a mala de mão e pendurando no ombro. — A gente, hum, quis um pouquinho de privacidade.

— Privacidade? — perguntou a irmã dela, confusa. — Vocês já têm um quarto, pelo amor de Deus.

Jamie começou a rir e, quando Hal a olhou, ficou óbvio o que ela pensava.

Ela olhou para o resto do grupo e reparou que todos pensaram a mesma coisa.

Todos acharam que Jack tinha reservado um quarto em outro andar para ele e Hallie passarem o fim de semana transando sem parar. Ela sentiu o rosto arder sob o olhar de todos, mas não trocaria aquilo por nada.

Engole essa, Ben.

Ela pegou a própria mala e a chave e falou para Jack:

— Vamos, moção?

Ele a olhou como se quisesse sorrir em resposta ao apelido que os dois sabiam que ela *nunca* usaria para ele.

— Seria meu maior prazer.

A caminho do hotel, ele perguntou baixinho:

— O de cachecol é o babaca do ex?

— É — disse ela, rindo, muito feliz por ter levado Jack. — É o de cachecol.

Jack

— Vou ligar para a recepção — anunciou Hallie.

Ela largou as malas e andou até a mesinha do telefone. Apertou a tecla zero e, rindo, acrescentou:

— Mas isso é hilário. Acho que nunca vi isso acontecer de verdade.

Jack a viu se jogar na cama *king size*, enrolando o fio do telefone como se estivesse tudo bem.

— Você nunca viu um hotel cometer um erro na reserva?

— Nunca vi esse erro de “só tem uma cama” realmente acontecer — disse ela, revirando os olhos. — É um clichê de livro de romance. Sabe, as duas pessoas são forçadas a dormir juntas na única cama porque não têm outra opção?

Ele sentiu um aperto no peito.

— Que ridículo.

Ela se virou de bruços e murmurou.

— Ridículo é você. Ah, alô. Meu nome é Hallie Piper, eu estou no...

Enquanto ela falava com o recepcionista, Jack largou a mala e andou até a janela. O quarto era incrível — lareira de pedra, poltronas acolchoadas, piso de taco, tapete grosso, cama *king size* —, mas a vista da varanda era ainda melhor.

Ele abriu a porta e saiu. As Montanhas Rochosas preenchiam o horizonte, uma paisagem de tirar o fôlego, e um riacho largo e límpido corria lá embaixo, entre margens apinhadas de álamos amarelos.

Ele apoiou os braços no parapeito e inspirou fundo o ar do Colorado.

— Tenho boas e más notícias.

Jack a ouviu pisar na varanda, mas não se virou.

— Claro.

— A boa notícia — disse ela, abraçando-o e encostando o rosto nas costas dele — é que a gente não precisa mudar para um quarto no terceiro andar.

Jack sentia cada minúsculo movimento dos dedos dela em seu peito, a vibração relaxante da voz dela na pele dele. Ele engoliu em seco e conseguiu dizer:

— Legal.

Jack olhou para baixo e viu as dez unhas cor-de-rosa espalhadas em seu peito. *Merda.*

— Mas a má notícia — disse ela, rindo um pouquinho — é que a gente tem que ficar nesse quarto.

— É o quê?

Ele se virou e olhou o rosto dela. Hallie parecia chocada com a reação e abaixou as mãos.

— Quer dizer que não tem nenhum quarto livre? — perguntou ele.

Ela pestanejou.

— Bom, até *tem* quarto, mas só no terceiro andar.

— Então vamos pra lá.

— Junto da minha família.

— E daí? — perguntou ele.

— E daí que a gente fez todo um auê sobre nosso quarto particular de sexo.

Honestamente, ela ia matar ele com aquele jeitinho de Hallie. Jack suspirou.

— Pelo amor de Deus, a gente nunca falou nada de quarto de sexo.

— Ficou implícito — disse ela, como se o ridículo fosse ele. — Então como é que eu vou explicar a mudança de ideia? A gente não quer transar loucamente numa cama só, gostamos mais de usar duas? A gente prefere dormir separadamente depois da trepada?

— Pode não falar “trepada”?

— Não gosta de falar “trepada”? — perguntou ela, com um sorriso irônico.

— Você, Jack Marshall, não gosta de “trepada”. Verdade, prefere “rala e rola” e “pentada”.

Ele suspirou.

— Ninguém precisa saber que estamos lá.

— Eles vão saber — replicou ela.

Ele inclinou a cabeça, estalando o pescoço muito tenso.

— Vou garantir que não saibam.

— Você não pode simplesmente fazer isso por mim?

— Não — soltou ele.

— Por que não?

Jack sabia que devia soar absurdo para ela.

— Só acho uma má ideia.

— Por quê?

— *Por quê?* — praticamente gritou, tentando fazê-la entender. — Dividir a cama enquanto a gente finge namorar? Não parece o tipo de coisa que pode foder com a nossa amizade?

Ela deu de ombros, e algo no gesto o fez querer apertar mais o casaco de Hallie e garantir que ela estava bem aquecida.

— Entendi. Quer dizer, mesmo que a gente nunca fale disso, essa amizade é muito importante para mim e eu odiaria que alguma coisa a atrapalhasse. Mas... — disse ela.

Ele tensionou o maxilar, esperando ela continuar.

— A gente não tem uma amizade normal. Ficamos amigos *depois* de transar. Sexo e sentimentos não podem atrapalhar, porque a gente atropelou eles logo de cara.

Jack engoliu em seco. Por que ele se irritava com a tranquilidade dela? Com a certeza de que mais intimidade não confundiria os sentimentos?

Cacete, ele sabia que estava perdido e não fazia o menor sentido.

Porém a realidade era que ele não tinha considerado como aquele namoro de mentira mexeria com a cabeça *dele*. Ele não gostava de sentir que era de verdade quando ela o abraçava e não gostava do que sentia ao beijá-la — porque era tudo o que ele queria. E como ela estava seguindo o combinado e só fingindo, se ele demonstrasse o que sentia de verdade, soaria como uma mentira. Ou uma fraude.

Ele queria dizer para Hallie o que sentia e dar a ela tempo de explorar os próprios sentimentos e responder da melhor forma. Porém, se ele contasse o que sentia naquele momento, será que ela acharia que era parte do jogo? Ou resultado do jogo?

Ou, pior, confundiria o relacionamento de mentira com os sentimentos de verdade por ele?

A melhor opção, por mais que ele não quisesse, era esperar voltarem a Omaha para discutir seus sentimentos. Eles precisavam continuar fingindo que estavam namorando diante da família dela, se manter afastados em particular e conversar sobre o que estava rolando quando chegassem em casa.

— Hal, talvez...

— Você está pensando demais, Jack.

Algo na voz e na expressão dela o fez hesitar.

— Como assim?

Ela parecia meio tímida, mas também inteiramente confiante, e ergueu o queixo para falar.

— Eu gostei *muito* de te beijar no aeroporto e, se acontecer de novo por causa do namoro de mentira, vou aproveitar cada minuto. E também acho que dormir na mesma cama que você parece bem divertido, que nem uma festa do pijama adulta e platônica. A gente vai dar conta.

Jack não fazia ideia do que responder àquela ideia tentadora, mas horrível. Ele conseguia sentir o cheiro do perfume dela, o que de algum modo fez tudo piorar.

Quando organizaram a viagem, ele imaginou que eles se comportariam como colegas de quarto durante o final de semana. Naquele contexto, eles veriam televisão, cada um em sua cama, em lados opostos do quarto, e contariam piadas no escuro.

Mas conversar no escuro na mesma cama? Ver televisão debaixo da mesma coberta? Só de pensar, sentia que a cabeça ia explodir.

— Assim que a gente passar pela segurança do aeroporto em Omaha podemos voltar a ser amigos que buscam suas almas gêmeas — disse ela.

Ele virou a cabeça para o lado e estalou o pescoço de novo, de repente completamente tenso.

— Bom, eu não acho...

— Me dá um bom motivo para a gente não poder fazer isso.

Ele tinha um ótimo motivo, mas não queria falar até voltarem para casa. Ele suspirou.

— Tá. Vamos ficar nesse quarto, mas, se você encostar em mim, juro por Deus que vou berrar.

Hallie

Era esquisito ela achar aquele lado dele uma fofura? Jack, provocador e hilário, estava estranhamente acanhado e genuinamente preocupado com a amizade deles.

Ele era fofo, por baixo de todo aquele Jack.

No entanto, ela não queria deixá-lo desconfortável, então perguntou:

— Estamos bem?

Ele revirou os olhos e bagunçou o cabelo dela.

— Pode enfiar esse drama no cu, Hal. Tá tudo bem, só estou tentando proteger isso aqui.

— Legal.

Hallie deu um tapa na mão dele, recuou e ajeitou o cabelo, sentindo uma porrada no estômago com a emoção por trás das palavras de Jack. *Proteger isso aqui*. Algo na voz dele a deixava... perturbada, mas provavelmente era o fato de ela não querer admitir a importância daquela amizade para si mesma.

— E aí, quer curtir Vail ou não quer? — perguntou ele, todo resmungão.

— Vamos nessa — disse ela. — Posso só trocar de roupa antes?

— Claro, eu também vou me trocar.

Ela entrou no banheiro e vestiu um suéter preto de gola rolê, calça jeans e botas de caminhada. Embolou as roupas para esconder a calcinha, como fazia sempre que ia à ginecologista.

Deus a livre de as pessoas descobrirem que ela usa calcinha.

— Escuta, Jack — disse ela, abrindo a porta do banheiro —, talvez...

As palavras sumiram quando ela o viu parado na frente da mala só de calça jeans — uma calça caída o suficiente para expor a cintura do que parecia uma cueca boxer.

Nossa senhora.

Ele tinha aquele osso pronunciado do quadril que ela achava que só existia na capa de livros eróticos sobre cowboys.

— Sim? — perguntou ele.

Ela ergueu o olhar da barriga dele.

— Que foi?

Ele sorriu um pouco.

— Você disse *talvez*... e parou de falar.

— Ah. É — disse ela, com uma risada fraca. — Nossa, você me pegou desprevenida. Eu tinha esquecido, hum, que você era *assim*.

Ela fez um gesto, indicando o tronco nu.

— “Assim”? — questionou ele, levantando a sobrancelha.

— É, *assim* — replicou ela, e revirou os olhos. — Você sabe exatamente do que eu estou falando, Jack Marshall.

— *Assim* — repetiu ele, sorrindo.

Ela abriu a mala ao lado da dele, largou as roupas lá dentro e, em uma oitava mais grave do que a voz normal, disse:

— Eu sou o Jack. Sou todo gostoso. Sou todo *assim*.

Ele caiu na gargalhada.

— Por favor, veste uma camisa antes que eu te mate — disse ela, pegando a jaqueta do cabide para vesti-la.

— Porque todo o meu... *assim* está te incomodando?

Ela balançou a cabeça e semicerrou os olhos, em sua expressão mais raivosa.

— Quer saber? Sai sem camisa. Não estou nem aí. Vai caminhar pelado. Vou rir à beça quando os ursos comerem todo o seu *assim*.

— Tenho absoluta certeza de que corro mais rápido que você — disse ele, ainda rindo enquanto vestia uma camiseta cinza. — Então estou confiante de que meu *assim* vai ficar intacto.

— Mas assim que você tentar *correr*...

— Piper — disse ele, esticando a mão enorme para segurar a jaqueta dela, e, com um sorriso no olhar, a puxou para mais perto em um gesto de brincadeira.

— Não acredito nem por um segundo que você deixaria um urso me comer.

— Não?

O coração dela deu um pulinho no peito, e ela percebeu imediatamente a distância entre sua boca e a dele.

— Não.

Ele olhou para os lábios dela, como se estivesse pensando na mesma coisa. Por um instante, os dois ficaram paralisados diante da possibilidade, sem se mexer, nem falar, até Jack pigarrear e acrescentar:

— Porque só eu acerto seu pedido de taco.

— Verdade — concordou Hallie, e a boca se abriu em um sorriso por conta própria, enquanto ela se sentia esquentar. — Ninguém mais entende que é ridículo botar o queixo por cima.

— Afinal — disse ele, com um sorriso igual ao dela —, do que adianta queijo frio e duro?

Capitula
DEZENOVE

Hallie

ali

não

Carvalho.

carnuda assim?

A boca dele sempre foi

aquilo

Top Chef.

Red

(Taylor's Version)

mesmo

Arrested Development

Meu Deus do céu, essas pernas

Jack

Jack: Eu devia ter dito antes, mas você está incrível.

Hallie: Por que você está me mandando mensagem do banheiro?

Jack: Porque não quero misturar esse sentimento com nosso joguinho. Seu amigo Jack, e não seu namorado falso, está dizendo, em uma declaração inteiramente subjetiva, que você está estonteante.

Hallie: Bom, para ser sincera com meu amigo de verdade, e não meu namorado de mentira, estou amando essas férias com você e não quero que acabem.

Jack: Idem.

Hallie: Não se gabe demais, mas você tá bonito pra cacete. Tipo, queria dizer que você tá uma lindeza, mas acho que você ia ficar ofendido.

Tá pronta pra sair, BT?

Estou. Mas é bom avisar: sua namorada tem tendência a uma mão boba quando bebe vinho.

Então é bom eu TE avisar: quando minha namorada tá com a mão boba, normalmente encontro um closet ou elevador mais próximo e faço ela gritar.

Put a que pariu

Capítulo

VINTE

Hallie

— É para os padrinhos e a família irem para o corredor — gritou a mãe de Hallie — e o resto dos convidados, para o salão.

Hallie revirou os olhos.

— Já volto — disse para Jack, que estava de mãos dadas com ela, pacientemente esperando o avanço do ensaio.

— Te espero no salão.

Hallie começou a se afastar, mas ele a puxou de volta e a beijou na ponta do nariz. Sorriu para ela com um olhar carinhoso, e ela sentiu um tiquinho de frio na barriga ao sorrir de volta.

Foi em direção ao corredor, toda sorridente, perdida em pensamentos. Estava tão distraída que nem viu Ben até ele dizer:

— Oi, Hal.

Ela parou de andar e o olhou, irritada por ele a ter chamado pelo apelido.

— Ben. Oi.

Ele sorriu.

— Você está linda.

— Valeu.

Hallie fechou bem a boca e olhou para um ponto logo atrás dele, porque não queria ver seus olhos castanhos. Ela acrescentou:

— Você também.

Ben era aquele cara perfeitinho que não suportava climão, por isso falou:

— Escuta, não quero que o clima fique estranho entre a gente durante o casamento...

Ela levantou a mão.

— Não vai ficar.

— ... então espero que aceite meu pedido de desculpas.

Ela abaixou a mão e, por fim, o encarou, chocada pelas palavras. Ele nunca fora de pedir desculpas, mesmo depois de arrancar o coração dela do peito. Hallie cruzou os braços, sentindo um frio repentino, e respondeu:

— Desculpas pelo quê?

— Por tudo — disse ele, apertando a garrafa de água mineral como se estivesse nervoso. — Peço perdão.

Hallie o olhou, seriamente em dúvida. Por um lado, ela queria que ele sofresse para sempre, porque ainda sentia a dor da rejeição. Mesmo que não quisesse voltar com ele, estaria mentindo se dissesse que algumas músicas ainda não a levavam de volta àquele mês de setembro, a preenchendo com uma melancolia dolorida.

Por outro, ela não estava nem aí. Hallie viu aquele rosto lindo e sentiu apenas nostalgia.

Engoliu em seco e respondeu:

— São águas passadas, Ben... está tudo bem.

Ele virou um pouco a cabeça, como se duvidasse do que acabara de ouvir.

— Como é que é?

— Já superei, estamos de boa.

— Nossa.

Ele sorriu, surpreso, e ela se perguntou se um dia conseguiria olhá-lo sem sentir aquela pontada de tristeza. Não queria voltar com Ben, mas provavelmente nunca deixaria de sentir *alguma coisa* por ele.

— Nem acredito que você está tão tranquila com isso — acrescentou ele.

— Por quê? — perguntou Hallie, e os dois sorriram.

Porque na última conversa deles ela o havia chamado de demônio (entre outras palavras) e roubado sua amada bola de beisebol autografada.

Ela deu de ombros e falou:

— Não foi tão difícil te esquecer, Cachecol.

Jack

Jack: Isso é frio ou você tá muito feliz nesse ensaio?

Hallie: Primeiro, você não vai me fazer olhar para meus peitos com esse comportamento infantil.

Jack riu baixinho e desviou o olhar do celular a tempo de vê-la mostrar a língua para ele. Hallie voltou a olhar o aparelho e a digitar.

Hallie: Segundo que no colégio eu fui parar na diretoria porque o Jon Carson me disse a mesma coisa e eu fiz um sermão na cantina sobre tudo que ele obviamente não entendia sobre mamilos. Eu levei advertência por falar MAMILOS e ele ficou lá coçando o saco.

Jack: Não deve ter só coçado.

Hallie: Você é ridículo.

— Hallie, tenha dó — gritou a mãe, com as mãos na cintura —, pode largar o celular por cinco minutos para a gente andar com essa porcaria de ensaio?

Hallie revirou os olhos e deixou o celular na cadeira vazia ao lado.

Jack riu de novo enquanto esperava no corredor. O casamento aconteceria no dia seguinte, na área externa, mas estavam ensaiando na parte interna porque lá fora estava acontecendo outra festa.

Todo mundo ali tinha um papel a desempenhar no casamento, mas o único trabalho de Jack era ficar sentado, vendo o desastre acontecer. A mãe e a irmã de Hal pareciam estar dando máxima atenção a cada detalhe, e o ex de Hal não parava de olhar para ela, mas ela passou o tempo inteiro com cara de entediada, porque não largava o celular.

Porque estava trocando mensagem com ele.

Se deu mal, ele mandou.

Ele a viu ignorar a bronca da mãe, olhar o celular e mandar uma resposta rápida: Para de me meter em encrenca.

Hallie

— Que nojo.

Hallie levantou o olhar do celular e se virou para Carolyn, a madrinha principal da irmã, que estava parada ao seu lado, sorrindo com o nariz enrugado.

— O quê? — perguntou.

— O jeito como o seu namorado olha pra você. Quero vomitar de inveja.

Hallie acompanhou o olhar de Carolyn e viu que Jack a olhava com aquele sorrisinho sarcástico que ela amava.

— Esse é o jeito como ele olha quando está aprontando alguma coisa...

— Não estou falando de agora — disse ela, olhando para a mãe de Hallie, que estava fazendo um escarcéu por causa do violinista. — Desde que a gente chegou aqui, seu namorado ficou parado ali olhando como se você fosse a coisa mais incrível que ele já viu.

Hallie precisava se lembrar de pedir para ele baixar a bola para não dar pinta de grudento. Mas era verdade que Jack a olhava como se ela fosse incrível; a expressão dele naquele momento fez umas loucuras dentro dela.

Ela abriu a boca para desdenhar, mas lembrou que queria, sim, que todos achassem que Jack era o namorado perfeito e adorava tudo que ela fazia.

— É, ele é, hum — falou, tentando pensar na palavra certa. — Jack é muito focado.

— Bom, parabéns, Hallie — disse Carolyn, olhando para Jack com uma expressão de pura malícia. — É difícil encontrar um homem focado assim.

* * *

— Tá, então, eu subornei a garçonete pra botar a gente na mesa de Chuck e Jamie.

— Como é que é? — perguntou Hallie, a caminho do salão de jantar.

Jack tinha dado a mão para ela imediatamente depois do ensaio, mas Hallie ainda não tinha achado um jeito de aumentar o desafio naquela situação.

— A garçonete me disse que não tem mesa só para a família, então eu já ia me sentar com você — disse ele, e ela sentiu no corpo inteiro o carinho que ele fazia na mão. — Só pedi para ela mexer nos lugares marcados para a gente sentar com seus amigos, e não com seu tio Marco e sua tia Tam.

Hallie olhou para o rosto malicioso dele e se perguntou como ele podia ser perfeito assim. Marco e Tam eram irritantes e barulhentos, teria sido horrível.

— Minha irmã vai te matar.

— Mas *você* vai me matar? — retrucou ele.

— Você é o melhor namorado do mundo. Eu nunca te mataria.

Ele pegou o celular e mandou uma mensagem. O celular de Hallie vibrou.

Ela tirou o aparelho do bolso e leu.

Jack: Mas você ME mataria, né?

Ela sorriu, soltou a mão dele e respondeu:

Hallie: Passei horas sonhando com isso.

Jack: Tarada.

Hallie: Eu não, mas sua namorada me contou que você gosta de mordida no pescoço.

Jack: Não conta pra ela o que vou te contar, isso aqui é só entre Hal & Jack.

Hallie: Eba! Voltamos com o &!

Jack: Falei que a gente ia reviver a moda.

Hallie: Sempre acreditei em você. Enfim, o que você não quer contar para sua namorada linda e encantadora?

Jack: Hoje, quando ela beijou meu pescoço, eu *quase* implorei para ela voltar pro quarto comigo.

Ao pensar naquilo, Hallie ficou um pouco tonta e sentiu a barriga congelar.

Hallie: Então... queria que ela voltasse para morder mais?

Jack: Para morder & mais. & muito mais.

— Querem largar esses celulares? — gritou Chuck, já sentado. — Vamos, parece que vocês estão na nossa mesa.

Hallie e Jack andaram até a mesa, e Hallie ficou aliviada pela interrupção, porque ela estava prestes a implorar por uma noite toda de “& mais” com o melhor amigo. Ela sentou entre Chuck e Jack e imediatamente pegou a taça de vinho, que virou de um gole só.

— Você bebeu bem rápido, mocinha — disse Jack, em voz baixa, ao pé do ouvido dela.

Ela olhou para ele de soslaio e revirou os olhos quando ele fez aquela expressão atenta e engraçada, reagindo a seu estado acalorado.

O salão tinha sido organizado para a irmã de Hallie ficar em destaque. A mesa no centro era decorada em branco, para acentuar as roupas formais vermelho-sangue dela e do futuro marido (Riley também tinha escolhido um terno vermelho para combinar com a noiva). Um lustre imenso e iluminado pendia logo acima da mesa deles, servindo de holofote.

Os convidados estavam sentados a mesas brancas espalhadas ao longo do salão iluminado apenas pelos candelabros no centro das mesas.

Hallie tinha que reconhecer: a irmã sabia criar um clima.

— E aí, o que vocês fizeram hoje? — perguntou Chuck, que já tinha soltado um pouco a gravata *muito* torta. — Achei que a gente ia esbarrar com vocês.

— A gente só deu uma volta na cidade — disse Hallie, pensando no nervosismo de Jack com o fingimento deles e a situação das camas, e no que ele dissera sobre proteger a amizade. — E vocês?

Chuck e Jamie começaram a contar como acabaram numa trilha com a família, mas Hallie não conseguia se concentrar. Sentia arrepios na pele toda devido à proximidade de Jack, pensando em zíperes, panturrilhas e banhos ensaboados.

Qual era o problema dela?

Assim que eles acabaram a história, Hallie se levantou e declarou:

— Vou pegar uma bebida.

Ela foi até o bar e se arrependeu imediatamente, porque tinha conseguido evitar a família o dia inteiro, já que escapara com Jack, mas ali não tinha saída. Quando finalmente pegou o drinque de vodca e cranberry, já tinha falado com alguns primos e três tios.

E nada disso havia feito Hallie parar de pensar em Jack.

A refeição foi servida, finalmente, mas ela estava sem apetite. Estava... agitada demais para comer. Participou distraidamente da conversa no jantar, e ficou extremamente agradecida por Jack ter trocado os lugares, porque assim ele podia conversar com Chuck e Jamie, e Hallie podia surtar em silêncio.

*Hoje, quando ela beijou meu pescoço, eu *quase* implorei para ela voltar pro quarto comigo.*

— Hal.

— Oi?

Jack a olhava com ar de dúvida. Seus olhos azuis buscaram algo na expressão dela e aparentemente não encontraram, porque ele perguntou:

— Vamos lá fora rapidinho?

O coração dela começou a bater com força e ela concordou com a cabeça.

— A gente já volta — disse ele para a mesa, segurando a mão de Hallie e a levando em direção ao corredor.

Ela estava zozua, mas não conseguia pensar em nada específico, o que era bizarro. Estava só... nervosa...?

Jack não a levou para fora, simplesmente parou ao avistar um closet sem placa. Ele abriu a porta, a puxou para dentro e fechou. O closet cheirava a alvejante e roupa limpa, e estava escuro, exceto pela luz fraca que entrava pelas frestas da porta.

Hallie mal o enxergava.

— O que você está fazendo? — questionou ela, e ele a virou de costas para a porta.

— Por que você está surtando, Hal? — perguntou ele, com a voz grave e um pouco rouca ao pé do ouvido dela.

Ela queria negar, mas era Jack. Ele a conhecia bem demais para isso. Ofegante, ela respondeu:

— Na verdade, não sei.

Ela sentiu o cheiro de uísque quando ele falou.

— Tem a ver com o que eu disse sobre querer implorar para você voltar comigo pro quarto?

Ela engoliu em seco.

— Assim...

— Eu sabia que esse joguinho era má ideia — disse ele, e ela sentiu a proximidade de seu corpo, mesmo que não estivessem encostados. — Não vou perder você por causa de sexo. Acho que a gente deveria fingir namorar sem essas besteiras de beijo pelo resto do fim de semana.

A decepção a invadiu; a sugestão dele era meio que o oposto do que ela estava pensando.

— Ah, espera aí... isso já é meio radical, né?

Ele riu baixinho no ouvido dela.

— Então o que *você* sugere?

— Hum — disse ela, sem querer abrir mão da intimidade que estavam compartilhando desde que haviam chegado ao Colorado —, talvez a gente tenha que dar duro para firmar uma regra clara sobre sexo.

— Dar bem duro, é? — grunhiu ele, e ela sentiu a mordida na orelha.

— Você entendeu, seu tarado — replicou ela, quase sussurrando.

— Entendi — disse ele, roçando o nariz no pescoço dela, e a respiração na pele dela. — Juramos solenemente não transar neste final de semana, por mais que você me morda.

— Exatamente — riu ela. — E por mais bonitas que sejam suas panturrilhas.

Jack levantou a cabeça.

— Minhas panturrilhas?

— Você nem imagina como elas me distraem — confessou ela.

Ele começou a rir, e o som preencheu as sombras.

— É melhor a gente voltar — disse Hallie, sem querer sair dali, mas sabendo que a mãe e a irmã não aceitariam sua ausência. — Alguém vai começar algum discurso já, já.

— Espera.

O celular dele iluminou o ambiente, e ela ouviu a mensagem sendo enviada antes de o celular dela vibrar.

Ela tirou o aparelho do bolso.

Jack: Já que reforçamos que esse fim de semana não vale, posso te beijar?

Ela olhou a mensagem por um bom momento, sem saber o que responder, e finalmente guardou o celular na bolsa.

— A gente se beijou várias vezes desde que você me buscou hoje — falou.

— E *agora* quer pedir permissão?

A luz do celular dele iluminou a linha rígida de sua mandíbula.

— Não foi seu namorado de mentira que perguntou.

O coração de Hallie acelerou outra vez. Com um calafrio, ela perguntou:

— Então... *você* quer me beijar?

O celular dele apagou, e ela ouviu o sangue nos ouvidos enquanto esperava a resposta.

— Só uma vez — disse ele, com a voz áspera. — Jack e Hallie de verdade, antes de as coisas voltarem ao normal.

Ela achou de verdade que ia desmaiar. Buscou as palavras, mas disse apenas:

— Minhas mãos estão tremendo.

Hallie sentiu as mãos dele na lateral de seu rosto e ouviu a própria respiração trêmula. Ele encostou a boca na dela, mas o beijo não foi ardente e

arrogante como os outros, foi... diferente.

Foi um beijo íntimo e sexual, o tipo de beijo que normalmente se dava em um quarto escuro, com um corpo esticado em cima do outro. Bocas bem abertas, o ângulo em busca da conexão perfeita, o calor do hálito dele nos lábios dela, o toque dos dedos dele em sua pele.

Jack enrolou a língua na dela, provocante, mordendo de leve seu lábio inferior, e Hallie acabou avançando, desesperada para retribuir e fazer de tudo para ele nunca parar.

Ela agarrou as lapelas do paletó dele e o puxou para mais perto, juntando seu corpo ao dele. Ele grunhiu, apertou a cintura dela, desceu as mãos para a bunda, e foi a vez dela de soltar um barulho quando sentiu a rigidez dele se esfregar nela.

— Nem ouse parar — arfou ela na boca dele, e inclinou a cabeça para trás quando ele desceu os lábios para o pescoço.

— Eu preciso, Hal — ofegou ele no pescoço dela, chupando a pele e apertando o corpo. — Antes que a gente estrague tudo.

— É — concordou, ainda levantando as mãos para sentir o cabelo grosso dele entre os dedos. — Boa ideia.

— Então... vamos parar?

Ele ergueu a boca, mas ela ainda sentia o hálito dele na pele do pescoço ao falar, e ele parecia disposto a fazer o que ela quisesse.

— Vamos — disse ela, soltando o cabelo dele com um suspiro. — Melhor.

— Graças a Deus — respondeu ele, a voz arrastada e meio sonolenta. — Porque ainda nem comi o pãozinho no meu prato.

— Os pãezinhos são uma porcaria — disse ela, tentando, com as mãos ainda trêmulas, se ajeitar no escuro.

— Por que você sempre estraga tudo? — brincou ele na escuridão.

Ela ajeitou o cabelo e perguntou:

— Como a gente vai sair daqui sem parecer um casal com fogo no rabo?

— É fácil. É só sair com autoridade, como quem tem razões legítimas para estar aqui.

Hallie tocou a boca e lembrou que estava usando batom vermelho.

— Droga, você consegue enxergar meu rosto?

Jack se aproximou.

— Mais ou menos...

— Talvez esteja com a cara toda borrada de maquiagem. Merda.

— Aqui.

Antes que ela o impedisse, ele levantou o celular e tirou uma foto bem de perto. O flash a cegou naquele espacinho apertado.

— Cacete, o que foi isso?!

— Só queria ajudar...

Ele nem terminou a frase, porque, ao olhar o celular, caiu na gargalhada. A tela iluminou o rosto dele e, como não conseguia parar de rir, ele virou o celular para mostrar para ela.

A foto era horrível.

Ela estava de olhos entreabertos, batom borrado, narinas infladas e em um ângulo tão próximo que não dava para ver nada além dos olhos, do nariz e do lábio superior. Ela parecia o fantasma de um palhaço bêbado.

— Não estou rindo da sua cara... — tentou dizer ele, mas não concluiu.

— Eu sei — disse ela, e ao ver a foto e perdeu a compostura.

Ela caiu na gargalhada com ele, e nenhum dos dois conseguia se conter. Ele apoiou a testa na porta acima dela enquanto tentava se acalmar, e ela sentiu lágrimas estragarem o que restava da maquiagem nos olhos enquanto ria.

Hallie mal conseguia respirar.

Sempre que tentava parar de rir, imaginava a foto de novo.

Ela gritou quando a porta se escancarou atrás deles, fazendo os dois caírem no chão do saguão.

Uma faxineira pestanejou para eles, segurando a maçaneta.

Hallie rapidamente levantou e se sentou, com os olhos irritados com as luzes fortes. Ela olhou para Jack, caído no chão do hotel com a cara borrada de batom vermelho e o cabelo desgrenhado. Ele parecia tão atordoado quanto ela.

Ele se sentou e a olhou.

O sorriso subiu devagar pelo rosto de Jack até ele jogar a cabeça para trás e voltar a gargalhar, mesmo sob o olhar perdido da funcionária do hotel.

Foi nesse momento que ela soube.

Capítulo VINTE E UM

Jack

Hal.

Falando nela...

Os cavalheiros vão se retirar para tomar uísque e fumar charutos, enquanto as damas descansam suas compleições delicadas?

eu

minha mãe

Que mulher forte da porra.

Quem é Ben?

Putá merda.

Caralho.

Merda.

Capítulo
VINTE E DOIS

Hallie

caprichei

você

Fala logo, Hal.

Fala logo, sua cagona.

Falaaaaa. Logoooo.

Somos adultos, Jack, e já transamos antes. Já que não temos bagagem emocional, por que não transar de novo? Obviamente temos química sexual, então sugiro que a gente faça o que achar melhor neste fim de semana e deixe tudo para trás em Vail. Desde que a gente não sinta nada além de atração sexual, não vai ser um problema, né?

isso

Aí

Sim?

iam

bem ali

Capítulo
VINTE E TRÊS

Jack

Que porra é essa?

Porra, tarde demais pra isso

Hallie

Merda.

serviço.

Jack

o que

tenho certeza

Erro immediato.

Capítulo VINTE E QUATRO

Hallie

Hallie se esticou por cima da cama e sussurrou:

— Jack.

Ele abriu os olhos azuis e sonolentos, e ela quis passar a mão na barba por fazer na mandíbula dele. A coberta tinha descido até a cintura, e ela estava com dificuldade de se concentrar com aquele tronco seminu exposto à sua frente.

— Para de pingar em mim — soltou ele, coçando os olhos e sentando na cama.

— Desculpa — disse ela, mexendo a cabeça, o que só fez mais água respingar nele. — Acabei de tomar banho.

— Jura? Nem reparei.

— Você é sempre rabugento assim de manhã?

Ela se sentou na beira da cama e achou que ele parecia um garotinho mimado e fofo ao despertar.

— Fascinante — acrescentou.

— Só fico rabugento quando vivo o clichê da única cama.

Ela riu.

— Não é culpa minha. Se a gente tivesse rala-rolado ontem, você provavelmente teria dormido que nem uma pedra.

— Não acho que o verbo “rala-rolar” exista — grunhiu ele, e ela achou engraçado a voz dele ser tão mais grossa de manhã.

— Se você tivesse me rala-rolado? Se a gente tivesse ralado um e rolado outro? — Ela riu. — Aah, essa eu gostei.

— Por que você acordou tão alegre?

— Bom — disse Hallie, e hesitou.

Ela estava ridiculamente animada porque tinha se divertido horrores naquela noite com Jack. Tinham vivido uma noite tórrida? Não, de jeito nenhum, na real. Mas dormir ao lado dele, ouvir os barulhinhos que ele fazia durante o sono, acordar com o braço dele na cintura dela... ela havia adorado tudo.

— Tem donuts no café — disse ela.

Ele a encarou incrédulo.

— Este humor lúdico foi inspirado por donuts?

— Sem a menor dúvida.

Mentirosa. Hallie também estava de bom humor porque tinha decidido que, já que Jack seria antissexo, ela iria caprichar no joguinho do desafio. Afinal, era o último dia de viagem. Eles voltariam para casa no dia seguinte. Ela se levantou e acrescentou:

— Por isso te acordei. Quer que eu pegue um para você?

— Não, valeu.

Ele afastou a coberta e saiu da cama, e Hallie imediatamente olhou para as panturrilhas. Tá, não imediatamente. Primeiro passou o olhar pela cueca, mas, ao vê-lo flexionar as pernas a cada passo em direção à mala, decidiu agradecer por Jack gostar tanto de correr.

— Normalmente só como depois de dar uma corrida — disse ele.

Hallie inclinou a cabeça.

— Tem certeza de que é uma boa ideia correr sozinho pelas montanhas tão cedo assim?

Ele abriu a mala.

— Por que seria um problema?

— Por causa dos ursos. Não quero que comam sua cara.

— Aaah, que fofa — disse ele, pegando um short esportivo. — Vai ser tranquilo, Hal.

— Então vou comer donuts.

— Divirta-se.

Ele a olhou, finalmente, como se tivesse despertado o suficiente para enxergá-la, e ela sentiu seu sorriso lento até a ponta dos dedos.

Foi, na verdade, o último momento que eles passaram juntos durante o dia. Enquanto Jack corria, Hallie foi convocada ao quarto da mãe para ajudar a

colocar laços de fita em garrafinhas de bolhas de sabão. Depois, foi informada de que tinha apenas uma hora para se arrumar e encontrar as outras madrinhas no salão.

Quando Hallie chegou ao quarto, Jack não estava. Ela mandou mensagem.

Hallie: Cadê você? Por favor, me diga que não virou comida de urso.

Jack: Você ia sentir saudade, né?

Hallie: Eu estava animada para te fazer passar vergonha com minha quantidade ofensiva de afeto público hoje.

Jack: Eu esbarrei no Chuck, que queria companhia para comprar maconha, já que aqui é legalizado.

Hallie: Por sinal, preciso mandar mensagem pra Ruthie e saber do Tig.

Jack: Quer maconha?

Hallie: Amor, eu já sou um desastre ambulante. Não preciso de mais estimulantes.

Jack: Amor?

Hallie: Foi esquisito, foi mal, saiu naturalmente, e não é nem sarcasmo.

Jack: Quer dizer que posso te chamar por um apelido fofo também?

Hallie: Tipo qual?

Jack: Humm... flor?

Hallie: Não

Jack: Docinho de abóbora?

Hallie: É uma ofensa para as ruivas.

Jack: Perdão. Hum... que tal metade da laranja?

Hallie: Que cafona.

Hallie: TÁ. O motivo da mensagem era avisar que vou para o salão, e depois vamos fazer as unhas e almoçar em um evento especial das madrinhas.

Jack: Quando você volta, pudinzinho?

Hallie: Provavelmente não volto, pé no saco. A gente se encontra no casamento?

Jack: Claro.

Hallie se apropriou da personalidade casamenteira, escolhendo ser a irmã animada e entusiasmada, em vez da escrota cética que fora até então quanto ao casamento. Fez as unhas, escovou o cabelo e fingiu que a salada de frango era a refeição mais deliciosa do mundo.

No almoço, a mãe, que conversava alegremente com duas tias de Hallie, a chamou.

— Oi — disse ela, meio nervosa, enquanto o trio sorria para ela de um jeito estranho.

— Alma tem umas perguntas sobre seu namorado — declarou a mãe, indicando a tia baixinha e com o cabelo ruivo flamejante de Hallie.

Ah, não. Hallie abriu um sorriso educado.

— Pois não?

— Ele fez mesmo o projeto do Larsson Center em Zurique?

— Quê? — perguntou Hallie, olhando para a tia idosa, sem a menor ideia do que ela estava falando. — Zurique, na Suíça?

— Óbvio, Hal — disse a mãe, irritada. — Onde mais seria Zurique?

— Provavelmente tem alguma cidade chamada Zurique em Indiana, na Dakota do Sul, sei lá — replicou ela, tentando entender de onde vinha aquela informação sobre Jack.

— O tio Bob conversou com Jack sobre trabalho e, quando ele disse que trabalhava para a Sullivan Design, seu tio foi procurar no Google.

— Ele faz isso com todo mundo — explicou a mãe de Hallie, e as duas tias concordaram.

— Faz mesmo.

— É grave.

— Tá... — disse Hallie. — E daí?

— De acordo com o site, ele projetou parques e áreas urbanas pelo mundo todo. Mas a gente quis perguntar, porque sua mãe achava que ele era jardineiro.

Hallie ficou paralisada, estupefata, enquanto refletia. Ela *supunha* que ele era jardineiro, porque ele dissera que era arquiteto paisagista, mas será que estava errada? Ele se vestia bem mesmo, trabalhava muito e tinha aquelas milhas todas porque viajava muito a trabalho.

Ela mentiu e fingiu saber do que elas estavam falando, mas, ao se afastar, também procurou o nome dele no Google. Puta merda, ele era um sócio que tinha mesmo projetado áreas urbanas pelo mundo todo.

Caramba, ele tinha até mestrado em arquitetura e paisagismo.

Quem diria?

Ela não teve tempo de pensar mais naquilo porque precisava fazer as coisas para o casamento. Hallie fez tudo que a irmã pediu e, quando fechou o zíper do vestido de madrinha vermelho-carmim na imensa tenda de arrumação no topo da montanha, estava pronta para beber.

Logo antes de a cerimonialista enfileirar todo mundo, Hallie abraçou Lillie e, pela primeira vez desde o noivado, sentiu apenas felicidade pela irmã.

Ben encontrou o olhar dela logo depois do abraço e abriu um sorriso de *ah-que-fofo* bem paternalista, e ela acidentalmente mostrou o dedo do meio para ele.

Força do hábito e tal.

Ela entrou na fila ao lado de Chuck e chegou a se sentir nervosa quando a música começou. A irmã, tão detalhista, tinha escolhido uma daquelas músicas incríveis do Ed Sheeran que tinham a capacidade de fazer qualquer um chorar. Mas ela não quis fazer o óbvio e colocar a música para tocar em uma caixinha de som — ah, não. Um quarteto de cordas tocava a música junto à gravação, então parecia que o próprio Ed estava lá escondido na moita, cantando até cansar.

Quando saíram da tenda a caminho do altar, Hallie perdeu o fôlego, de braços dados com Chuck. O ar cheirava a folhas de outono, e o caminho marcado por pétalas de flores brancas se estendia na frente deles, levando a um arco no meio de uma clareira espetacular de álamos. À esquerda havia um riacho límpido e, à direita, do outro lado das fileiras de convidados em cadeiras brancas, uma montanha alta, coberta de pinheiros compridos.

Era de tirar o fôlego.

— Caramba — murmurou Chuck.

— Caramba mesmo — disse Hallie, rindo baixinho, mas a risada morreu quando ela encontrou o rosto de Jack.

Jack

O quarteto começou a tocar e ele se levantou, assim como os outros convidados, se virando para ver a procissão dos padrinhos. Estava impaciente; não tinha visto Hallie desde a manhã, e queria que a cerimônia acabasse logo para ele passar mais tempo com ela na festa.

Estava distraído, pensando nela e olhando para o riacho, rememorando a noite anterior, quando sentiu a presença dela.

A melodia subiu ao tom mais alto. A música era sobre alguém querendo revelar seus sentimentos para a pessoa que amava.

E quando as palavras atingiram Jack em cheio no peito, lá estava ela.

Hallie seguia em direção ao altar, de vestido vermelho e buquê de rosas brancas, sorrindo para ele. *Para ele.*

Merda.

Ele se sentiu ofegante ao olhar para ela, o que não era tão diferente do que sentira à noite, dividindo a cama, conforme iam se aproximando gradualmente, sob o calor do edredom pesado.

Quando ele acordou às três da manhã, ela estava de costas para ele, aninhada em seu corpo, respirando de modo suave e doce, e ele não se mexera. Tinha bastante certeza de que sua função, no papel do homem no clichê da única cama, era sofrer.

Bom, e ele tinha sofrido.

Jack ficara ali deitado, inteiramente desperto pelo que lhe pareceram ser horas a fio. A parte mais estranha era que a proximidade do corpo dela tinha sido *menos* insuportável do que a proximidade geral dela, a sensação de Hallie dormindo com ele. Finalmente, ele a abraçara e ficara assim, como se fosse normal dormirem juntos.

Coincidentemente, nesse momento ele pegara no sono de novo.

— Eles são tão lindos — disse Jamie, chorando ao lado dele e sorrindo para Chuck.

Algo no amor daqueles dois esquisitos o fazia sentir... merda, uma coisa que ele não gostava. Uma inveja patética.

Porque, por mais divertido que fosse brincar de fingir com Hallie, beijá-la e andar de mãos dadas como se eles estivessem juntos de verdade, ele não conseguia esquecer as palavras dela, palavras que ela dissera com total convicção.

Eu tenho certeza absoluta de que não vou me apaixonar por você.

A cerimônia foi bonita e o deixou um pouco mais comovido do que normalmente ficava em casamentos, para ser sincero. Hallie soluçou durante os votos da irmã e, entre os barulhinhos dela, os pedidos de desculpa sussurrados e as gargalhadas resultantes, vindas tanto de Hal quanto dos convidados, ele tinha certeza de que todos os presentes se apaixonaram por ela tanto quanto ele.

Capítulo VINTE E CINCO

Hallie

— Estou chocada — disse Chuck, virando um dos copinhos de shot que Hallie servira na mesa para eles. — Vocês são incrivelmente convincentes.

Hallie virou uma dose também, sentindo o uísque queimar a garganta.

— É fácil porque somos melhores amigos e temos química sexual.

— Então. Hum — disse Chuck, tomando um gole demorado da garrafa d'água e secando a boca antes de continuar. — Me explica de novo: por que vocês não namoram *de verdade*, se são melhores amigos com química sexual?

Hallie inclinou a cabeça.

— Parece simples, né?

— Incrivelmente.

Chuck olhou para a porta da sala em que os convidados trocavam de roupa e conversavam, e pela qual a maior parte dos padrinhos tinha ido embora. Tinha acabado a sessão de fotos e estavam todos prontos para a festa.

— É complicado. O Jack acha que a gente tem química demais e vai trepar sem parar se começarmos uma amizade colorida — disse Hallie, calçando os sapatos de salto vermelhos de novo e pegando um espelhinho na bolsa. — Ele acha que a gente ia transar até morrer e estragar a amizade. Já eu acho que ele é um desses caras *viciados* em namorar, e eu não quero ser só a opção mais fácil, sabe? Ser a pessoa que ele namora porque é fácil e a gente transou gostoso.

— Ele não é o escroto do seu ex — replicou Chuck, se esticando para ajeitar o cabelo diante do espelhinho dela. — E acho que ele gosta de você de verdade.

Ela abriu o batom e o levou à boca.

— Acho que a gente se gosta, mas não o suficiente, nem do jeito adequado, para arriscar a amizade.

— Me escuta — insistiu Chuck, se levantando enquanto ela acabava de retocar o batom. — Arrisca essa amizade.

Ela se levantou também e mostrou os dentes.

— Tá limpo?

— Tá, sim — disse ele, antes de mostrar os próprios dentes.

— Você também.

— Mas é sério, se vocês são perfeitos juntos, que se foda o resto.

Hallie pegou a bolsa e disse as palavras que lhe doíam até a alma:

— Não suporto nem pensar em perder ele, Chuck. Não dá.

O término com Ben tinha sido horrível. Repentino. Hallie era perdidamente apaixonada por Ben, imaginara que ele ia pedir a mão dela em casamento, até ele dizer que não a amava e que ela não era suficiente.

Tinha ficado devastada e destruída, mas sentia que perder Jack como amigo seria mil vezes pior.

— Hal.

Chuck pegou a bolsa da mão dela e a encaixou debaixo do braço. Ele sabia que ela odiava aquelas bolsinhas, e por isso era um amigo excepcional.

— Você não vai perder ele — continuou. — Não vai. E não acha que a possibilidade de ele estar apaixonado por você vale o risco?

— Cacete. Acho — disse ela, respirando fundo e assentindo. — Preciso de mais uma dose se for tentar fazer ele se apaixonar por mim hoje. Vem comigo?

— Com o maior prazer.

* * *

Devido às obrigações de madrinha, Hallie levou uma vida para finalmente poder encontrar Jack. Depois de mais fotos, ela e Chuck tiveram que se sentar à mesa central durante os brindes, e precisaram esperar todo mundo ser servido.

Graças a Deus existia o celular.

Jack: Você parece entediada.

Hallie: É porque estou entediada mesmo.

Jack: Quer jogar um jogo?

Hallie: Com certeza.

Ela olhou para a mesa dele, mas era difícil vê-lo, porque tinha gente andando pelo salão.

Jack: Vamos chamar de gritar, bater ou matar.

Hallie: Pqp seu animal.

Jack: Escolhe uma pessoa aqui com quem você armaria um barraco em público, uma em quem você meteria a porrada e outra que você assassinaria.

Hallie: Eita.

Jack: Eu começo. Quero gritar com sua prima Emily, que está sentada ao meu lado e não para de me contar todas as alergias alimentares dela.

Isso fez Hallie sorrir. Emily era uma figura.

Hallie: Entendo. E a porrada?

Jack: Essa é fácil. Quero dar um socão no seu novo cunhado, porque os amigos de faculdade dele são um bando de metidos à besta que desperdiçaram nosso tempo com tanto brinde idiota. Ele precisa de amigos melhores.

Hallie: Concordo. Posso ajudar na pancadaria?

Jack: É claro. Só escolher sua arma.

Hallie: A faca do bolo.

Jack: Excelente ideia.

Hallie: E agora... o assassinato.

Jack: Isso obviamente não tem nada a ver com você, mas eu adoraria esganar o Ben Marks.

Hallie ergueu o rosto e esticou o pescoço em busca de Jack. Ela não o encontrou, mas ficou até meio surpresa por ele saber o nome completo de Ben.

Hallie: É por causa do cachecol, né?

Jack: Isso não ajudou. Mas, sempre que olho para ele, quero dar na cara do sujeito por fazer você sentir que não era suficiente.

Hallie não estava mais rindo.

Hallie: Fui eu que te falei disso?

Jack: Foi o Chuck, mas ele estava bêbado e foi sem querer. Por favor, não brigue com ele. Mas é o seguinte, Hal: tudo bem que você e Ben não ficaram juntos, mas você precisa saber que você é mais do que suficiente. Você é perfeita, e, se ele foi burro e não viu, quem se fodeu foi ele.

Hallie mal conseguia ler a mensagem, com os olhos embaçados de lágrimas. Ela piscou para desanuviar a visão.

Hallie: Você não pode ser fofo assim. Está estragando minha maquiagem.

Jack: E aí, como vamos matar ele?

Ela balançou a cabeça e, naquele momento, a multidão se abriu o suficiente para ela enxergar o rosto de Jack, que sorria para ela. Hallie respondeu: Acho que envenenamento é um jeito muito elegante de acabar com a vida do Cachecol.

Os brindes finalmente acabaram, e Hallie e Chuck largaram o resto dos padrinhos para se sentar com Jamie e Jack. Conforme se aproximavam da mesa, Hallie aproveitou para admirar Jack, que não a olhava.

Ele estava de terno e gravata pretos, e o look era ridiculamente sexy. Parecia modelo de propaganda de perfume. Parecia o cara que estaria na capa de um livro de romance sobre bilionários. Era lindo e elegante, e o coração dela deu um pulinho quando ele a olhou, ainda sentado.

— E aí — disse ele, com o canto dos olhos enrugados. — E aqueles soluços, hein?

— Por que você não me deu um susto, sei lá? — perguntou ela, e pegou a cadeira ao lado dele, puxando-a para mais perto e afastando o carinho que sentia por ele e pelo que tinha dito sobre Ben. — Achei que você fosse meu amigo.

— Era para eu fazer o quê? Gritar?

— Sim — disse ela, pegando a mão dele com as suas e brincando com os dedos dele. — Qualquer coisa ajudaria.

Uma ruguinha se formou entre as sobrancelhas dele, e Jack olhou para as mãos dadas.

— Não quero parecer tarada, mas você está incrivelmente gostoso.

Ele a olhou e levantou a sobrancelha.

— Está me dando mole, BT?

— Um pouquinho. Por sinal, eu e Chuck decidimos que não vamos dançar juntos a valsa dos padrinhos: ele vai dançar com a Jamie, e eu, com você.

Ele levantou a sobrancelha.

— Preciso mesmo?

— Tenha misericórdia, você não sabe dançar, né?

Ele abriu um sorriso sarcástico e respondeu:

— Na verdade, minha vó me obrigou a fazer aula de dança de salão.

— Tá de brincadeira.

— Juro — disse ele, e pegou o copo. — Por três anos.

— Então você sabe, tipo, dançar valsa?

Ele levou a bebida à boca.

— Pra cacete.

— Vai dançar valsa comigo até cair? — perguntou ela, rindo.

— E você ainda vai implorar pra continuar, gata.

Não era mentira.

Quando o DJ finalmente chamou os padrinhos para a pista de dança, Jack a conduziu como se fosse Fitzwilliam Darcy em um baile de Netherfield.

— Meu Deus do céu, você é um príncipe encantado de verdade? — disse Hallie.

Jack aproximou a boca do ouvido dela e respondeu:

— Sou, mas não conte para ninguém. As pessoas surtam com a realzeza.

— Boca de siri — disse ela, rindo e apertando a mão quente que a segurava.

— Por sinal, amo sentir sua boca na minha orelha, caso você queira saber.

— É mesmo? — perguntou ele, mexendo a boca pelo alto da orelha dela, nitidamente de propósito.

Ela sentiu um calafrio quando ele se demorou antes de se afastar.

— Talvez eu só seja sensível. Tem o mesmo efeito em você?

Ela levantou a cabeça e roçou a orelha dele com a boca, e em seguida passou o nariz no pescoço dele, querendo se enterrar inteira em Jack.

— Para com isso — disse ele, e a encarou com o olhar quente e intenso. — Você sabe que tem.

— Não consigo me segurar. — Ela riu de novo, pensando que os casais de antigamente sabiam o que estavam fazendo com essa história de dança. — Fazer você me olhar *assim* é viciante.

— Você gosta de me deixar fraco? — perguntou ele, guiando-a pela pista.

— Gosto de fazer você sentir.

— Sádica.

A bebida estava batendo. Ela não estava altinha, nem mesmo bêbada, mas relaxada o suficiente para responder:

— Se eu te falar de sentimentos na última noite do nosso namoro de mentira, promete esquecer depois?

Ele não respondeu, apenas a olhou, e o calor da mão na lombar dela chegava à pele através do vestido.

— Não vai mudar nada — continuou ela —, eu não estou apaixonada por você, então não precisa surtar. Mas estou sentindo alguma coisa, sim.

— O quê?

— Não vai afetar nossa amizade, não quero...

— Repete.

— Jack...

— Tudo, Hal.

Ele parou, e os dois ficaram ali no meio da pista. O olhar dele era indecifrável.

— Me conta — pediu.

Ela se arrependeu de abrir aquela boca enorme, porque sentiu que ele estava surtando. Ainda assim, respondeu:

— Não é nada de mais. Só acho que estou sentindo alguma coisa por você, mas vai ser fácil esquecer amanhã...

Ele a beijou.

Bem ali, no meio da pista, enquanto os padrinhos dançavam uma música linda sobre um amor eterno, Jack a abraçou pela cintura e a beijou intensamente. Ela passou os braços pelo pescoço dele e inclinou a cabeça um pouquinho, disposta a deixá-lo devorá-la no meio da festa de casamento da irmã.

Ela não queria que ele parasse nunca.

— Hal — disse ele junto aos lábios dela, sem nem tentar parar o beijo para falar.

— Hummmm — suspirou ela.

— Você vai ralar e rolar *tanto* hoje — grunhiu ele.

Isso a fez cair na gargalhada, e, quando ela abriu os olhos, ele a olhava daquele jeito que ela adorava.

O resto da festa passou em um borrão, porque ela não conseguia prestar atenção em nada além de Jack. De repente, sentia sua presença com mais força, por meio de uma conexão elétrica e vibrante, e não tinha interesse em mais nada.

O bolo, as coreografias, a fonte de chocolate... era tudo um zumbido distante enquanto Jack sorria para ela de um jeito que ela sentia até a ponta dos pés.

Jack

— Ei, Jack, me faz um favor?

Ele estava ao lado do bar, vendo Hallie fazer uma coreografia boba com Chuck e a irmã. Olhou para a mãe de Hallie e respondeu:

— Claro.

— Como o jantar acabou, o pessoal do bufê foi embora, mas quero guardar o enfeite do bolo no congelador, para Riley e Lillie aproveitarem no aniversário de casamento. Você faz isso para mim? Aqui está a chave da cozinha.

— Com prazer.

Jack apoiou o copo, pegou a chave, pegou o pedaço de bolo que ela queria guardar e levou à cozinha. Encontrou um espaço no fundo do freezer e, quando estava fechando a porta, Hal apareceu.

— Ei — disse ela, sorrindo para ele como se fosse exatamente o que ela procurava. — Oi.

Ela empurrou o peito dele, o impulsionando até ele encostar na porta do freezer.

Cacete. Ele gostava tanto de Hallie que chegava a ser ridículo.

— Tem muita bebida nesse sorriso — comentou ele, olhando a mão dela.

Ver as unhas vermelhas e curtas em seu peito o afetava. Desde que ela dissera que sentia algo por ele, Jack se sentia um animal feroz na coleira, fazendo força para alcançá-la.

— É só dez por cento vinho — corrigiu ela, naquela voz rouca que ele só ouvia quando ele a beijava. — Noventa por cento felicidade.

Então, por causa dos saltos, ela se esticou com facilidade e encostou a boca na dele. Jack a agarrou imediatamente, emaranhando os dedos no cabelo dela e enlouquecendo completamente. A boca de Hallie era macia e doce, com gosto de champanhe, e ele queria bebê-la até se afogar.

Que Deus o ajude.

Ela flexionou a mão no peito dele, o segurando, e foi como um choque elétrico que ele sentiu no corpo todo. Jack desceu a boca pelo pescoço dela, onde a pele cheirava ao Chanel Nº 5 que ela deixara na penteadeira do quarto, e quis consumi-la inteira.

A pele do pescoço dela, logo abaixo da orelha, sob as mechas de cabelo na nuca... queria provar cada milímetro. Ela fez um barulho no fundo da garganta, uma exigência, e ele foi para trás dela, levantando o cabelo no punho para arranhar a nuca com os dentes.

— Jack — suspirou ela, batendo a palma das mãos na porta do freezer —, que...

Ela deixou a frase no ar, e ele falou junto à pele dela:

— Gostoso?

— Hummm — murmurou ela, encostando a bunda no corpo dele. — Eu ia dizer “cruel”.

Ele envolveu a cintura dela com a mão e a puxou para trás, para mais perto, até grudar o corpo inteiro no dele.

— É você que me deixa assim.

— Que horas são? — perguntou ela, soltando um ruído quando ele mordiscou a pele entre as escápulas.

O vestido vermelho de madrinha expunha metade das costas dela, e, se ele pudesse, agradeceria Lillie eternamente pela escolha de modelo.

— Quase dez — afirmou ele, sem querer soltá-la para confirmar.

— Droga, daqui a alguns minutos ela vai jogar o buquê — disse ela, quase sussurrando. — Vai rápido, Jack, por favor.

As palavras dela quase o deixaram tonto de desejo, e ele rangeu os dentes antes de responder.

— Por “vai rápido”, você quer dizer...

Ela respondeu com as mãos no cinto dele.

Hallie

Aparentemente, não precisava de mais nada.

Jack murmurou uma sequência de obscenidades, se apressando para tratar de várias coisas ao mesmo tempo, entre cinto e zíper. Sentia que ia morrer enquanto esperava, até que ele passou as mãos por baixo do vestido dela, traçando uma linha pela lateral das coxas, levantando a saia e a amassando entre as mãos.

E finalmente ele chegou *lá*... ai, meu Deus.

Eles gemeram em uníssono e ele levou as mãos ao quadril dela. Ela sentia que ia desmaiar de tão louca que ele a deixava.

— Isso não conta — disse ele, com a voz rouca e gostosa — como nossa primeira vez depois do hotel.

— Para — respondeu ela, se curvando um pouco mais e arqueando as costas, fazendo-o rosnar — de ser mandão.

— Gata — disse Jack, rouco, e Hallie quase desabou quando ele a tocou com a mão talentosa —, agora, eu vou ser tudo que você quiser.

— Jack?

Os dois ficaram paralisados ao ouvir a mãe de Hallie. Ela começou a bater na porta da cozinha com força, e Jack falou:

— Merda.

— Nem ouse parar — disse Hallie.

— Sua mãe...

— A porta tá trancada.

Ele gemeu no pescoço dela e respondeu:

— Eu não tranquei.

— Eu tranquei.

Ela olhou para trás, para ele.

Ele levantou a cabeça, focando o olhar azul ardente nela.

— Trancou?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Puta merda, minha heroína — disse ele, e a fez ofegar quando voltou a se mover.

Ela riu e gemeu ao mesmo tempo.

— Quero ver seu rosto — murmurou ele, junto ao cabelo dela.

— Que foi?

— Seu rosto.

Ele a virou, interrompendo o contato por apenas um segundo antes de penetrá-la de novo.

— Opa, oi — disse ela, em um suspiro com o olhar pesado, ao ver o sorriso malicioso dele.

— Melhor assim — comentou ele, com a expressão intensa, e levou as mãos à bunda dela para levantá-la e apertá-la contra a porta do freezer com seu

corpão.

— Muito melhor — sussurrou ela, deixando a cabeça encostar na porta e agarrando as costas dele enquanto ele continuava a se mexer de um jeito que dava vontade de gritar.

— Que nem no hotel — arfou ele.

— É que nem no hotel — sussurrou ela, exatamente ao mesmo tempo.

Ela abriu os olhos e sorriu para ele, mas a expressão logo mudou quando ele a empurrou com mais força, meteu mais fundo e a encarou com aqueles olhos azuis do jeito mais delicioso.

— Hal — soltou ele, com as narinas abertas, os músculos do pescoço retesados acima do colarinho —, nossa, eu...

Ela ergueu a boca e engoliu o que ele ia dizer em um beijo desesperado, faminto e feroz.

* * *

— Sua mãe acha que eu sou do mal — comentou Jack, olhando para a mãe de Hallie por cima da cabeça dela.

Eles estavam perto da mesa de presentes, onde Hallie fora obrigada a contar quantos pacotes teriam que ser levados ao quarto da irmã.

— Ela só não entendeu por que a gente trancou a porta — argumentou Hallie, sorrindo.

Ela estava com dificuldade de *parar* de sorrir enquanto conversava com Jack, como se não tivessem acabado de transar tão gostoso que ela queria berrar na cozinha da festa.

— Nem por que demorou tanto para abrir — acrescentou.

— Você está gostando disso — disse ele, conseguindo fazer uma expressão de quem estava, ao mesmo tempo, com nojo e achando graça.

— Que nada.

Ela olhou o lindo rosto dele, ouviu as notas de “A Groovy Kind of Love” saindo dos alto-falantes e ficou meio nervosa com a felicidade que sentia no momento.

— Então que sorriso é esse?

Ela revirou os olhos.

— É que eu estou feliz.

Ele inclinou a cabeça e semicerrou os olhos.

— Não sei se confio na Hallie feliz.

— Pois deveria — disse ela, pegando a gravata dele para puxá-lo para mais perto. — Porque ela está obcecada pelo jeito que você se porta na cozinha, e desesperada para dar um jeito de te chamar para um segundo round.

— Onde você estiver — disse ele, afastando com doçura uma mecha do cabelo dela da orelha —, eu estarei.

À meia-noite, a festa ainda estava a toda. Hallie queria ficar para ajudar na arrumação, mas, sempre que Jack a olhava, ela cogitava ser a pior irmã de todas de novo. Estava seriamente pensando em sair de fininho com ele, mas o pai dela apareceu, com Ben a tiracolo.

— Hal, sua mãe mandou eu te buscar. Ela está tentando separar as coisas de cada um na sala da arrumação. Pode ajudar? — pediu o pai.

— Hum.

Ela olhou para Ben, ao mesmo tempo irritada e indiferente com a presença dele.

O pai a olhou com insistência e falou:

— O Ben se ofereceu para ajudar. Não é legal?

— *Muito* legal — murmurou Jack, e definitivamente não pareceu um elogio.

— Pois é.

Hallie não estava nem aí para Ben, só queria saber quando poderia voltar para o quarto com Jack.

— Quanto tempo deve demorar? — perguntou ela ao pai.

Ele suspirou.

— Você conhece sua mãe.

— Argh — disse Hallie, e se virou para Jack. — Pode ir subindo para o quarto. Sabe-se lá quando vou acabar isso aqui.

— Posso ajudar? — perguntou ele.

Quando ela encontrou seu olhar, percebeu que era a última noite deles ali. A última noite de namoro de mentira. A última noite no mesmo quarto.

O olhar dele indicava que ele estava pensando exatamente a mesma coisa.

Restavam meras horas.

— Não é problema seu, cara — disse Ben, com um sorriso simpático. — Você é só convidado. Se eu fosse você, aproveitaria a desculpa para fugir. Deixa os padrinhos trabalharem.

Jack olhou para Ben como se quisesse bater nele.

Em seguida, olhou para Hallie — olhou mesmo, quase como se esperasse sua decisão.

Ela não fazia ideia do que dizer. Queria Jack ao lado dela no que quer que fizesse, mas não queria que ele se sentisse obrigado a ajudar.

— Você está com a chave? — perguntou Jack, com um olhar incompreensível.

— Ah.

Ela apertou os olhos e tentou lembrar se tinha pegado a chave, enquanto tentava também analisar a situação.

— Não sei — respondeu.

— Relaxa. Eu tenho sono leve — disse ele, e pigarreou. — Vou ouvir você bater na porta.

Eles trocaram mais um olhar — de desejo, tesão e mais alguma coisa que ela não sabia identificar — antes de ele dar boa noite para o pai dela e ir embora do salão.

Hallie ainda nem tinha chegado à outra sala quando o celular vibrou.

Jack: Já estou com saudades da sua boca.

Ela sorriu e respondeu.

Hallie: Das minhas palavras sábias.

Jack: Não, dos seus lábios lindos e do toque deles quando você chupou minha língua.

Hallie: Eita, Marshall... esse programa é classificação livre.

Jack: Então alguém vai ficar bem puto quando eu disser que não consigo parar de pensar na sua bunda quando você apoiou as mãos na porta do freezer.

Hallie sentiu aquela mensagem na barriga.

Hallie: Confissão: talvez tenha sido a transa mais gostosa da minha vida.

Jack: TALVEZ? Hal.

Hallie: É que não consigo decidir entre empurrada-na-porta-do-freezer e em-cima-da-mesa-do-hotel.

Jack: Confissão: minha parte preferida da noite no hotel na verdade foi sua boca com gosto de Rumple Minze.

Hallie: Um simples beijo??

Jack: Aquela sensação de cair do prédio que dá em um primeiro beijo é pura perfeição.

Hallie levou a mão à barriga ao ler aquilo. Nossa, Jack era uma droga inebriante. Seria difícil se recuperar daquilo, o que a apavorava.

Hallie: Então quer dizer que teria sido igual com qualquer uma.

Jack: Qualquer uma que soubesse preparar um Manhattan perfeito, contasse uma piada ridícula sobre os Kansas City Chiefs, trepasse no meu colo para chamar minha atenção e se chamasse Hallie Piper.

Hallie: Boa resposta.

Jack: Muito obrigado, BT.

Ela estava prestes a guardar o celular na bolsa quando viu os pontinhos indicando que ele estava escrevendo. Olhou a tela enquanto caminhava e, quando a mensagem finalmente chegou, perdeu o fôlego.

Jack: Não seria igual com mais ninguém.

Enquanto ela andava atrás de Ben e do pai, as palavras de Jack se repetiam na cabeça dela, sem parar, em ciclo.

Já estou com saudades da sua boca.

Minha parte preferida da noite no hotel na verdade foi sua boca com gosto de Rumpel Minze.

Não seria igual com mais ninguém.

Capitula
VINTE E SEIS

Jack

king size

Hallie

Men Deus. Hal

Cacete.

Sim, sim, sim, sim

tão bom, puta merda

mais

mesmo

Jack

New Girl

Capítulo
VINTE E SETE

Hallie

tão gostoso quanto você

nada nunca foi

Jack

ele

caralho

caralho caralho caralho

perto

demais

ele

Hallie

Capítulo VINTE E OITO

Hallie

— Vou ao banheiro, te encontro na esteira de bagagem.

— Combinado — disse Jack, pegando a mala de mão dela e a pendurando no ombro.

— Não me abandone — pediu ela, rindo, enquanto ele ia em direção à escada rolante para descer.

Ela seguiu para o banheiro mais próximo, querendo até saltitar de tão feliz.

— Hallie?

Hallie parou e se virou. Era Alex.

— Ah. Oi. O que você está fazendo por aqui?

Ela esperou ele apertar o passo para alcançá-la, e se surpreendeu por não estar nem um pouco abalada. Nem seu ego ferido dava mais importância para aquele homem loiro que sorria e se aproximava com cautela, como se tivesse medo de levar um soco.

— Viagem de trabalho, foi de última hora... Que mundo pequeno. Você tem um segundinho, já que acabamos nos esbarrando?

Ela olhou para trás dele, e de volta para seu rosto.

— Bom, assim, eu tenho que ir...

— Só um segundo. Por favor? Obviamente o universo queria que a gente se encontrasse.

Hallie deu de ombros e se afastou do fluxo de gente, parando perto da livraria do aeroporto. Sabia que estava abatida, sem maquiagem e de cabelo preso em um coque bagunçado, mas não se incomodava.

— Eu só queria me desculpar — disse ele, incrivelmente sério. — Perdão, Hallie.

Qual era a desses homens do passado, todos querendo se desculpar de repente?

Ela fez um gesto com a mão e respondeu:

— Tudo certo.

— Eu me arrependo muito e não sei se você ainda tem interesse, mas eu adoraria levar você para jantar.

Ela balançou a cabeça de leve.

— É muito gentil, mas melhor não.

Ela hesitou e, por pura curiosidade, acrescentou:

— Mas posso perguntar o que mudou desde a semana passada, quando você achou que a gente não deveria ficar juntos?

Ele engoliu em seco.

— Foi idiotice minha. Lembra que a gente falou de aplicativos e de química, e que...

— Você achava que o mais importante de tudo era o destino? Sei.

Hallie estava começando a ficar impaciente, porque sabia que Jack estava esperando. Além do mais, ainda precisava ir ao banheiro.

— Lembro — acrescentou.

— Bom, quando seu amigo me falou da aposta, fiquei chateado, para ser sincero, porque as coisas estavam indo muito bem e eu queria acreditar que era destino. Quando descobri que não era...

— Como assim? — perguntou ela, e um alarme começou a soar em sua mente. — Do que você está falando?

— Do Jack. Eu esbarrei nele quando estava saindo da sua casa, no dia que ele levou os brinquedos de gato que pegou no meu carro...

— Ah, sei.

Hallie estava um pouco confusa com a conversa, mas lembrou que Jack tinha subido com os brinquedos que Alex comprara para Tigrão.

— Hum... — começou ela.

— A gente estava batendo papo no estacionamento e, quando eu te elogiei e falei que era o destino, ele me contou da aposta.

— Que, hum...

— A aposta de vocês sobre quem começaria a namorar primeiro.

— Ah — disse Hallie, sentindo que não estava entendendo alguma coisa, mas sem saber o que era. — Ele falou disso com você?

— Acho que ele só queria deixar bem claro que eu e você não éramos obra do destino.

Hallie semicerrou os olhos. Por que Jack contaria da aposta para ele? Jack sabia o quanto ela gostava de Alex. Por que falaria daquilo em uma conversa com um cara que mal conhecia?

E por que não tinha contado nada quando Alex terminara com ela?

— Escuta, Alex, a aposta foi só uma forma de nos motivar a continuar tentando encontrar alguém. Não era nada...

— Ah, eu sei... foi isso que ele disse também — respondeu Alex. — Honestamente, fiquei com a impressão de que ele estava a fim de você e que eu estava atrapalhando. Mas não tem importância.

Ela sorriu, mesmo desconfortável com aquela conversa toda.

— Não tem?

— Não, o erro foi todo meu. Escuta, posso te mandar mensagem mais tarde? — perguntou ele, e se aproximou um pouco mais. — Aqui não é um lugar bom para conversar e eu gostaria muito de concluir essa conversa.

Ela concordou com a cabeça.

— Claro.

Depois de se afastar dele, Hallie começou a repassar tudo na cabeça. Foi ao banheiro, lavou as mãos e pegou a escada rolante, tudo no piloto automático. As palavras de Jack, de Alex, de Olivia — tudo ia voltando à sua mente e, quando chegou à esteira de bagagem, tinha entendido.

E era uma merda.

Ela havia sido apenas a opção mais fácil para Jack, como Olivia previra, e, quando ele a vira criar uma conexão com alguém depois de ele próprio levar um pé na bunda, depois de duas semanas tristes e solitárias em Minneapolis sem o tio Mack, decidira atrapalhar a relação dela.

Por qual outro motivo ele não contaria a ela sobre a conversa com Alex?

Quando ele a abraçara no quarto, a consolando pelo término enquanto ela chorava, o certo teria sido dizer: *Eu contei para ele da aposta... provavelmente foi isso.*

Mas ele não dissera nada.

Ele a tinha deixado chorar sem mencionar uma palavra.

E depois se oferecera para salvá-la como um príncipe encantado.

Hallie não fazia ideia de como interpretar aquela informação depois de tudo que tinha acontecido entre eles à noite. Tinha sido uma noite incrível e perfeita para *ela*, mas o que exatamente tinha sido para ele?

Nossa, será que ela estava pensando demais?

Sabia que sim, mas, por outro lado, tinha achado que Ben estava prestes a pedi-la em casamento, quando na verdade ele percebera que não conseguia amá-la, por mais que tentasse. E daí que Jack estava feliz naquele momento? Será que ia durar? Ou ele acabaria percebendo que, por mais que tentasse torná-la a solução de sua solidão, ela não era a pessoa certa?

— Achei que você tivesse se perdido.

Hallie se virou, e ali estava Jack, sorrindo, com as malas empilhadas à sua frente. O sorriso dele fez o estômago dela dar um nó, e, ao forçar um sorriso, sentiu vontade de chorar.

— Acabei de encontrar o Alex — falou.

O sorriso dele desapareceu.

— O palhaço loiro?

Ela confirmou com a cabeça.

— Ele quer me ligar mais tarde. Disse que se arrependeu de terminar.

Ele engoliu em seco, mas foi a única mudança na expressão. Não parecia ter nada a confessar.

— Vai ficar esperando ao lado do telefone, BT?

Ela deu de ombros e tentou dizer, num tom de brincadeira:

— Acho que vamos ver.

Ele entrelaçou os dedos nos dela.

— Vou ter que te manter ocupada demais para escutar o telefone, então.

Eles pegaram o transfer até o carro, e Hallie sentiu que fazia anos que tinham viajado. Jack não soltou sua mão, mas os dois não falaram mais nada, e parecia que uma questão imensa e silenciosa pairava acima deles.

Quando chegaram ao carro, ela ligou para Ruthie para pedir notícias de Tigrão e dizer que estavam a caminho. Ruthie disse que não suportaria se despedir do gatinho e que talvez tivesse que pegar ele emprestado no dia seguinte.

— Então ele finalmente parou de morder ela? — perguntou Jack.

— Parece que sim.

Quando ele saiu do estacionamento os dois se calaram, e, assim que ele atendeu um telefonema de trabalho, Hallie se sentiu aliviada. Ela ficou perdida em pensamentos enquanto ele discutia o acabamento de concreto para um projeto futuro.

A principal lição que tinha aprendido depois do término com Ben — *obrigada, dr. McBride* — era que o mais importante era ser honesta consigo mesma em relação a tudo o que sentia, tanto as coisas boas quanto as ruins.

Portanto, sua primeira confissão: ela amava Jack. Ela queria Jack. O que queria, mais do que tudo, era fingir que nunca tinha conversado com Alex no aeroporto. Queria se jogar no relacionamento com Jack, viver como tinham vivido no final de semana.

A segunda confissão, porém: ela preferia perder a chance de viver um romance com ele a passar de novo pelo que tinha passado por Ben. Havia sido um inferno, e Hallie tinha certeza de que seria dez vezes pior com Jack.

A terceira confissão: ela não estava com raiva de ele ter contado da aposta para Alex — não era um segredo, nem nada —, mas estava furiosa por ele não ter mencionado nada depois de Alex terminar com ela.

— Tudo bem?

Hallie olhou para Jack, que dirigia pela estrada. Ela nem tinha reparado que ele desligara o telefone.

— Ah. Tudo — disse ela, sorrindo, com um aperto na garganta. — Só estou exausta.

— Eu também.

Ela recostou a cabeça e fechou os olhos, preferindo fingir estar cansada a conversar. Porque a quarta confissão era que sabia exatamente o que precisava fazer.

E queria chorar.

Jack

Meeeeeerda.

Normalmente, ele não era inseguro, mas Hallie estava quieta e distante desde que tinha encontrado Alex. Ela havia falado de um jeito estranho sobre ele querer ligar depois, quase como se estivesse aberta à possibilidade, o que fez Jack querer arremessar o celular dela pela janela.

Ele não conseguia parar de pensar: *Ela ainda quer o Alex.*

Jack parou no estacionamento do prédio dela, pegou a mala e subiu com ela ao apartamento. Ruthie passou vinte minutos contando para Hallie tudo que Tigrão fizera enquanto Hal abraçava o gato imenso, então Jack teve alguns minutos para se recompor.

Quando Ruthie finalmente foi embora e Hallie fechou a porta, ele a puxou para um abraço. Eles eram ótimos juntos e o encontro com Alex no aeroporto era apenas um acaso que os dois esqueceriam depois de cinco segundos a sós em casa.

Porém, em vez da atitude brincalhona de sempre, Hallie o encarou com olhos desconfiados e extremamente sérios. Tão sérios que ele sentiu uma dorzinha de nervosismo na barriga.

— O que houve, Bartenderzinha? — perguntou ele, com um beijo na ponta do nariz dela, no meio da constelação de sardinhas. — Você parece preocupada.

Ela engoliu em seco.

— Não, só tô meio... introspectiva agora que a gente parou de fingir que namora.

— Introspectiva, é?

O coração de Jack começou a bater mais forte — que besteira — enquanto ele se preparava para contar exatamente o que sentia. Se ela estivesse pronta para falar do relacionamento, que Deus o acudisse, pois ele estava pronto para se abrir e confessar todos os sentimentos devastadores que nutria por ela.

Ela fez que sim com a cabeça e apoiou as mãos no peito dele.

— É nossa última noite de fingimento, e parte de mim vai sentir saudade.

— Foi *mesmo* divertido — disse Jack, um pouco confuso por ela se referir àquela noite e àquele momento como fingimento, sendo que estavam apenas os dois em casa.

Além do mais — *puta que pariu* —, a noite anterior definitivamente não tinha sido fingimento para nenhum dos dois.

— Concorde — disse ela, com uma expressão triste. — Os limites ficaram meio confusos no fim de semana, mas você foi o namorado de mentira perfeito, e estou muito agradecida.

Ele não disse nada, porque a garganta estava apertada demais para falar. Estava tudo claro no rosto dela, no modo fatalista como ela o olhava.

Put a merda.

Ela ia terminar.

Tinha acabado sem nem começar.

Hallie

Ela estava morrendo por dentro e só queria se jogar na cama e chorar sem parar. Porém, antes, precisava de uma última noite com ele, sendo mais do que amigos.

— Eu entendo se você quiser ir para casa e voltar ao normal. Provavelmente tem muitas mulheres esperando uma resposta sua no aplicativo agora mesmo — disse ela, tentando soltar uma risada sarcástica, mas nada saiu. — Pessoalmente, só vou abrir o aplicativo amanhã, porque hoje estou exausta.

— Hal — disse ele, com os olhos azuis e tempestuosos. — Que merda é...

— Mas se quiser, eu toparia uma última noite de fingimento. Uma última noite de Hallie e Jack, o casal do casamento, transando loucamente.

Ela soava desesperada até para os próprios ouvidos, mas estava mesmo desesperada por Jack. Estava desesperada por uma última noite.

Ele tensionou o maxilar e olhou o rosto dela com uma expressão de raiva. Levou um bom tempo para dizer:

— Deixe eu entender. O joguinho do namoro de mentira acabou e voltamos a ser amigos, mas você quer *foder* uma última vez?

— Deixe pra lá — disse ela, envergonhada pelo modo ofensivo de ele se expressar. — Não...

— Eu topo — rosnou ele, e encostou a boca na dela.

Era um toque furioso e quente, abrindo a boca de Hallie e a beijando com intensidade. Ele levantou as mãos e segurou o rosto dela, para atacá-la com dentes e língua ferozes, e ela o agarrou pelo bíceps, porque precisava se segurar.

Ele fez um som gutural antes de pegar a língua dela, antes de tratar a boca de Hallie como um pêsego maduro e suculento que ele queria devorar inteirinho.

De repente, ela estava no colo de Jack, com as pernas envolvendo a cintura dele, e ele a carregava até o quarto. Com o olhar sombrio, ele a largou na cama e subiu em cima dela, parando de beijá-la apenas para tirar as roupas.

Com as mãos trêmulas, ela tentou puxar o zíper da calça dele, e de repente tudo mudou.

A expressão dele continuou séria, igualmente concentrada e intensa, mas seu corpo se tornou mais leve. Seus toques, mais suaves. Seus beijos, de adoração, e não famintos.

Doeu no peito dela, de tão intenso.

Quando ele finalmente a penetrou profundamente, Hallie precisou fechar os olhos para segurar as lágrimas. Era tão bom, como sempre era com Jack, e ela tentou se perder na sensação física.

Não pense, não pense, não pense.

— Abre os olhos — pediu ele, com a voz rouca. — Por favor?

Ela abriu, e ele engoliu em seco e a olhou. Ela viu as narinas abertas, o maxilar tenso, e, quando encontrou o olhar dele, seus olhos transmitiram palavras fortes e silenciosas. *Adeus. Pela última vez.* Hallie se levantou para beijá-lo, precisando da boca dele. Segurou o pescoço de Jack com força, grudou a boca na dele, e ele a deixou tonta com seus movimentos.

Finalmente, chegaram ao auge, quando as emoções deixaram de ter importância, dominadas pela luxúria nua e crua, e, quando ela mudou de posição para virá-los, ela por cima e ele por baixo, Jack soltou palavrões dignos de marinheiro.

Ele a segurou pelo quadril, apertando os dedos na pele enquanto a via se mexer, mas, quando ele se sentou e a beijou, segurando seu rosto, ela se desfez.

Ela gemeu na boca dele, tensionando e flexionando cada músculo do corpo, e, um segundo depois, ele mordeu o lábio dela e gemeu também.

Jack

Ele se virou e se mexeu, os ajeitando no lençol até ficarem deitados, lado a lado. Hallie estava de olhos fechados, respirando com dificuldade, enquanto os dois se recompunham. Emocionado, ele olhou as sardas no nariz dela, o desenho do lábio dela, e, como um pateta apaixonado, tocou a curva da maçã do rosto dela e disse:

— Tem certeza de que quer acabar com isso, Hal?

Ela abriu os olhos, e ele odiou a expressão neles. Mágoa, distância — ele não sabia bem o que aquele olhar significava, mas com certeza não era nada bom. Ela piscou rápido antes de responder, com a voz tensa:

— Absoluta.

Ele fez que sim com a cabeça e sentou, se levantou da cama e pegou a calça no chão. Sentia um zumbido nos ouvidos e, mesmo sabendo que não queria saber, se escutou perguntar:

— Foi por causa do Alex?

Ele meteu um pé em uma perna da calça, não conseguindo dizer o nome do cara sem ranger os dentes. Porque, honestamente, ele estava com ciúme pra caralho, e chegava a doer.

— Hum, pode-se dizer que sim — disse ela, com a voz seca, e a resposta arrancou o coração dele do peito.

Jack se virou para a cama, e Hallie estava sentada, embrulhada no lençol, com os braços cruzados. Ele engoliu em seco e murmurou:

— Maneiro.

Ela semicerrou os olhos e perguntou:

— Por que você não me falou que contou da aposta para ele?

Ele parou a mão no botão da calça.

— Como é que é?

— Antes do casamento — disse ela, com o olhar irritado. — Você levou um pé na bunda da Kayla, então decidiu contar da aposta pro Alex para *eu* também levar um pé na bunda.

Ele sentiu tudo congelar ao perceber o que aquilo parecia. O que ela pensava. A impressão que dava. Balançou a cabeça e falou:

— Não, não foi nada disso. Eu só falei da aposta porque aquele filho da mãe achava que vocês estavam destinados a ficar juntos.

— E por que você se importa? — perguntou ela, respirando fundo pelo nariz, com os olhos brilhando. — E *foi* isso, sim, Jack, porque você é totalmente responsável por ele terminar comigo.

Ele rangeu os dentes com tanta força que achou que fossem quebrar. Por que se importava? *Porque sinto coisas imensas por você, Hallie.*

Mas ele não podia falar aquilo para ela *agora*.

— Não acredito que você me deixou chorar por ele e não contou a verdade — disse ela.

Jack quis se desculpar, porque se sentia, *sim*, um lixo por ter feito aquilo, mas sua boca não conseguia formar palavras enquanto ela o olhava daquele jeito.

Como se estivesse furiosa por ele estragar o relacionamento dela com aquele cara.

Porque queria Alex, e não ele.

— Desculpa, Hal — disse ele, terminando de vestir a calça e se sentindo um otário por ter aproveitado a chance de transar com ela uma última vez.

Ele não havia conseguido resistir à proximidade dela, mesmo sabendo que depois se arrependeria. Cacete, para ser sincero, ele tinha até esperança de as coisas mudarem.

— Tá — disse ela, mordendo o lábio e puxando o lençol para cima.

Olhar para ela de repente havia começado a doer, e ele precisava ir embora antes de fazer papel de bobo.

— Tenho que tirar o carro da vaga antes do guincho aparecer.

Ele vestiu o resto da roupa e, ao pegar a chave da bancada da cozinha, a ouviu dizer:

— Tchau, Jack.

Em seguida, ela voltou ao quarto e fechou a porta.

Fodeu.

Capítulo VINTE E NOVE

Hallie

Jack: Posso te ligar?

Hallie largou o celular na mesa e suspirou, odiando o coração acelerado ao ver o nome dele na tela.

Porque haviam se passado duas semanas.

Duas semanas de silêncio absoluto.

No começo, tinha ficado feliz pela falta de mensagens — precisava interromper os jogos deles, por questões emocionais. Tinha chorado no chuveiro e a caminho do trabalho na manhã seguinte, onde decidira engolir o choro e superar.

Jack era seu melhor amigo, e isso era o mais importante.

Porém... ele nunca mais a procurou. Não tinha ligado, nem mandado uma mensagem sequer.

Nem em sonho ela imaginava que ele desapareceria assim da vida dela.

Ela sentia tanta saudade que mal suportava. Fechou a planilha e respondeu: São seis horas e eu tô cheia de trabalho, tô tentando acabar para ir para casa.

Antes que pudesse acrescentar alguma coisa, o celular começou a tocar.

— Filho da puta — sussurrou, antes de atender com a voz tensa. — Alô?

— Oi. Como vai o trabalho?

Como o som da voz dele podia ser tão devastador? Hallie olhou o relógio da parede e respondeu:

— Bom. O que houve?

— Quer jantar hoje, quem sabe?

Jack soava sério, e ela odiou que tivessem se tornado aquilo: pessoas sérias que não conversavam mais.

— Eu estava com a esperança de a gente comer e meio que resolver o que tá rolando — continuou ele.

Mentalmente, ela berrou: *Onde você estava nessas duas semanas, porra?!*

Ela suspirou.

— Estou atrasada no trabalho, tenho que ficar aqui. Foi mal.

— Que tal amanhã, então? — perguntou Jack.

Ela não sabia por que havia pensado em dizer aquilo, mas, na voz mais relaxada de todas, respondeu:

— Na verdade, tenho um encontro.

— Ah — disse ele, e pigarreou. — Alguém do aplicativo?

— É.

— Ainda quer ganhar a aposta, né?

Até parece. Até parecia que ela sentia vontade de sair de novo. E como ele ousava brincar com ela daquele jeito, como se fossem amigos? Tentou soar ainda mais tranquila ao responder:

— Claro. Preciso de férias, Jack.

— Não mais do que eu preciso daquela bola de beisebol. Quer ir no Taco Hut depois?

Cacete, tá brincando com a minha cara? Ela desligou o computador.

— Pode ser, mas acho que esse encontro talvez seja dos bons e não precise de tacos.

— Jura? — perguntou ele, com a voz grave.

Ela engoliu em seco.

— Pois é.

O silêncio era pesado e lento, e ela abriu a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas ele falou primeiro:

— Acho que vamos ver, então.

— Acho que sim.

— Onde você marcou? No Charlie's?

— Isso, mas...

— Até amanhã, Hal — interrompeu ele, e desligou.

Hallie largou o celular e soltou palavrões altos, já que a porta da sala estava fechada. *Cacete, cacete, cacete!* Ela havia enlouquecido? Tinha marcado de

conversar com Alex, mas não era um encontro romântico e ela definitivamente não queria encontrar Jack.

Merda.

Deveria ter apenas recusado, mas o cérebro dela pifou assim que ouvira a voz dele.

Jack

— Ai, meu Deus do céu — gritou Olivia, o encarando como se ele fosse um bicho de sete cabeças. — Então você não falou com ela depois daquela noite?

— Cala a boca, Liv — murmurou, mostrando o dedo do meio para a irmã, que surtava por aquela situação ridícula dele.

Ele se virou para Colin e continuou:

— Como você não bate a cabeça na parede todo dia para conseguir aguentar ela?

Colin sorriu para Olivia.

— Encontro jeitos melhores de lidar com minha agressividade.

— Vou vomitar — disse Jack, pegando a garrafa de Dos Equis. — Sério. Que nojo.

Colin e Olivia começaram a rir. Por mais que ele não quisesse admitir, eram mesmo um ótimo casal. As diferenças deles os tornavam perfeitos juntos.

Filhos da puta.

— Então você está apaixonado pela Hallie.

— *Não* — grunhiu ele. — Quer dizer, mais ou menos. Sim. Estou, sim.

— Mas ela só quer ser sua amiga — disse Livvie.

— Talvez nem isso.

— Mesmo que vocês tenham transado enquanto fingiam namorar.

— Desculpa... mas você vai ficar só resumindo a situação? É irritante pra caralho.

— Foi mal — disse ela, rindo. — Só estou tentando entender.

— Se quiser saber — interveio Colin —, o problema é aquele palhaço loiro.

— Como assim? — perguntou Olivia.

— Como assim? — repetiu Jack, chocado, porque nem tinha contado da conversa pós-sexo.

Ele tinha casualmente mencionado o encontro no aeroporto e só.

— Estava tudo indo bem até ela ver o cara no aeroporto — disse Colin, e levou o uísque à boca. — Ela obviamente ou está apaixonada por ele, ou quer entender o que ainda sente por ele.

Isso fez Jack querer socar alguma coisa. Ele tinha começado a digitar a mensagem para Hallie umas cem vezes desde aquela noite, mas toda vez se interrompia, porque, merda, e se ela já tivesse voltado oficialmente com Alex?

Jack nem sabia se ela também estava apaixonada, mas ele precisava de uma última chance.

Olivia falou:

— Não, Jack, não escuta ele. Acho que ela não sabe o que fazer com o que sente por você.

— Vocês não me ajudam em nada.

Ele tinha ido até o apartamento deles só porque não queria ficar sozinho em casa, mas, sentado ali, percebeu que não se sentia melhor com companhia.

— Vou para casa — acrescentou.

— Você precisa contar para ela o que sente — disse Olivia.

— Que Deus me perdoe, mas acho que ela está certa — opinou Colin. — Só conta para ela o que está sentindo, porque a amizade de vocês já está fodida. Vocês nunca vão voltar ao que eram antes, então não tem nada a perder.

— Nossa, você é horrível nisso — afirmou Jack, apavorado por Colin estar certo quanto à amizade dele e de Hallie.

Ironicamente, era o medo que ele sentia desde o início.

— Agora só quero chorar no travesseiro — continuou.

— Vai ficar tudo bem — disse Olivia, indo até o congelador e abrindo a gaveta. — Acabei de fazer bolo de sorvete.

Ele abaixou a cerveja. Estava tudo uma merda, mas talvez sorvete o fizesse se sentir melhor, né?

Não.

Porque, assim que olhou a tigela que Olivia serviu para ele, se lembrou de tomar sorvete com Hallie no chão da sala dela e como ela lambia o pote que nem um gato.

Não existia ninguém como Hallie, e ele estava apavorado de tê-la perdido para sempre.

Capitula
TRINTA

Hallie

você

mesmo

mesmo

Jack

Já era.

Hallie

Ele vai embora?

você

me

meu

raiva

A gente

semanas

da gente

você

Quer?

Jack

Merda.

aquele

Collins

sr. Collins.

Hallie

Eu?

apaixonado

tão

Jack

VSE

ache

achar

Jack: Estou em um encontro e acho que conheci a mulher perfeita. É falta de educação apressar ela no jantar porque estou louco para levar ela pra cama?

Hallie: Sério, seu bobo, “levar pra cama” é péssimo.

Jack: Que tal “estou louco para entrar em ação com ela”?

Hallie: Parece que quer que ela te ajude a matar alguém.

Jack: Já sei. Estou louco para me envolver com ela no ato físico do amor.

EPÍLOGO

Véspera de Natal

meu garoto

sete noites

E isso é só parte do presente

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA



Omaha World-Herald

*Melhor do que
nos filmes Amor por engano Mil vezes amor Apostando no amor Não é como
nos filmes*

Da mesma autora de *Melhor do que nos filmes*

LYNN PAINTER



SORTE

NO

AMOR



Quem se apaixonar primeiro ganha